

RODRIGO ORNELLAS BRITTO

**OS SIGNIFICADOS E SENTIDOS DE SER BENEFICIÁRIA DO
PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA ATENDIDA NA UNIDADE DE SAÚDE
DA FAMÍLIA VILA DOS PESCADORES EM CUBATÃO/SP**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de São Paulo – Instituto de Saúde e Sociedade - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde, para obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde.

SANTOS

2017

Errata:

Na folha nº _____ onde se lê: " _____ ", leia-se: " _____ " .

RODRIGO ORNELLAS BRITTO

**OS SIGNIFICADOS E SENTIDOS DE SER BENEFICIÁRIA DO
PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA ATENDIDA NA UNIDADE DE SAÚDE
DA FAMÍLIA VILA DOS PESCADORES EM CUBATÃO/SP**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de São Paulo – Instituto de Saúde e Sociedade - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde, para obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde.

Orientador:

Prof. Dr. Carlos Roberto de Castro e Silva

SANTOS

2017

Britto, Rodrigo Ornellas

Os significados e sentidos de ser beneficiária do programa bolsa família, atendidas na unidade de saúde da família da vila dos pescadores, no município de Cubatão/SP. / Rodrigo Ornellas Britto. – Santos, 2017.

____, ____.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Paulo. Instituto de Saúde e Sociedade. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde.

Título em inglês: The meanings and senses of being a beneficiary of the Bolsa Família Program, met at the Family Health Unit of Vila dos Pescadores, in Cubatão/SP council.

1. Significados. 2. Sentidos 3. Programa Bolsa Família 4. Vulnerabilidade Social.

Universidade Federal de São Paulo
Instituto de Saúde e Sociedade
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da
Saúde

Chefe do Departamento: _____

Coordenador do curso de pós-graduação: _____

Rodrigo Ornellas Britto

**OS SIGNIFICADOS E SENTIDOS DE SER BENEFICIÁRIA DO
PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA ATENDIDA NA UNIDADE DE SAÚDE
DA FAMÍLIA VILA DOS PESCADORES EM CUBATÃO/SP**

Presidente da banca:

Prof. Dr. _____

Banca examinadora:

Prof. Dr. _____

Prof. Dr. _____

Prof. Dr. _____

Prof. Dr. _____

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação de mestrado a todas as mulheres presentes e em memória que contribuíram com meus sentimentos perante a vida!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, minha mãe Mari Solange, ao seu companheiro Ney, a minha querida avó Olívia Ornellas pelo apoio, dedicação e carinho comigo durante todo este percurso.

Ao meu querido pai José Carlos de Britto, o qual me deixou eterna e doce lembrança de nosso convívio até meus 6 anos de idade.

Ao meu filho de quatro patas, Pingo, por todo suporte sutil e silencioso, que através de seu olhar acolheu todas as minhas angústias.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa durante todo o período de realização deste mestrado.

À Universidade Federal de São Paulo por ter me acolhido como aluno da pós-graduação.

Agradeço a oportunidade, suporte e acolhimento ao meu orientador Carlos Roberto de Castro e Silva.

À banca de professores, profa. Andrea Jurdi, Maria Izabel, Tânia Diniz e Marina Vieira por dedicarem tempo e atenção ao analisarem e contribuírem para o amadurecimento da dissertação.

A minha querida amiga Juliana Santana, pelo apoio incondicional e por ter me ajudado no desenvolvimento da dissertação.

Ao meu psicoterapeuta Armando de Freitas Pinho por toda sua dedicação em seus atendimentos e problematização no desenvolvimento da dissertação.

Aos colegas Raúl Franklin, Ramiz Candeloro, Rafael Ferreira, Karina Rosa, Pamela Barbosa pelo tempo dedicado ao apoiarem-me no desenvolvimento e problematização da pesquisa.

Aos colegas e aos funcionários do departamento do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo.

Agradeço imensamente pela dedicação e contribuição dos agentes comunitários de saúde e gerência da unidade de saúde da família de Cubatão, como também à secretária de saúde do município.

A minha amiga Marly Vicente, pelo tempo dedicado a mim, e pelo conhecimento e sabedoria compartilhados.

Agradeço especialmente as beneficiárias do Programa Bolsa Família por terem aceitado e por terem gentilmente compartilhado um pouco das suas histórias de vida.

Ao meu Tio Léo e minhas primas Fabíola Ornellas e Fiorella Ornellas pelo apoio na realização do mestrado.

Ao meu Tio Oswaldo Meneses o qual terei para sempre em minhas melhores lembranças!

À professora Lumena Celi Teixeira por ter me inspirado a seguir esta área da Psicologia.

Ao professor Raoni de Azevedo pelas aulas de reforço em inglês e confiança depositada em mim.

Por fim, agradeço a todos aqueles que de alguma forma estiveram acompanhando esta trajetória.

“[...]”

*A gente não quer só comida
A gente quer comida, diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída para qualquer parte*

*A gente não quer só comida
A gente quer bebida, diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida como a vida quer*

*Bebida é água
Comida é pasto
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?*

*A gente não quer só comer
A gente quer comer e quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer pra aliviar a dor*

*A gente não quer só dinheiro
A gente quer dinheiro e felicidade
A gente não quer só dinheiro
A gente quer inteiro e não pela metade
[...]”*

Titãs – Comida (1987)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACMA	Agente Comunitária de Meio Ambiente
ACS	Agente(s) Comunitária(s) de Saúde
BPC	Benefício de Prestação Continuada
CadÚnico	Cadastro Único
CEF	Caixa Econômica Federal
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
ESF	Estratégia de Saúde da Família
IBGE	Instituto brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IGD	Índice de Gestão Descentralizada
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IVS	Índice de Vulnerabilidade Social
LOAS	Lei Orgânica da Assistência Social
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
NIS	Número de Identificação Social
ONU	Organização das Nações Unidas
PBE	Programa Bolsa Escola
PBF	Programa Bolsa Família
PIB	Produto Interno Bruto
PSF	Programa Saúde da Família
PETI	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
SENARC	Secretaria Nacional de Renda e Cidadania
SICON	Sistema de Condicionalidades
UBS	Unidade Básica de Saúde
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
USF	Unidade de Saúde da Família
VP	Vila dos Pescadores

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo geral compreender os significados e sentidos de ser beneficiária do programa bolsa família, atendida na unidade de saúde da família da Vila dos Pescadores, no município de Cubatão/SP. Esta pesquisa tem como eixo a abordagem qualitativa na perspectiva da Psicologia Social Crítica entendendo a subjetividade como algo inerente ao social, porém, em dialética com o sujeito e sua história peculiar de vida, estando aqui o caminho para o sentido. Utilizando-se da proposta metodológica de Angrosino (2009), desse modo, as observações no campo têm vistas à compreensão e apreensão dos aspectos e dinamismos da categoria trabalhada, principalmente em relação aos significados atribuídos. As entrevistas semidirigidas têm como foco a apreensão dos significados e sentidos da vivência de ser beneficiária na comunidade Vila dos Pescadores. A análise dos dados obtidos foi realizada segundo os pressupostos da Psicologia Social Crítica, baseado na Epistemologia Qualitativa de González Rey. Os principais resultados objetivos são a importância geral do programa na comunidade, a insuficiência do benefício, possibilitando apenas o alívio imediato da condição de pobreza, como também o impacto significativo do benefício percebido como autonomia moral e das condicionalidades na percepção de direito do programa e seu reflexo positivo na saúde destas pessoas. E os resultados dos sentidos subjetivos foram a visibilidade e reconhecimento social em ser beneficiária do programa, e a dignidade possibilitada por estar inclusa, de certa forma, através do pagamento do benefício, na dimensão de mercado de nossa sociedade, possibilitando uma transformação psicossocial. Assim, o aspecto subjetivo possibilitou compreender melhor os sentidos da vivência de ser beneficiária do programa bolsa família.

Palavras-chaves: significados, sentidos, programa bolsa família, vulnerabilidade social.

ABSTRACT

This research has as general objective to comprehend the meanings and the senses of being a beneficiary of the Bolsa Família program, attended at the family health unit of the Vila dos Pescadores, in the city of Cubatão/SP. This research has as its axis the qualitative approach from the perspective of Critical Social Psychology understanding the subjectivity as something inherent to the social, but in dialectics with the subject and his peculiar history of life, being here the path to the meaning. Using the Angrosino (2009) methodological proposal to achieve this goal. Thus, the observations on field has view to comprehensive and apprehension of elements and dynamics of the category worked, mainly in relation to social meanings. The semi-directed interviews and the participant observation focuses on an apprehension of the meanings and senses of the experience of being a beneficiary in the Vila dos Pescadores community. The analysis of the data obtained was performed according to the assumptions of Critical Social Psychology, based on qualitative Epistemology of González Rey. The main objective results are the general importance of the program in the community, the insufficiency of the benefit, allowing only the immediate relief of the poverty condition, as well as the significant impact of perceived benefit as moral autonomy and conditionalities on the perceived right of the program and its positive impact on the health of these people. And the results of subjective senses are the visibility, social recognition in being a beneficiary of the program and dignity made possible by being included, somehow, through the payment of the benefit, in market dimension of our society, allowing a psychosocial transformation. Thus, the subjective aspect made it possible to better understand the sense of the experience of being a beneficiary of the Bolsa Família program.

Keywords: meanings, senses, bolsa família program, social vulnerability.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. POBREZA NO BRASIL E FORMAS DE SEU ENFRENTAMENTO.....	21
3. O PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA.....	26
3.1 Benefícios.....	30
3.2 Condicionalidades.....	31
3.3 PBF em Cubatão.....	32
3.3.1 Dados do PBF na Educação de Cubatão.....	33
3.3.2 Dados do PBF na Saúde de Cubatão.....	33
3.4 Pontos Críticos do PBF.....	33
4. OBJETIVOS.....	35
4.1 Objetivo Geral.....	35
4.2 Objetivos Específicos.....	35
5. METODOLOGIA.....	36
5.1 Observação Participante e Diário de Campo.....	38
5.2 Entrevista Semidirigida.....	39
5.3 Caracterização do Local da Pesquisa.....	40
5.4 Análise dos Resultados.....	45
5.5 Procedimentos Éticos.....	46
6. SISTEMATIZAÇÃO DE RESULTADOS.....	47
6.1 Indicador Política Social.....	48
6.2 Indicador Intersubjetividade.....	53
7. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	55
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS.....	83
ANEXO A.....	95
ANEXO B.....	96
ANEXO C.....	97
ANEXO D.....	98
APÊNDICE A.....	102
APÊNDICE B.....	103

APÊNDICE C.....	124
APÊNDICE D.....	149

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa qualitativa em psicologia começou antes mesmo de ir a campo ou redigir o projeto, até mesmo pensá-lo. Começou com inquietações e indagações acerca de minha própria condição de vida material e a condição de existir afetivamente sendo criado e obtendo laços fortes com mulheres. Ora, minha mãe perdeu seu marido, meu pai, ao meus seis anos de idade, a família que sempre foi pobre se uniu, uma tia, irmã de minha mãe e minha própria avó, compartilharam esta tarefa, com carinho, afeto e cuidado.

Isto confere à pesquisa o tom pessoal e de motivação para concebê-la e impulsioná-la. Observando que o autor do referencial teórico aqui contemplado nos proporciona a reflexão de que o processo de se fazer pesquisa, principalmente, qualitativa, se dá em forma de diálogo entre pesquisador e pesquisado, onde pesquisador e objeto estão entrelaçados em diversos aspectos, seja a partir de uma perspectiva objetiva ou subjetiva, com sua história de vida, tramas emocionais e aspectos mais objetivos e concretos, como a possibilidade de se fazer a pesquisa, a disponibilidade da academia e etc.

Portanto, logo ao perder meu pai em um contexto de racismo no trabalho, pois o mesmo era negro, e em meu primário também ter sofrido injúrias raciais, diante tal olhar mesclado com o de inferioridade socioeconômica, estava em minha história de vida um bom arcabouço empírico para questionar a pobreza e a miséria social, ressaltando o que aponta o estudo “Retrato das desigualdades de gênero e raça”, de Brasil/Ipea (2011), onde a pobreza possui cor, a negra. Já na pré-adolescência perguntava-me sobre os motivos da pobreza e as consequências psicossociais da mesma. Na adolescência os reflexos da tenra dificuldade e na fase adulta diante a graduação e maior empoderamento, volto-me à pesquisa científica como uma das possibilidades de resposta, ou melhor, problematização, ampliação dos antigos questionamentos.

Como na pesquisa, na vida, estive perante a pobreza e diante de mulheres que suportaram enorme pressão psicossocial de diversas formas e em diferentes momentos, como também pude experimentar o olhar penoso de inferioridade.

Este caminho mais pessoal e afetivo encontrou nos anos finais de formação em psicologia maior sentido ao estudar e realizar trabalho de conclusão de curso na área de psicologia social, como também, maior praticidade nos estágios de psicologia institucional e, principalmente, no Centro de Referência Especializada de Assistência Social de Santos.

Formava-se então a estrutura do pensamento crítico social, construído pelas experiências de vida e os significados contemplados e sistematizados em psicologia social, desta forma pude dar maior sentido e personalidade ao conhecimento abarcado, solidificando-se à ponto de trazê-lo à pós-graduação.

Cabendo a pergunta da presente pesquisa: quais os significados e sentidos de ser beneficiária do programa bolsa família em contexto de vulnerabilidade social?

Assim, podemos visualizar melhor as motivações que trazem a construção desta pesquisa à presente realidade, cabendo aqui iniciarmos a introdução formal da mesma.

Introduzir esta pesquisa é trilhar o caminho para contextualizar seu objetivo geral: compreender os significados e sentidos de ser beneficiária do programa bolsa família, atendida na unidade de saúde da família da Vila dos Pescadores, no município de Cubatão/SP.

Cabe aqui então a questão da exclusão/inclusão social no Brasil que é e está cada vez mais presente no dia-a-dia ficando claras, por exemplo, a má distribuição de renda e a desigualdade social.

O campo desta pesquisa foi o aglomerado subnormal, assim denominado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) (BRASIL/IBGE, 2010b), e bairro do município de Cubatão/SP, Vila dos Pescadores (Ex-Vila Siri) o qual apresenta índice considerável de vulnerabilidade social, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), de 0,405 no ano de 2010, sendo que em uma escala que varia entre 0 a 1, em que 0 corresponde à situação ideal, ou desejável, e 1 corresponde à pior situação (BRASIL/IPEA, 2013c).

Tal índice utilizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) destaca-se por ir além de um entendimento reducionista dos contextos de pobreza, pois ultrapassa a noção de renda, e aborda a noção de capital humano e também de

infraestrutura urbana, juntos, os três formam ativos, cuja posse ou privação determinam as condições de bem-estar das populações nas sociedades contemporâneas.

Perante este panorama de vulnerabilidade social o programa bolsa família se apresenta com o objetivo próprio de contribuir para o combate à pobreza e à desigualdade social no país. Visando atender às famílias em situação de pobreza e extrema pobreza, caracterizadas pela renda familiar mensal per capita de até R\$ 154,00 (cento e cinquenta e quatro reais) e R\$ 77,00 (setenta e sete reais) (BRASIL, Decreto N° 5.209, 2004, art. 18).

Segundo site do MDS (BRASIL/MDS, 2015d), instituído há mais de 10 anos, em outubro de 2003, o programa visa, principalmente, o combate à pobreza e à desigualdade através de 3 grandes eixos:

Complemento da renda — através de benefício em dinheiro;

Acesso a direitos — por meio das condicionalidades, que têm como objetivo reforçar o acesso à educação, à saúde e à assistência social;

Articulação com outras ações — através de outros programas do governo que estão associados e disponíveis para cidadãos cadastrados no CadÚnico (Cadastro Único) para programas sociais.

Ao encontro da descrição geral do programa e objetivo do mesmo, dispomos de dado geral sobre o seu impacto na redução da pobreza e desigualdade de renda principalmente através do documento do IPEA intitulado Programa Bolsa Família: uma década de inclusão e cidadania, de 2013, demonstrando que, entre 2001 e 2011, as transferências do governo federal, incluindo o Bolsa Família e o Benefício de Prestação Continuada (BPC), contribuíram entre 15% e 20% da redução observada da desigualdade de renda (BRASIL/IPEA, 2013f).

Diante disto, cabe-nos perguntar sobre a influência do programa bolsa família na vivência das beneficiárias mediante significados sociais e sentidos subjetivos produzidos no cotidiano das mesmas. Destacando as condicionalidades do programa como um fator importante para processos de emancipação e transformação social.

Tais experiências, apontam em algumas direções, como a importância da transferência de renda para a sobrevivência do grupo familiar; neste contexto, o PBF

(Programa Bolsa Família) também possibilitaria reflexos no reordenamento do espaço doméstico, na autoestima, no empoderamento, na autonomia e acesso feminino ao espaço público, refletindo também em possível cidadania, principalmente ao cumprir as condicionalidades do programa, por exemplo, ao participar da vida escolar dos filhos, cuidar de sua saúde e a de seus filhos na Unidade de Saúde da Família (USF).

O referencial teórico aqui empregado para entendermos a busca do sentido de ser beneficiária na Vila dos Pescadores, foi da psicologia social sócio-histórica através do olhar do teórico González-Rey, para ele a subjetividade é uma produção social em dinâmica dialética com o sujeito e suas peculiaridades de vida, portanto, manifestando o sentido subjetivo (GONZÁLEZ REY, 2007).

Assim, o sentido subjetivo seria a forma pela qual a multiplicidade de elementos presentes na subjetividade social com seus significados, bem como todas as condições objetivas de vida do mundo social se organizam numa dimensão emocional e simbólica através do indivíduo e sua história de vida (GONZÁLEZ REY, 2007).

Para aplicar tal conhecimento em pesquisa qualitativa, recorreremos à Angrosino (2009), por meio de técnicas de coletas de informações, a observação participante e entrevista semidirigida, juntas irão compor base metodológica típica da abordagem qualitativa baseada em etnografia (ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças), que permitirão ao pesquisador conhecer seu objeto de estudo e construir a pesquisa.

Com os instrumentos escolhidos têm como objetivo contextualizar sócio e historicamente as questões relacionadas às beneficiárias do programa bolsa família. Desse modo, de forma geral, as observações no campo têm vistas à compreensão e apreensão dos aspectos e dinamismos da categoria trabalhada, principalmente em relação ao contexto social de vulnerabilidade.

Falar em significados e sentidos de ser beneficiária é poder demonstrar como estes indivíduos experienciam questões ligadas à vivência no programa perante vulnerabilidade social, isto pode não só oferecer dados que ajude fortalecê-los, como também, gerar reflexão e compreensão acerca da possível cidadania exercida pelo programa, possibilitando futuramente servir de embasamento para a gestão de políticas públicas mais efetivas para a categoria trabalhada.

Segundo boletim informativo chamado “O Brasil sem miséria em seu município”, do site do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), em novembro de 2015, o município de Cubatão tinha 2.939 famílias no Programa Bolsa Família (7,92 % da população do município). Isso representa 48,58 % do total estimado de famílias do município com perfil de renda do programa (cobertura de 48,58 %). Além disso, foram transferidos R\$ 411.186,00 às famílias beneficiárias do programa em novembro de 2015 (BRASIL/MDS, 2015j).

Através do relatório informativo, no site do MDS, sobre o Bolsa Família e Cadastro Único no município de Cubatão (BRASIL/MDS, 2015k), em relação às condicionalidades, o acompanhamento da frequência escolar, com base no bimestre de setembro de 2015, atingiu o percentual de 97,7%, para crianças e adolescentes entre 6 e 15 anos, o que equivale a 3.644 alunos acompanhados em relação ao público no perfil equivalente a 3.729. Para os jovens entre 16 e 17 anos, o percentual atingido foi de 88,9%, resultando em 683 jovens acompanhados de um total de 768.

Já o acompanhamento da saúde das famílias, na vigência de junho de 2015, atingiu 41,4 %, percentual equivale a 1.068 famílias de um total de 2.579 que compunham o público no perfil para acompanhamento da área de saúde do município. (BRASIL/MDS, 2015k).

Por fim, estes dados refletem o impacto do programa bolsa família no município de Cubatão corroborando para a justificativa desta pesquisa. Tendo em vista que há poucos trabalhos de abordagem qualitativa, principalmente, utilizando-se desta metodologia, então há aqui suma importância em potencializar os resultados deste tipo de pesquisa para a sociedade e também para a comunidade científica no geral. Portanto, procurando dar voz a estes sujeitos, os quais encontram-se submetidos, por diversas vezes, a dados quantitativos.

Assim iremos apresentar como o programa funciona, procurar entender o contexto social onde ocorreu a pesquisa, como também a aplicação da metodologia aqui utilizada juntamente ao referencial teórico aqui empregado, e por fim, buscar a compreensão dos significados e sentidos de ser beneficiária neste local.

2. POBREZA NO BRASIL E FORMAS DE SEU ENFRENTAMENTO

Este capítulo apresenta a concepção de pobreza como fenômeno complexo e multidimensional, situando-a como expressão de relações vigentes historicamente na sociedade brasileira na perspectiva do enfrentamento da mesma no país.

Em vista de introduzir conceitualmente e já nos apresentando o caráter histórico da pobreza:

O entendimento é de que o sistema de produção capitalista, centrado na expropriação e na exploração para garantir a maisvalia, e a repartição injusta e desigual da renda nacional entre as classes sociais são responsáveis pela instituição de um processo excludente, gerador e reproduzidor da pobreza, entendida enquanto fenômeno estrutural, complexo, de natureza multidimensional, relativo, não podendo ser considerado como mera insuficiência de renda é também desigualdade na distribuição da riqueza socialmente produzida; é não acesso a serviços básicos; à informação; ao trabalho e a uma renda digna; é não a participação social e política (SILVA, 2010, p 157).

A autora nos apresenta a pobreza como sendo expressão direta das relações vigentes na sociedade, reflexo de um sistema capitalista, extremamente desigual, onde acabam convivendo acumulação e miséria, sendo os “pobres” frutos dessas relações desiguais, definindo um lugar social para os mesmos, permeado pela desqualificação de suas crenças, seu modo de se expressar, comportamento, pensamento, valores, tomando assim contorno de qualidades negativas, justamente por suas condições sociais.

Importante ampliação do conceito sobre pobreza, segundo Yazbek, é que a mesma não se reduz à apenas privações materiais, e baseada em Martins (1991, p. 15 apud Yazbek, 2012), irá nos atentar justamente sobre o aspecto multidimensional da pobreza, pois o mesmo não está apenas reduzido ao material, mas sim também uma categoria política que se expressa pela carência de direitos, oportunidades, informações, possibilidades e esperança.

Outro lado relevante sobre a pobreza, é o aspecto mais subjetivo, que para Yazbek (2012) se trata de um universo marcado pela subalternidade, pela revolta

silenciosa, humilhação, fadiga, alienação, resistência, trazendo também outro aspecto à tona, a profunda estigmatização dos pobres.

Neste caminho da subjetividade, Sawaia (2014, p. 99 - 119) propõe o uso da categoria de sofrimento ético-político, das pessoas que se encontram perante exclusão social, no qual este sofrimento sentido subjetivamente possui gênese nas inter-relações delineadas pelo social calcadas nas injustiças sociais, desvelando o caráter ético permeado pelo Estado através das políticas públicas. Tal sofrimento ético-político, que voltado aos excluídos ou “perversamente incluídos” é configurado por meio de um olhar penoso, de inferioridade social/pessoal e humilhação social, de incapacidade, olhar que o posiciona como subalterno ou até mesmo apêndice inútil da sociedade, e também, mediante das dificuldades concretas da realidade social da exclusão, percebendo-se em plena injustiça social, tornando de alguma forma o sujeito menos confiante em sua potência de agir.

Apesar de não ser o objetivo aqui realizar uma retomada histórica sobre o enfrentamento da pobreza no Brasil, porém, vale ressaltar de forma pontual e muito breve tais ações para compreendermos o caminho percorrido até o programa bolsa família.

Yazbek (2012) atenta que diante do período colonial e imperial perante a escravidão, colocaram os trabalhadores à própria sorte até fins do século XIX com ações sociais e filantrópicas, principalmente, de cunho religioso e de redes de solidariedade, como por exemplo a Irmandade de Misericórdia, e que aos poucos foram cedendo espaço a políticas.

Segundo Sposati (1988, p. 87) este modelo mudou, proporcionando “a passagem da economia mercantil escravista para a economia exportadora capitalista, que caracteriza o Brasil no final do Império e nos primeiros anos da Velha República”.

Neste momento se faz necessário citar que:

No início do século XX, a pobreza é vista como incapacidade pessoal e objeto da benemerência e da filantropia. Aos poucos, com o desenvolvimento da urbanização e com a emergência da classe operária e de suas reivindicações e mobilizações, que se expandem a partir dos anos 1930, nos espaços das cidades, a “questão social” passa a ser o fator impulsionador de medidas estatais de proteção ao trabalhador e sua família (YAZBEK, 2012, p. 296).

Deste modo as políticas sociais começam a tomar forma e conteúdo como resposta às necessidades do processo de industrialização, através da legislação trabalhista, com a classe trabalhadora tendo seus direitos garantidos. Porém, ainda para os trabalhadores pobres, sem carteira assinada ou desempregado, restando apenas a filantropia (YAZBEK, 2012).

Com o tempo, as velhas formas de socorrer os pobres gestadas na filantropia e na benemerência evoluem, passando desde “a arrecadação de fundos para a manutenção de instituições carentes, auxílio econômico, amparo e apoio à família, orientação maternal, campanhas de higiene, fornecimento de filtros, assistência médicoodontológica, manutenção de creches e orfanatos, lactários, concessão de instrumentos de trabalho etc.” até programas explicitamente anunciados, como de combate à pobreza. Assim, no âmbito da assistência social são desenvolvidas políticas para a infância e para a adolescência, para idosos, para necessitados e grupos vulneráveis (YAZBEK, 2012, p. 298).

Assim, é na relação entre sociedade e Estado que surgem os Estados de Bem-Estar Social (Welfare States) que se firmaram como intervenções estatais pelas necessidades sociais decorrentes do desenvolvimento capitalista, visando favorecer o bem-estar e cidadania da população (PINTO, 2010). Tal modelo de bem-estar social pode ser caracterizado, aqui no Brasil, como os programas de transferência de renda.

Porém tal modelo apenas fora possibilitado já na década de 80 onde marca o avanço para a democracia brasileira, a redemocratização do país, após 21 anos de ditadura, seguida pela promulgação da Constituição Federal em 1988, conhecida como Constituição Cidadã, fruto de muita mobilização popular, por conseguinte, após cinco anos da promulgação da Constituição, os artigos concernentes a Assistência Social foram regulamentados pela Lei 8.742, de dezembro de 1993, a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), fruto de mobilização coletiva promovida por segmentos democráticos. Introduzindo a noção de direitos sociais universais como parte da condição de cidadania. E também, como enfrentamento à pobreza, oferecendo bases para uma cobertura social não dependente do custeio individual direto, universalizada em seu acesso e de responsabilidade estatal (AGUIAR, 2010).

Com isto, a assistência social passa a ser política pública inserida no sistema de seguridade social juntamente com a saúde e a previdência social. O que antes era favor torna-se direito do cidadão e dever do Estado (AGUIAR, 2010).

Pinto (2010) expõe que o embrião dos programas de transferência condicionada de renda, se dá em 1991 pelo senador Eduardo Suplicy, que propôs o Projeto de Lei nº 80/1991. Esse projeto instituiu o Programa de Garantia de Renda Mínima para todo brasileiro acima de 25 anos de idade, cujo objetivo era distribuir renda e combater a pobreza.

Cabe aqui observar que as diversas experiências internacionais de programas de transferência de renda surgiram primeiramente nos países desenvolvidos no século XX, no momento em que o Estado de Bem-Estar Social ganhava concretude, principalmente após a Crise de 29 “A Grande Depressão” e Pós II Guerra Mundial (FROTA; DIAS; ZIMMERMANN, 2011).

Os países nórdicos da Europa foram os pioneiros na introdução de programas de transferência de renda, adotados há mais de seis décadas pela Dinamarca em 1933, Reino Unido 1948; Finlândia (56), Suécia (57), Alemanha - Arbeitslosengeld II (61) - Sem condicionalidades, França - RMI (revenu minimum d’insertion) (88), EUA - AFDC – Ajuda a Famílias com Crianças Dependentes; Medicaid; House Assistance; EITC (Earned Income Tax Credit), México – Oportunidades (2º Maior), Argentina - Ciudadanía Porteña, Chile – Chile Solidario, entre outros (ZIMMERMANN; FROTA, 2008).

Conforme Banco Mundial (2015) há mais de 100 países no mundo com programas de transferência de renda e mais de 50 com condicionada, seja em países desenvolvidos ou países em desenvolvimento.

Basicamente os programas de transferência de renda são divididos em universais e focalizados, este último é direcionado a um grupo específico da sociedade, por exemplo pessoas que vivem em baixa renda, já o primeiro, é universal, para todos os cidadãos (FROTA; DIAS; ZIMMERMANN, 2011).

Os Programas de Transferência Condicionada de Renda, o qual faz parte desta pesquisa, têm ganhado popularidade nos países em desenvolvimento. Esses programas consistem essencialmente na transferência de quantias em dinheiro para famílias pobres. A transferência é condicionada por exigir uma ou várias contrapartidas da família beneficiada, por exemplo, zelar pela frequência de seus filhos à escola (SOARES, S. S. D., et. al., 2007).

E, com o governo Lula, a partir de 2003, questões sociais, principalmente, o enfrentamento da pobreza passou a ser alvo de novas abordagens, assim o nascimento do Programa de Transferência Condicionada de Renda Bolsa Família foi resultado da unificação de quatro programas federais: Bolsa Escola, Bolsa Alimentação, Vale Gás e Cartão Alimentação. Apresentando como objetivos principais, combater a fome e a pobreza por meio da transferência de renda, procurando promover a inclusão social das famílias, possibilitando romper o ciclo intergeracional de reprodução da pobreza (BRASIL/MDS, 2015d).

Por intermédio desta breve iniciação e contextualização de como a pobreza foi abordada no Brasil, até chegarmos no programa bolsa família, como um dos braços mais atuais para enfrentá-la, seguiremos para o próximo capítulo visando entender o funcionamento geral deste programa.

3. O PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA

Como apresentado no primeiro capítulo desta dissertação a questão da exclusão/inclusão social no Brasil é e está cada vez mais presente no dia-a-dia ficando claras a má distribuição de renda e a desigualdade social.

Perante este panorama brasileiro o programa bolsa família se apresenta com o objetivo geral de contribuir para o combate à pobreza e à desigualdade social no país. Visando atender às famílias em situação de pobreza caracterizada pela renda familiar mensal per capita de até R\$77,01 até R\$ 154,00 (cento e cinquenta e quatro reais), e extrema pobreza, com renda familiar mensal per capita de R\$ 77,00 (setenta e sete reais), sendo importante frisar que as famílias pobres participam do programa, sob condição de terem em sua composição gestantes e crianças ou adolescentes entre 0 e 17 anos (BRASIL, Decreto N° 5.209, 2004, art. 18).

Segundo site do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome sobre o programa (BRASIL/MDS, 2015d), apresenta que há mais de 10 anos, em outubro de 2003, coordenado, gerido e operacionalizado pelo mesmo ministério, visa o combate à pobreza e a desigualdade através de 3 grandes eixos:

Complemento da renda — todos os meses, as famílias atendidas pelo Programa recebem um benefício em dinheiro, que é transferido diretamente pelo governo federal, pela Caixa Econômica Federal. Esse eixo garante o alívio mais imediato da pobreza.

Acesso a direitos — as famílias devem cumprir alguns compromissos (condicionalidades), que têm como objetivo reforçar o acesso à educação, à saúde e à assistência social, configurando-se como importante fator do caminho para a construção da cidadania.

Articulação com outras ações — o programa bolsa família tem capacidade de integrar e articular várias políticas sociais a fim de estimular o desenvolvimento das famílias, contribuindo para elas superarem a situação de vulnerabilidade e de pobreza, como por exemplo, através de outros programas do governo que estão associados e disponíveis para cidadãos cadastrados no CadÚnico (Cadastro Único) para programas sociais.

Neste sentido, o adequado cumprimento das condicionalidades significa proporcionar que as famílias beneficiárias tenham acesso às políticas sociais, as quais são de direito de cada cidadão, com a intenção de que em longo prazo as famílias tenham mais chances de sair e de superar a sua situação de pobreza, com isto refletindo de forma macro na disparidade da desigualdade social.

Para ilustrar isto, segundo Informe número 493 do site do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Brasil/Mds (2015c), o Programa Bolsa Família (PBF) completou 12 anos de existência em 2015, atendendo cerca de 13,8 milhões de famílias, que receberam em média R\$ 164 mensais, com volume de recursos da ordem de R\$ 27,7 bilhões no ano. Com esses valores transferidos às famílias, o PBF alcançou resultados muito significativos no combate à pobreza e à exclusão social. Estudos demonstram que o Programa foi responsável por pelo menos 15% da queda desigualdade da renda per capita domiciliar das famílias brasileiras desde 2001.

Para se candidatar ao programa é necessário a família estar inscrita no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (instrumento de identificação e caracterização socioeconômica das famílias brasileiras de baixa renda) por intermédio do órgão responsável pelo programa na esfera municipal, e realize atualização cadastral no prazo máximo de dois anos da data da inclusão, sendo a seleção das famílias feita mensalmente pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome de forma automatizada por meio da Secretaria Nacional de Renda e de Cidadania (SENARC) (BRASIL/MDS, 2015d).

Após ter sido selecionado, o recebimento do benefício é feito pelo cartão magnético bancário, fornecido pela Caixa Econômica Federal, com a respectiva identificação do responsável, mediante o Número de Identificação Social (NIS), de caráter único, pessoal e intransferível.

Apesar da linha de pobreza do Programa Bolsa Família ser de R\$ 154,00, a chamada regra de permanência, estabelecida pela Portaria GM/MDS no 617, de 11 de agosto de 2010, assegura a permanência da família por um prazo mínimo de dois anos desde que sua renda se mantenha abaixo de meio salário mínimo (R\$ 440,00 atualmente) (BRASIL/MDS, 2015f).

Caso o aumento na renda seja superior a meio salário mínimo por pessoa, o beneficiário conta com outro tipo de proteção, criada em 2011: o retorno garantido. A vantagem é que, ao desligar-se voluntariamente, o beneficiário tem o prazo de até 3 anos para retornar imediatamente ao programa caso volte a necessitar (BRASIL/CEF, 2015a). Dados do balanço de 2015 do MDS demonstram que em 11 anos, 3.155.201 famílias saíram voluntariamente do programa de transferência de renda (BRASIL/MDS, 2015g).

Na área social, em seu objetivo geral, de combater a desigualdade social e a pobreza, segundo estudo do Relatório de Desenvolvimento Humano 2015 – Trabalho para o Desenvolvimento Humano, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) abordado no site do governo federal, pelo Portal Brasil, o relatório destaca a importância do programa bolsa família para o crescimento do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) obtido pelo Brasil nos últimos anos. A matéria expõe que o IDH brasileiro alcançou o nível 0,755 em 2014, em uma alta de pouco mais de 10,5% ante o índice de 0,683, em 2000 (BRASIL/MDS, 2015h).

O site ainda aponta citando o Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), nesse contexto, o Bolsa Família como fator importante para o avanço do IDH apontando o programa como exemplo a ser copiado por outros países.

Por fim, o site nos apresenta que o programa de complementação de renda teve efeito na queda do Índice de Pobreza Multidimensional, que considera, além da renda, as condições de saúde, educação e padrão de vida. De 2006 a 2014, o índice teve redução de 27,5%, passando de 4% para 2,9% de brasileiros nesta condição (BRASIL/MDS, 2015h).

De forma a corroborar tal dado, em matéria publicada pelo Banco Mundial, abordando os aspectos gerais de desenvolvimento social no Brasil, é exposto que entre 2003 e 2013 o país viveu uma década de progresso econômico e social em que mais de 29 milhões de pessoas saíram da pobreza e a desigualdade foi reduzida significativamente (o coeficiente de Gini [parâmetro internacional usado para medir a desigualdade de distribuição de renda] caiu 6% em 2013, chegando a 0,54), tal coeficiente varia entre 0 e 1, sendo que quanto mais próximo do zero menor é a desigualdade de renda num país, ou seja, melhor a distribuição de renda. Quanto mais próximo de um, maior a concentração de renda num país. A renda dos 40% mais

pobres da população cresceu, em média, 6,1% (em termos reais) entre 2002 e 2012, em comparação aos 3,5% de crescimento da renda da população total (BANCO MUNDIAL, 2015).

A fim de estabelecer pequeno retrato de alguns dados do Bolsa Família retirados do relatório de informações do bolsa família e cadastro único da Sagi (Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação), do MDS, o programa beneficiou, no mês de março de 2016, 13.840.988 famílias, que receberam benefícios com valor médio de R\$ 160,63. O valor total transferido pelo governo federal em benefícios às famílias atendidas alcançou R\$ 2.223.324.571,00 neste mês (BRASIL/MDS, 2016). Interessante observarmos que o perfil das famílias tem média de 2 filhos, contrapondo a visão da procriação banal por benefícios (BRASIL/MDS, 2015a).

Segundo relatório do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, intitulado Programa Bolsa Família: uma década de inclusão e cidadania - Ipea (2013f), cada R\$ 1 investido no programa se transforma em R\$ 1,78 no PIB (Produto Interno Bruto). Sendo investido em torno de 0,5% do PIB para chegar a 14 milhões de pessoas. 93% dos responsáveis familiares são mulheres, isto pode ser considerado uma questão importante de gênero, e ainda para se esclarecer sobre a ideia equivocada de recebimento de benefícios estando fora do mercado de trabalho, é exposto que 75% dos beneficiários adultos estão no mercado de trabalho.

Na área da saúde, observamos a 1ª vigência de 2015 do Programa Bolsa Família (PBF), a qual realizou acompanhamento individualizado de 20.064.520 pessoas. Desse total, 5.509.186 são crianças menores de 7 anos; 234.286, gestantes; e 14.321.048, mulheres que fazem parte de 8.889.141 famílias, ou 73,9% do total previsto para ser acompanhado (BRASIL/DAB, 2015).

Ainda na área da saúde, segundo informe 493 de balanço do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, dados do acompanhamento da condicionalidade no primeiro semestre de 2015 mostram que quase 9 milhões de famílias foram acompanhadas. Nelas, 5,5 milhões de crianças tiveram seus cartões de vacinação atualizados, conforme prevê o calendário do Ministério da Saúde. Das 232 mil gestantes beneficiárias identificadas, 99% fizeram o pré-natal adequadamente, contribuindo para a diminuição da taxa de mortalidade infantil e para

a redução dos índices de deficiência nutricional crônica no país (BRASIL/MDS, 2015c).

Já na área da Educação, no mesmo informe acima citado, o acompanhamento da frequência escolar atingiu, ao longo do ano de 2015, 17 milhões de alunos. Mais de 95% dos estudantes beneficiários entre 6 e 17 anos cumpriram a presença mínima exigida para os alunos do Bolsa Família. Além disso, segundo Dalt; Brandão; Silva (2009) o cumprimento das condicionalidades na área da educação resulta para as famílias em condições que ampliam o valor do capital social e fator importante na mudança na concepção de direito das famílias.

3.1. Benefícios

Após esta explanação geral sobre o que é o programa bolsa família, é importante aqui especificar os tipos de benefícios recebidos pelas famílias, retirados da página do bolsa família do site da caixa econômica federal, agente operador dos pagamentos, e listados abaixo:

BENEFÍCIOS PBF	
Benefício Básico	Concedido às famílias em situação de extrema pobreza (com renda mensal de até R\$77,00 por pessoa). O valor do auxílio é de R\$ 77,00 mensais.
Benefício Variável	Para famílias pobres e extremamente pobres, que tenham em sua composição gestantes, nutrizes (mães que amamentam), crianças e adolescentes de 0 a 16 anos incompletos. O valor de cada benefício é de R\$ 35,00.
Benefício Variável de 0 a 15 anos	Atribuído às famílias que tenham em sua composição crianças e adolescentes de zero a 15 anos de idade. O valor do benefício é de R\$ 35,00.
Benefício Variável à Gestante	Atribuído às famílias que tenham em sua composição gestante. O valor do benefício é de R\$ 35,00.
Benefício Variável Nutriz	Voltado às famílias que tenham em sua composição crianças com idade entre 0 e 6 meses. O valor do benefício é de R\$ 35,00.

Benefício Variável Jovem	Voltado às famílias que se encontrem em situação de pobreza ou extrema pobreza e que tenham em sua composição adolescentes entre 16 e 17 anos. O valor do benefício é de R\$ 42,00 mensais.
Benefício para Superação da Extrema Pobreza	Reservado às famílias que se encontrem em situação de extrema pobreza. Cada família pode receber um benefício por mês. O valor do benefício varia em razão do cálculo realizado a partir da renda por pessoa da família e do benefício já recebido no Programa Bolsa Família.
Fonte: BRASIL/CEF (2015b)	

Observa-se que as famílias em situação de extrema pobreza podem acumular o benefício Básico, o Variável e o Variável Jovem, até o máximo de R\$ 336,00 por mês. Como também, podem acumular 1 (um) benefício para Superação da Extrema Pobreza.

3.2. Condicionalidades

Acerca do acesso a direitos através das condicionalidades, as famílias devem cumprir alguns compromissos, com o objetivo reforçar o acesso à educação, à saúde e à assistência social, visando participação em atividades educativas ofertadas pelo ministério da saúde sobre aleitamento materno e alimentação saudável, no caso de inclusão de nutrizes (mães que amamentam); manter em dia o cartão de vacinação das crianças de 0 a 7 anos; acompanhamento da saúde de mulheres na faixa de 14 a 44 anos e garantir frequência mínima de 85% na escola, para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos, e de 75%, para adolescentes de 16 e 17 anos (BRASIL/MDS, 2015e).

O cumprimento das condicionalidades é monitorado e avaliado pelo governo federal, por meio de índices específicos agregados em indicador global, o índice de gestão descentralizada (IGD) (ESTRELLA; RIBEIRO, 2008).

O Programa Bolsa Família aplica efeitos gradativos em caso de descumprimento das condicionalidades acima citadas, começando com advertência,

que não afeta o recebimento do benefício. Quando o descumprimento se repete em um período de até seis meses, há o bloqueio, impedindo as famílias de receberem o benefício por um mês, embora esse valor possa ser sacado depois (BRASIL/MDS, 2015b).

Se, após o bloqueio, houver novo descumprimento em até seis meses, o benefício fica suspenso por dois meses sem possibilidade de a família reaver essas parcelas. O efeito mais grave é o cancelamento do benefício, porém este é uma exceção, pois os descumprimentos dos compromissos de forma reiterada indicam que a família possa estar em maior vulnerabilidade. Assim, famílias nessa situação só podem ser desligadas do programa depois de passarem por acompanhamento pela área de assistência social no município com registro no Sicon (Sistema de Condicionalidades do Programa Bolsa Família que integra as informações de acompanhamento da Saúde, Educação e Assistência Social) (BRASIL/MDS, 2015b).

3.3. Programa Bolsa Família em Cubatão

No Município de Cubatão/SP, o total de famílias inscritas no Cadastro Único (cadastro para viabilização da participação das pessoas em programas sociais) em dezembro de 2015 era de 7.219 dentre as quais: 1.900 com renda per capita familiar de até R\$77,00; 1.749 com renda per capita familiar entre R\$77,00 e R\$ 154,00; 2.438 com renda per capita familiar entre R\$ 154,00 e meio salário mínimo; e 1.132 com renda per capita acima de meio salário mínimo (BRASIL/MDS, 2015i).

O Programa Bolsa Família beneficiou, no mês de março de 2016, neste município, 2.950 famílias, representando uma cobertura de 48,8 % da estimativa de famílias pobres no município. As famílias receberam benefícios com valor médio de R\$ 135,68 e o valor total transferido pelo governo federal em benefícios às famílias atendidas alcançou R\$ 400.245,00 no mês (BRASIL/MDS, 2016).

3.3.1. Dados do Programa Bolsa Família na Educação de Cubatão

O acompanhamento da frequência escolar, com base no bimestre de novembro de 2015, atingiu o percentual de 98,1% para crianças e adolescentes entre 6 e 15 anos, o que equivale a 3.272 alunos acompanhados em relação ao público no perfil equivalente a 3.334. Para os jovens entre 16 e 17 anos o percentual atingido foi de 86,8%, resultando em 634 jovens acompanhados de um total de 730 (BRASIL/MDS, 2015i).

3.3.2. Dados do Programa Bolsa Família na Saúde de Cubatão

O acompanhamento da saúde das famílias, na vigência de dezembro de 2015, atingiu 49,9 %, percentual equivale a 1.192 famílias de um total de 2.389 que compunham o público no perfil para acompanhamento da área de saúde do município (BRASIL/MDS, 2015i).

3.4. Pontos Críticos do Programa Bolsa Família

As críticas ao programa bolsa família existem desde sua criação em 2003. Deve-se apontar aqui algumas delas, como por exemplo, sobre a focalização do programa, a mesma entendida como atuação de política social voltada a um grupo da sociedade específico, no caso, extremamente pobres, pobres e pessoas com baixa renda, sendo alvo de críticas da gestão e administração desta focalização, colocando em xeque sua eficácia, e por outro lado, um olhar universalista tendendo a pensar que tais políticas sociais deveriam ser universais, sem um foco específico. E também as críticas às portas de saída do programa, já que o programa bolsa família não apresenta período limite de permanência limite (BICHIR, 2010).

Acerca da porta de saída, pensamos que além da regra de permanência e do retorno garantido, supracitados neste capítulo, podem funcionar como aporte para tal saída os programas que estão disponíveis para os inscritos no cadastro único, e também, para os beneficiários do bolsa família, como por exemplo, o programa

nacional de acesso ao ensino técnico e emprego (Pronatec), o programa Minha Casa Minha Vida, Aposentadoria para Pessoas de Baixa Renda, Isenção de Pagamento de Taxa de Inscrição em Concursos Públicos, Bolsa Verde (Programa de Apoio à Conservação Ambiental), Programa de Fomento às Atividades Produtivas Rurais/ Assistência Técnica e Extensão Rural, entre outros.

Segundo Tavares (2014) a educação é a área da política pública que mais influencia na saída dos beneficiários do programa Bolsa Família, pois ao investir em educação o estado alavanca uma série de setores, como, o de consumo, saúde, habitação e segurança, caracterizando assim reflexos mais abrangentes. Realizando o paralelo de que a relação entre a evolução na qualidade de ensino e a melhora nos índices sociais e econômicos é direta.

As condicionalidades do programa também são fonte de muitas críticas, como o caso do caráter autoritário destas regras condicionantes, exercendo controle sobre a vida das beneficiárias, podendo puni-las gradualmente e até retirando o benefício destas famílias Bueno (2009); o que segundo Carnellosi (2016) geraria culpabilização nestes indivíduos.

Porém, há outros autores que dispõem acerca dos impactos construtivos das condicionalidades na vida destas famílias, como a ampliação do capital Dalt; Brandão; Silva (2009) e a ampliação do acesso aos direitos sociais básicos através das condicionalidades, segundo Medeiros; Britto; Soares (2007).

Após termos percorrido a breve história da pobreza no Brasil e seu enfrentamento no capítulo 1, e entendermos genericamente o funcionamento e principais impactos do programa bolsa família, caminharemos agora em direção a entender a metodologia desta pesquisa e o respectivo campo.

4. OBJETIVOS

4.1. Objetivo Geral

- Compreender os significados e sentidos de ser beneficiária do programa bolsa família, atendida na unidade de saúde da família da vila dos pescadores, no município de Cubatão/SP.

4.2. Objetivos Específicos

- Compreender as possíveis contribuições do programa bolsa família na transformação psicossocial e política dessas famílias.
- Compreender os significados expressos pelas beneficiárias em relação às condicionalidades do programa.
- Descrever a percepção destas beneficiárias pertencentes ao programa sobre o papel da unidade de saúde da família do bairro vila dos pescadores na construção dos sentidos de ser beneficiária.

5. METODOLOGIA

Esta pesquisa constitui-se em abordagem qualitativa em Psicologia Social Crítica sob a perspectiva sócio-histórica, podendo romper os limites impostos pelas ciências positivistas, buscando a investigação das subjetividades e suas relações com o meio, de forma a estabelecer visão crítica sobre a realidade investigada.

Cada vez mais pertinente e necessária à compreensão da realidade, aqui entendida pela perspectiva sócio-histórica, falar sobre subjetividade é falar da objetividade em que vivem os sujeitos, de modo que ao atuarmos, construirmos e modificarmos o mundo, nos constituímos. Assim, conhecer o sujeito, significa atentarmos para as tramas sociais, sobre as formas como ele se expressa e se articula com o mundo a sua volta, e também sobre a complexidade de sua configuração individual. Rompendo com a ideia de subjetividade interiorizada e abstrata, articulando-a tanto com espaços sociais quanto individuais (SILVA; CAPPELLE, 2013) e (BOCK, 2001).

Faz-se necessário destacarmos Codo; Lane (1994) e Oliveira (1992), para estes, sob a perspectiva de de Vygotski e Leontiev, o sujeito através de sua fala é expressão desta dialética entre subjetividade e sociedade, dialética aqui embasada pelo conceito do materialismo histórico-dialético Marxista, demonstrando que ao atuar no mundo concreto o homem se constrói, pensa, e ao pensar muda o mundo concreto, destacando essa mútua relação entre subjetividade e objetividade, principalmente mediada pela linguagem e, seus significados que em si são a estabilização de constructos sociais, os quais são utilizados na constituição do sentido.

Desta forma os significados produzidos historicamente pelo grupo social adquirem, no âmbito do indivíduo, um “sentido pessoal”, ou seja, a palavra se relaciona com a realidade, com a própria vida e com os motivos de cada indivíduo (CODO; LANE, (org.), 1994, p. 34).

Esta mediação simbólica funcionando através da linguagem e seus significados que são construídos socialmente, irão adquirir sentido para o sujeito, principalmente, quando González-Rey diz que este sentido adquirido pelo sujeito é permeado pelas experiências do próprio sujeito, dando forma à subjetividade.

“A subjetividade configura-se histórica e culturalmente e não é cópia nem internalização do social, senão uma nova produção que ocorre como resultado das

múltiplas e simultâneas consequências do 'viver' do homem” (MORI, V. D.; REY, F. L. G., 2011, p. 100).

À guisa de complementar e especificar tal definição de subjetividade, Gallert, cita diretamente Rey:

[...] um macroconceito que integra os complexos processos e formas de organização psíquicos envolvidos na produção de sentidos subjetivos. A subjetividade se produz sobre sistemas simbólicos e emoções que expressam de forma diferenciada o encontro de histórias singulares de instâncias sociais e sujeitos individuais, com contextos sociais e culturais multidimensionais (GONZÁLEZ REY, 2004, p. 137 apud GALLERT et.al., 2011, p. 03).

No estudo da abordagem complexa da subjetividade, Gonzalez Rey desenvolve a categoria de sentido subjetivo, definindo-a como a unidade dos aspectos simbólicos e emocionais que caracterizam as diversas delimitações culturais das diferentes práticas e vivências humanas em um nível subjetivo, assim a subjetividade se configura como uma produção social em dinâmica dialética com o sujeito e suas peculiaridades de vida, manifestando o sentido subjetivo (GONZÁLEZ-REY, 2007).

Gallet complementa essa categoria fundamentando-a em Vygotsky, que define o sentido como:

[...] um agregado de todos os fatores psicológicos que surgem em nossa consciência como resultado da palavra. O sentido é uma formação dinâmica, fluída e complexa que tem inúmeras zonas que variam em sua estabilidade. O significado é apenas uma dessas zonas de sentido que a palavra adquire no contexto da fala. É a mais estável, unificada e precisa dessas zonas (VYGOTSKY, 1987, p. 275-6 apud GALLET et. al., 2011, p 04).

Deste modo o sentido subjetivo seria a forma pela qual as multiplicidades de elementos presentes na subjetividade social com seus significados, assim como todas as condições objetivas de vida do mundo social, se organizam numa dimensão emocional e simbólica através do indivíduo e sua história de vida (GONZÁLEZ-REY, 2007).

Por fim, para especificar esta definição de sentido subjetivo, é importante destacarmos:

Os sentidos subjetivos representam a unidade inseparável do simbólico e o emocional, onde a emergência desses processos implica ao outro formando uma unidade qualitativa que qualifica toda experiência humana a nível subjetivo. Os sentidos subjetivos estão associados às produções da pessoa no curso de uma experiência vivida. As experiências vividas não podem se definir nos tecidos verbais intencionais e de ação explícita que caracterizam as experiências humanas (REY, F. L. G., 2012, p. 180).

Em convergência com o referencial teórico escolhido, buscaram-se instrumentos que conseguissem contextualizar sócio e historicamente as falas e questões relacionadas às beneficiárias do programa bolsa família. Desse modo, fora pensado na proposta metodológica de Angrosino (2009), que é baseada na etnografia, assim, a observação participante teve como objetivo a apreensão dos aspectos e dinamismos da categoria trabalhada, principalmente em relação a vulnerabilidade social, e as entrevistas semidirigidas, tiveram como foco a apreensão dos significados e, principalmente, dos sentidos da vivência em ser beneficiária na comunidade Vila dos Pescadores.

Segundo Angrosino (2009) estas técnicas de coleta de informações (a observação participante e entrevista semidirigida) irão compor parte da triangulação metodológica, típica da abordagem qualitativa baseada em etnografia (ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças), que permitirão ao pesquisador conhecer seu objeto de estudo e construir a pesquisa.

5.1. Observação Participante e Diários de Campo

A observação participante é uma das técnicas adotadas pelos pesquisadores que realizam pesquisas com abordagem qualitativa e método etnográfico (ANGROSINO, 2009), e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo social observado, interagindo com os sujeitos, buscando sentir o que significa estar naquela situação, logo, tem a oportunidade de unir o objeto ao seu contexto (QUEIROZ, et. al., 2007).

Segundo Angrosino (2009) tal técnica permitiria o pesquisador perceber as atividades e os interrelacionamentos das pessoas no cenário de campo, envolvendo-

se diretamente nas atividades, observando principalmente padrões de comportamento, condutas e ações que pareçam repetidas, realizando anotações sistemáticas e organizadas sobre o campo, nos remetendo aqui ao diário de campo.

O diário de campo (Apêndice A) é o instrumento que serve de registro para todas as informações que não sejam registros das entrevistas formais. Ou seja, observações sobre conversas informais, formas de atividade econômica, levantamento de pessoas-chaves, comportamentos, festas, identificação das instituições, gestos, costumes, expressões que digam respeito ao tema da pesquisa (MINAYO, 2014).

5.2. Entrevista Semidirigida

Foram entrevistadas seis beneficiárias do programa bolsa família, com tempo de permanência mínimo de quatro anos e meio, segundo Tavares (2014) é o tempo de permanência mínimo das beneficiárias no PBF; e no mínimo um filho acompanhado na unidade de saúde da família da Vila dos Pescadores, em Cubatão/SP, para poder contemplar as condicionalidades.

E também foram realizadas mais duas entrevistas para a contextualização, uma com a gerente da unidade de saúde e outra com agente comunitária de meio ambiente, a qual se demonstrou como pessoa-chave à pesquisa.

A entrevista semidirigida, (Apêndice A), combina perguntas fechadas e abertas, que permitem o entrevistado discorrer sobre o tema sem se prender à indagação formulada, dirigindo tal conversação a fim de coletar informação. Tal modalidade de entrevista, segundo Minayo (2014) desdobra indicadores essenciais e tópicos suficientes que contemplam a abrangência das informações esperadas, delineando assim o objeto em relação à realidade empírica, facilitando abertura, ampliação e aprofundamento da comunicação. Estas deverão ser gravadas e posteriormente transcritas na íntegra ou parcialmente para análise e discussão.

5.3. Caracterização do Local da Pesquisa

O local da pesquisa foi a USF (Unidade de Saúde da Família) no bairro Vila dos Pescadores – Cubatão – São Paulo/Brasil, mas para isto, precisaremos apresentar especificamente o local da pesquisa.

Em 1º de janeiro de 1949, Cubatão, onde está situado o bairro da Vila dos Pescadores, foi elevado à categoria de Município ficando sob a administração do Prefeito de Santos até 9 de abril do mesmo ano, quando assumiu o primeiro prefeito do município (BRASIL. São Paulo. Câmara Municipal de Cubatão, 2015).

Até a segunda metade do século XIX, a subsistência de Cubatão estava centrada na sua função portuária, sendo a ligação entre a Baixada e o Planalto Paulista, pois é localizada no sopé da Serra do Mar, de onde jesuítas, comerciantes, tropeiros, autoridades do reino tomavam fôlego para atingir o planalto. Os primitivos engenhos de açúcar, característicos da economia colonial, registraram a primeira atividade industrial do município (BRASIL/São Paulo, 2015a).

Constatou-se o desenvolvimento industrial em Cubatão a partir dos anos 50. Com o passar dos anos, a cidade foi se transformando e ganhando indústrias, fruto do desenvolvimento industrial, bem como dos investimentos federais. Dezoito das vinte e cinco indústrias atuais que formam o Polo de Cubatão foram implantadas no período de 1955 a 1975 (USIMINAS, 2015). Perante tal realidade o crescimento populacional no município tem sido contínuo, estimulado inclusive pelo afluxo de imigrantes que chegaram e chegam em busca de trabalho nas empresas locais (BRASIL/São Paulo, 2015b). E, atualmente, segundo Censo IBGE de 2010, Cubatão possui 118.720 habitantes (BRASIL/IBGE, 2010c).

A Vila dos Pescadores (Ex-Vila Siri) é um bairro do município de Cubatão/SP. Tendo origem na década de 60, quando um grupo de pescadores artesanais se instalou no local, visando a exploração do Rio Casqueiro, fonte geradora de seu sustento. Alguns recursos básicos favoreceram o crescimento da Vila, como a proximidade do bairro residencial do Jardim Casqueiro e da Via Anchieta, ocupando uma área equivalente a 13 hectares, principalmente devido ao fluxo populacional a partir de uma desocupação de uma comunidade vizinha, a partir de 1972 (NOVO MILÊNIO, 2016).

Em 1985 foi inaugurado posto médico no bairro Vila dos Pescadores, vindo a se tornar Unidade Básica de Saúde e também uma Unidade de Saúde da Família atualmente (NOVO MILÊNIO, 2016). Tal unidade, na qual o pesquisador atuou para realizar a pesquisa com as beneficiárias do programa bolsa família, perante o procedimento de coleta de dados em campo, atende por volta de 300 famílias do programa.

Esta unidade de saúde, configura-se como unidade básica de saúde e com equipes de saúde da família, desse modo, apresentam em sua maioria três especialidades: clínico geral, ginecologista e pediatra e a estratégia de saúde da família, com ações de promoção da saúde, prevenção, recuperação e reabilitação, e normalmente estas equipes são compostas, no mínimo, por um médico de família, um enfermeiro, um auxiliar de enfermagem e 6 Agentes Comunitários de Saúde, cabendo aqui ressaltar que a implantação do PSF (Programa de Saúde da Família) prioriza as regiões nas quais a renda familiar é de até 5 salários mínimos (FMUSP, 2016).

Por ter os Agentes Comunitários de Saúde, sendo uma das características da Equipe de Saúde da Família, possibilitou o pesquisador trabalhar em conjunto com os mesmos para inserir-se ao campo e selecionar as beneficiárias para realizar as entrevistas.

Juntamente com as pessoas-chaves da pesquisa, Maria, agente comunitária de meio-ambiente e Bela, gerente da unidade de saúde da família. Ambas, colaboraram com a seleção das beneficiárias, fornecendo informações sobre áreas, das três grandes áreas de atuação dos agentes comunitários de saúde, onde as seis beneficiárias demonstraram-se disponíveis para participar da pesquisa.

Assim configuraram-se as seis entrevistas com beneficiárias. Destas seis, apenas uma apresentava alguma renda, no caso, baixa renda, o suficiente para permanecer como beneficiária do PBF.

Os motivos norteadores da escolha do bairro Vila dos Pescadores em Cubatão, além de algumas pesquisas e projetos já terem sido realizados com a unidade de saúde da Vila dos Pescadores pela instituição de ensino aqui disponível para a realização desta pesquisa, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), como as pesquisas de mestrado Rosa (2014), “A afetividade, o sofrimento ético-político e o cuidado à saúde mental em território de alta vulnerabilidade” e Anhas (2015),

“Participação social e subjetividade: as vivências de jovens moradores da Vila dos Pescadores em Cubatão/SP”; e o projeto de extensão “Participação social e subjetividade: O aprendizado dos Direitos Humanos na construção de Itinerários de cuidado em ações da Saúde da Família em território vulnerável”, que visa promover, do ponto de vista psicossocial, espaço de reflexão, acolhimento e aprendizado sobre a importância do referencial do DH (direitos humanos) no enfrentamento de situações de saúde agravadas pela desigualdade social em território de alta vulnerabilidade.

E também o grupo de pesquisa do laboratório de estudos sobre a desigualdade social (LeDS), o qual é formado por estes participantes (graduandos e pós-graduandos), de forma a fornecer base teórica e compartilhamento de experiências práticas que visam um compromisso ético-político com a comunidade e campos de pesquisa.

Outro fator que oferece base é justamente o fato da Vila dos Pescadores ser um território de considerável vulnerabilidade social e ser considerado aglomerado subnormal para o censo do IBGE de 2010.

Segundo dados do censo IBGE de 2010 acerca de aglomerados subnormais, os mesmos são considerados como um conjunto constituído por 51 ou mais unidades habitacionais caracterizadas por ausência de título de propriedade e pelo menos uma das características citadas: irregularidade das vias de circulação e do tamanho e forma dos lotes e/ou carência de serviços públicos essenciais (como coleta de lixo, rede de esgoto, rede de água, energia elétrica e iluminação pública) (BRASIL/IBGE, 2010b).

Ainda segundo censo IBGE (2010a), através do documento identificado como aglomerados subnormais – primeiros resultados - tabela 2, com dados de aglomerados subnormais de vários estados da federação, a Vila dos Pescadores (aglomerado subnormal) possui 3.041 domicílios particulares ocupados, com população total de 10.083 habitantes, sendo 4.973 homens e 5.110 mulheres, e com média de moradores em domicílios particulares de 3,3.

Acerca da vulnerabilidade social apresentada na Vila dos Pescadores, segundo o índice de vulnerabilidade social do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), através de consulta de tal índice na plataforma de atlas de vulnerabilidade social disponibilizada no site do mesmo, expõe-se que a Vila dos Pescadores apresenta

índice de 0,405 para vulnerabilidade social no ano de 2010, e o município de Cubatão o índice de 0,292, sendo que numa escala que varia entre 0 a 1, em que 0 corresponde à situação ideal, ou desejável, e 1 corresponde à pior situação (BRASIL/IPEA, 2013c) e (BRASIL/IPEA, 2013d).

Se faz necessário apontar a definição de vulnerabilidade social que o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas faz do termo. O índice de vulnerabilidade social aqui apresentado se propõe a sinalizar o acesso, a ausência ou a insuficiência de alguns “ativos” em áreas do território brasileiro, os quais deveriam a princípio estar à disposição de todo cidadão, por força da ação do Estado. Os três subíndices que o compõem: i) infraestrutura urbana; ii) capital humano; e iii) renda e trabalho representam três grandes conjuntos de ativos, cuja posse ou privação determina as condições de bem-estar das populações nas sociedades contemporâneas (BRASIL/IPEA, 2013e).

Ao recorrer a noção de ativos, parece que o IPEA, baseia-se em Katzmann, autor o qual objetivou conceituar o termo vulnerabilidade social, através da noção de ativos:

De acordo com Katzman (1999; 2001), as situações de vulnerabilidade social devem ser analisadas a partir da existência ou não, por parte dos indivíduos ou das famílias, de ativos disponíveis e capazes de enfrentar determinadas situações de risco. Logo, a vulnerabilidade de um indivíduo, família ou grupos sociais refere-se à maior ou menor capacidade de controlar as forças que afetam seu bem-estar, ou seja, a posse ou controle de ativos que constituem os recursos requeridos para o aproveitamento das oportunidades propiciadas pelo Estado, mercado ou sociedade. Estes ativos estariam assim ordenados: (i) físicos, que envolveriam todos os meios essenciais para a busca de bem-estar. Estes poderiam ainda ser divididos em capital físico propriamente dito (terra, animais, máquinas, moradia, bens duráveis relevantes para a reprodução social); ou capital financeiro, cujas características seriam a alta liquidez e multifuncionalidade, envolvendo poupança e crédito, além de formas de seguro e proteção; (ii) humanos, que incluiriam o trabalho como ativo principal e o valor agregado ao mesmo pelos investimentos em saúde e educação, os quais implicariam em maior ou menor capacidade física para o trabalho, qualificação etc; (iii) sociais, que incluiriam as redes de reciprocidade, confiança, contatos e acesso à informação. Assim, a condição de vulnerabilidade deveria considerar a situação das pessoas a partir dos seguintes elementos: a inserção e

estabilidade no mercado de trabalho; a debilidade de suas relações sociais e, por fim, o grau de regularidade e de qualidade de acesso aos serviços públicos ou outras formas de proteção social (KATZMAN, 1999; 2001 apud BRASIL/MTE, 2007, p. 14-15).

Outra plataforma disponibilizada no site do IPEA, o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, aponta índice de 0,642, médio, para a Vila dos Pescadores no ano de 2010, observando que houve melhora neste índice comparando com o ano de 2000 que foi de 0,500, portanto, baixo índice de desenvolvimento humano. Observando que este valor atual, de 2010, situa-se na faixa de Desenvolvimento Humano Médio (IDHM entre 0,600 e 0,699), variando em uma escala de Muito Alto (0,800 - 1,000), Alto (0,700 - 0,799), Médio (0,600 - 0,699), Baixo (0,500 - 0,599) e Muito Baixo (0,000 - 0,499) (BRASIL/IPEA, 2013a).

Ainda é interessante observarmos outros dados sobre a Vila dos Pescadores que estão no mesmo Atlas, como, no quadro abaixo onde aponta índices referentes à longevidade, mortalidade e fecundidade nos anos de 2000 e 2010, podendo observar que em 2010 todos os itens melhoraram em comparação aos anos 2000:

Longevidade, Mortalidade e Fecundidade - Vila dos Pescadores – SP		
	2000	2010
Esperança de vida ao nascer (em anos)	67,0	70,4
Mortalidade até 1 ano de idade (por mil nascidos vivos)	30,2	23,0
Mortalidade até 5 anos de idade (por mil nascidos vivos)	35,1	26,6
Taxa de fecundidade total (filhos por mulher)	3,2	2,4

Fonte: BRASIL/IPEA, 2013b

Aqui podemos observar a tabela sobre a renda na Vila dos Pescadores, onde também houve melhora nos índices de 2000 comparados aos de 2010:

Renda, Pobreza e Desigualdade - Vila dos Pescadores – SP		
	2000	2010
Renda per capita (em R\$)	303,28	392,79

% de extremamente pobres	6,70	5,95
% de pobres	23,39	16,29
Índice de Gini	0,40	0,39

Fonte: BRASIL/IPEA, 2013b

5.4. Análise dos Resultados

A análise dos dados obtidos foi feita segundo os pressupostos da Psicologia Social Crítica, baseado na Epistemologia Qualitativa de González Rey.

De modo a considerar os pressupostos da teoria da subjetividade, a Epistemologia Qualitativa mostra-se pertinente para estudos qualitativos. Essa epistemologia se caracteriza por três diretrizes principais, são elas, o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, entendendo que o desenvolvimento da pesquisa não é algo particionado em fases, totalmente controlado, e apenas com dados objetivos, pois isto fragmentaria a dinâmica de informações e reduziria ou prejudicaria a construção do conhecimento, enfatizando o segundo fator importante, o processo do pensar reflexivo por parte do pesquisador como produção teórica, produção de conhecimento (GONZÁLEZ-REY, 2002).

O terceiro grande aspecto da epistemologia qualitativa é de que o fazer pesquisa é em si um processo de diálogo e de comunicação, trazendo o pesquisador para dentro da pesquisa, tornando-o parte deste processo de conhecimento e produção teórica (GONZÁLEZ-REY, 2002).

Assim, a construção e a análise da informação se dão pela captação das expressões dos sujeitos pesquisados, não apenas através das falas e escritas e dados objetivos dos sujeitos, mas também através da análise das expressões e das emoções dos sujeitos possibilitando a produção de indicadores de sentidos subjetivos a partir dos quais são construídas categorias (SILVA; CAPPELLE, 2013).

Citando González Rey, Silva e Cappelle expõem onde se daria o sentido subjetivo:

Na qualidade da informação, no lugar de uma palavra em uma narrativa, na comparação das significações atribuídas a conceitos distintos de uma construção, no nível de elaboração diferenciado no tratamento dos temas, na forma com que se utiliza a temporalidade, nas construções associadas a estados anímicos diferentes, nas manifestações gerais do sujeito em seus diversos tipos de expressão, etc. (REY, 2005, p. 116 apud SILVA; CAPPELLE, 2013, p. 06).

Portanto, a construção do conhecimento dá-se por meio de indicadores de sentidos subjetivos. Por meio da análise das conversações e das respostas nos demais instrumentos, que visam facilitar e estimular a aparição de reflexões e emoções, assim o pesquisador vai produzindo informação e levantando indicadores que, organizados em categorias, constituem base para a construção de hipóteses e para a análise dos dados. As hipóteses, por sua vez, confrontadas com outros indicadores oriundos de um mesmo instrumento ou de instrumentos diferentes, vão se confirmando ou não, num processo construtivo-interpretativo permanente de construção do conhecimento e pensamento reflexivo, possibilitando novos níveis de elaboração teórica (GONZÁLEZ-REY, 2011).

5.5. Procedimentos Éticos

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o número CAAE 54978116.2.0000.5505 (ANEXO A), gerência da unidade de saúde da família da Vila dos Pescadores - Cubatão/SP (ANEXO B), e pela Secretaria de Saúde do Município de Cubatão (ANEXO C).

As entrevistas semidirigidas somente foram realizadas após o convite, aceitação e a assinatura por todos os participantes através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO D).

6. SISTEMATIZAÇÃO DE RESULTADOS

Tendo referência na epistemologia qualitativa de Gonzalez-Rey e operacionalmente na sistematização das informações com aporte em Angrosino (2009), tal procedimento teve como objetivo contextualizar sócio e historicamente as questões relacionadas às beneficiárias do programa bolsa família.

Desse modo as observações participantes no campo tiveram vistas à compreensão da vivência de ser beneficiária, principalmente em relação ao território de alta vulnerabilidade social, sendo feitos registros nos diários de campo. As entrevistas semidirigidas tiveram como foco a compreensão das subjetividades, e seus registros realizados por meio de gravador de áudio e posteriormente transcritos.

As análises dos diários de campo da observação participante e as transcrições das entrevistas semidirigidas foram realizadas através de etapa inicial de leitura flutuante, com vistas a identificar de maneira geral trechos mais significativos da fala dos sujeitos ou que se repetissem com importância significativa, Angrosino (2009); e trechos que indicassem sentidos subjetivos, através, principalmente, da captação das expressões dos sujeitos pesquisados, não apenas por meio das falas e escritas e dados objetivos dos sujeitos, mas também da análise das expressões e das emoções dos possibilitando a produção de indicadores de sentidos subjetivos a partir dos quais são construídas categorias (SILVA; CAPPELLE, 2013).

Desta forma, neste capítulo iremos apresentar através de dois grandes indicadores, política social e intersubjetividade, ambos precipitados pelas categorias empíricas que surgiram nas tabelas dos diários de campo e entrevistas transcritas.

Os dois indicadores política social e intersubjetividade funcionam como grandes categorias que englobam um conjunto de elementos que entre si constituem zonas de amplo sentido (GONZÁLEZ REY, 2011).

O indicador política social reflete os significados sociais da experiência do sujeito em ser beneficiária do programa, através de dados mais objetivos, e que nos permite a aproximação e intersecção com os sentidos subjetivos, contextualizando-os.

Já o indicador inter/subjetividade permitiria uma zona de sentido que entoasse mais a esfera subjetiva, trazendo-nos mais próximo ao sentido subjetivo, tornando-se mais evidente pela emoção, qualidade e riqueza com que o sujeito descreve uma experiência.

De forma geral, os trechos transcritos foram organizados nas seguintes categorias empíricas: PBF é importante para as famílias da Vila dos Pescadores; Importância do PBF na composição da renda e na vida da família; Insuficiência do benefício; Gastos com o benefício; Planejamento doméstico; Independência financeira do marido; Condicionais; PBF não parece ser um direito; Mudança de governo; Funcionamento do programa; Dinheiro como fator de não humilhação; Ser visto pelo governo como algo positivo; e Unidade de Saúde da Família; que condensam algum tipo de significado ou sentido nas falas dos sujeitos, e expostos em tabela organizada nas seguintes partes: categoria empírica, trecho, descrição e pré-referência. Podendo ser consultados integralmente no Apêndice A desta dissertação.

Por fim, tais categorias empíricas refletiram dois indicadores, através destes, destacaremos de forma simplificada e resumida, as 13 categorias empíricas, contendo seus principais trechos e breve descrição da categoria, necessárias para compreendermos o teor e caminho da pesquisa, principalmente diante o capítulo de discussão.

6.1 Indicador Política Social

O objetivo desta pesquisa não foi realizar uma análise de fato do programa bolsa família a partir de dados objetivos do mesmo, mas sim, dos significados e sentidos de ser beneficiária. Obviamente que através da vivência dessas pessoas teríamos contato com o reflexo do programa na vida delas, conseqüentemente, isto nos levaria a abordar o tema políticas sociais. Algumas categorias sugeriram este tipo de abordagem, contemplando a zona de sentido, precipitando o indicador política social:

CATEGORIA	TRECHOS	DESCRIÇÃO
1. Categoria Empírica: PBF é importante para as famílias da Vila dos Pescadores.	“Gosto do Programa, eu acho que é necessário, ajudou muito, porque eu conheço muitas famílias que estavam em extrema miséria e com esse pouco que o Bolsa Família deu elas conseguiram decolar e sair desse perfil de miséria. Então, pra mim, funciona” (Bela – ET-2 – PG01).	O que embasa esta categoria empírica é o próprio fato do programa ser focalizado em famílias em extrema pobreza e pobreza, justamente fatores presentes na Vila dos Pescadores, tornando o PBF no geral algo importante e até mesmo essencial para estas famílias, principalmente ao aumentar, contribuir com a renda ou tornando-se renda única, possibilitando algumas dessas famílias a superação da condição de pobreza como afirma a fala da gerente da unidade de saúde da família, Bela, pois é na mesma unidade em que as beneficiárias estão alocadas socialmente.

CATEGORIA	TRECHOS	DESCRIÇÃO
2. Categoria Empírica: Importância do Programa Bolsa Família na composição da renda e na vida da família.	“É bom por causa das criança, né?! Porque, mantém eles na escola, é um dinheirinho pra ajudar em casa, né?! Quem passa necessidade tem o Bolsa, pode ajudar dentro de casa, né?! Igual eu no momento, tô desempregada, e é só eu e eles, né?! Pra mim tá sendo bom” (Aneli – ET-5 – PG01).	Esta categoria empírica especifica os dois grandes objetivos do PBF, composição de renda através da transferência de valores, e também a superação da pobreza intergeracional através do desenvolvimento infantil.

CATEGORIA	TRECHOS	DESCRIÇÃO
3. Categoria Empírica: Insuficiência do benefício.	“Marize, beneficiária que reside mais ao fundo da Vila, relatou sobre o bolsa família em sua vida, e disse que o mesmo, apesar de pouco valor financeiro, a ajuda. E crê que deva ajudar muitas famílias na vila, pois muitos necessitam do benefício” (Marize – DC-6 – PG01).	Esta categoria toma solidez diante de múltiplas carências presentes neste território e falta de oportunidades reais. Assim, o valor da transferência da renda por exemplo, já que o programa bolsa família se estrutura também perante as condicionalidades e ações complementares, é, de fato, apenas uma frente de alívio imediato à pobreza,

		tornando-se pouco, insuficiente diante de tantas adversidades do território, como falta de saneamento básico, insegurança local, péssimas condições de vias de pedestres, poluição ambiental, “esgoto a céu aberto”, entre outras características.
--	--	--

CATEGORIA	TRECHOS	DESCRIÇÃO
4. Categoria Empírica: Gastos com o benefício	“[...] É, o meu bolsa família eu uso assim, num gás, num material escolar, num chinelo pra uma criança, tanto pras minhas, como se eu alguém chegar me pedindo ajudar, eu podendo ajudar, eu ajudo, entendeu!” (Paulistinha – ET-1 – PG02);	Diante desta categoria os gastos referem-se principalmente à alimentação, moradia e saúde, o que denota subsistência. Há gastos com educação das crianças das famílias o que converge com um dos objetivos do PBF que é a quebra do ciclo intergeracional da pobreza através de investimento no desenvolvimento das crianças.

CATEGORIA	TRECHOS	DESCRIÇÃO
5. Categoria Empírica: Planejamento doméstico	“E no programa no Bolsa, às vezes chega naquele momento, aí tem o bolsa pra receber, aí ali a pessoa já vai comprar seu gás, vai comprar seu alimento. O bom do bolsa, foi isso!” (Paulistinha – ET-1 – PG04).	As falas destes sujeitos encontram-se nesta categoria pois apontam algo relativamente “novo” na vida destas beneficiárias, o planejar no âmbito doméstico e na vida no geral, através do recebimento fixo e regular do valor transferido pelo PBF.

CATEGORIA	TRECHOS	DESCRIÇÃO
6. Categoria Empírica: Independência financeira do marido	“(Beta transpassando muita segurança em seu olhar fixo no pesquisador, afirmou) Mas eu disse a ela: “Quando tu fizer esse cadastramento e o Bolsa Família vir, tu vai ver como vai melhorar tua vida aqui. Porque a minha melhorou muito!”. Ela disse:	Esta categoria está baseada na fala da beneficiária Beta, que destaca a importância de sentir-se independente do marido, como também, independente no geral pelo recebimento do benefício transferido com o PBF.

	"É, não". Eu disse: "É, menina. Tu fica tão dependente do teu marido, das coisa, e quando tu tem teu dinheiro na mão tu pode comprar as coisas que tu precisa (Terminou a fala de maneira efusiva)" (Beta – ET-6 – PG06).	
--	---	--

CATEGORIA	TRECHOS	DESCRIÇÃO
7. Categoria Empírica: Condicionalidades	<p>"Ah, são justas. Elas são justas, porque quando as coisa vem fácil tem que ter alguma coisa pra ajudar, né?! Então, eu acho certo o acordo que eles pedem. As coisa, as regras, tudinho. [...]" (Pires – ET-4 – PG03)</p> <p>"[...] Em termos de saúde, ela se cuida mais. Porque, já que ela está na unidade, ela passa no médico, o filho, todos os demais da família que fazem parte do Programa, eles passam a frequentar a unidade com mais assiduidade e fazer um acompanhamento, a prevenção de saúde" (Bela – ET-2 – PG01).</p>	Esta categoria reúne o que as beneficiárias concebem sobre as condicionalidades do programa serem algo justo e positivo, que as fazem seguir as regras de forma a não perderem o benefício, o que consequentemente geraria maior vulnerabilidade, principalmente, porque muitas possuem apenas esta renda do programa. Estas falas, de Pires e da gerente da USF, Bela, denotam algum grau de heteronomia perante o exercício das condicionalidades.

CATEGORIA	TRECHOS	DESCRIÇÃO
8. Categoria Empírica: Programa Bolsa Família não parece ser um direito.	"Segundo Paulistinha, o programa bolsa família não é um direito, como falam, e sim uma ajuda, porque a mesma destacou o quanto é difícil permanecer sempre corretamente dentro das exigências do programa bolsa família, e observa que não apenas para ela isto ocorre, pois as impossibilidades e dificuldades inerentes à pobreza dificultam tal compromisso de forma regular, pois há sempre alguma suspensão ou punição, levando-a à	Esta categoria está baseada na fala da beneficiária Paulistinha, que alerta para a dificuldade, não apenas dela, mas no geral, dos beneficiários se manterem sempre de acordo com as contrapartidas, principalmente se levarmos em consideração as dificuldades do dia-a-dia da pobreza e suas limitações para arcar de forma plena com tais contrapartidas, como também a preocupação com as consequências negativas em não estar plenamente

	questionar se é mesmo um direito, já que pode perdê-lo se não cumprir tais condições e, acrescenta dizendo que tal benefício deveria ser para todas as pessoas, independente de qualquer coisa” (Paulistinha – DC-8 – PG01).	adequado a tais contrapartidas, podendo sofrer punições e sanções previstas no PBF.
--	--	---

CATEGORIA	TRECHOS	DESCRIÇÃO
9. Categoria Empírica: Mudança de governo refletir no programa bolsa família.	“Como é que vai ser? Que foi o Lula que colocou e foi ela que continuou. E se tirar, como é que vai ser? Pro povo que precisa muito desse dinheiro. Que eu vi, é... eu tô no colégio, mas eu tô vendo jornal quando eu tô em casa. Essa noite eu falei pra Deus: Deus, como é que vai ser se o Bolsa Família cortar? Eu não posso trabalhar porque o meu filho é doente, que ninguém fica” (Tine – ET-3 – PG05).	Esta categoria condensa falas que refletem a possível mudança de governo no atual momento de realização desta pesquisa, denotando temores e grande apreensão por parte dos beneficiários acerca das possíveis consequências negativas desta mudança, principalmente em suas vidas, como, por exemplo, vir a perder o benefício do PBF.

CATEGORIA	TRECHOS	DESCRIÇÃO
10. Categoria Empírica: Funcionamento do programa	“[...]Eu vejo assim, como uma coisa boa, sei lá, um presente que Deus deu” (Mérci – ET-8 – PG03); “[...] Eu fico triste, porque se é pra todos, por que um tem e outro não? Não é verdade?” (Mérci – ET-8 – PG05).	Esta categoria abarca o que as beneficiárias demonstram como o desconhecer do funcionamento do programa, seja através de concebê-lo como ajuda, ajuda divina e personificação e até mesmo seus critérios de elegibilidade, através de comparações entre perfis socioeconômicos de beneficiárias e não beneficiárias. Isto deve estar em consonância com a própria privação de informação que as pessoas em pobreza e extrema pobreza são colocadas, pois muitas sequer sabiam suas classificações socioeconômicas dentro do programa.

CATEGORIA	TRECHOS	DESCRIÇÃO
13. Categoria Empírica: Unidade de Saúde da Família	<p>“Na saúde que eu acho ruim, porque as agente não entra na nossa casa, não vai. Pra você saber de alguma coisa ou tem que anunciar pra todo mundo saber ou você tem que vir aqui no posto”. [...] “É. Elas não vão [...]” (Beta – ET-6 – PG05).</p> <p>[...] Aqui no postinho eu acho que só quando vem pesar, ou quando eles vão lá em casa pra assinar. Porque não sei o que que a gente assina. E pra pegar remédio. Geralmente é só essas coisa assim” (Mérci – ET-8 – PG06).</p>	<p>As beneficiárias demonstraram insatisfação com a unidade de saúde da família, principalmente em relação à dinâmica de funcionamento em campo da estratégia de saúde da família e com a própria dinâmica de atendimento na unidade, permanecendo integrados nesta categoria. Há também a consciência sobre as atividades relacionadas à condicionalidade da saúde.</p>

6.2 Indicador Intersubjetividade

É interessante começarmos a pensar a inter/subjetividade a partir da etimologia de seu prefixo. O prefixo “inter”, segundo a fonte Origem da Palavra (2016), vem do Latim Inter, que significa “entre”, o que nos confere certa visualização acerca do que González-Rey irá nos conceituar como subjetividade:

A subjetividade configura-se histórica e culturalmente e não é cópia nem internalização do social, senão uma nova produção que ocorre como resultado das múltiplas e simultâneas consequências do 'viver' do homem” (MORI, V. D.; REY, F. L. G., 2011, p 100).

Poderíamos pensar então que a subjetividade não está nem totalmente determinada pelo ambiente, o social, e nem algo inato e intrapsíquico, pois a subjetividade está “entre”, não é algo estático, é histórico-cultural, é significada, sentida, simbolizada pelos seres humanos, portanto, sociais, produtores de símbolos e de atividades dotadas de sentido subjetivo.

Assim, aproximando da presente pesquisa, os significados sociais do programa bolsa família estariam em plena dinâmica dialética com as emoções e vivência de cada uma das beneficiárias tornando possível o sentido subjetivo, precipitando o indicador intersubjetividade, representado nas seguintes categorias:

CATEGORIA	TRECHOS	DESCRIÇÃO
11. Categoria Empírica: Dinheiro como fator de não humilhação	“[...]a beneficiária associou sua resposta à noção de dignidade que participar do bolsa família traz, complementou dizendo que com o dinheiro do bolsa não se sente humilhada, porque muita gente humilha quem não tem dinheiro” (Tine – DC-9 – PG02).	Tal categoria expressa o sofrimento de humilhação que é, pela beneficiária, não possuir dinheiro, nos remetendo também a noção de exclusão da dimensão mercadológica.

CATEGORIA	TRECHOS	DESCRIÇÃO
12. Categoria Empírica: Ser visto pelo governo como algo positivo	<p>“[...] Eu falei mesmo assim: até que enfim o governo fez alguma coisa por nós!!! (abriu os braços de forma estupefata). Até que enfim o governo fez alguma coisa pra nós! Já passou do tempo. Eles têm que fazer alguma coisa por nós. Se é nosso direito, vamos aproveitar nosso direito. [...]” (Paulistinha – ET-01– PG06);</p> <p>“(acelerando o ritmo de sua fala Mérci diz) Eu me sinto assim, eu acho assim, que se tem esse papel aí é sinal que alguém tá reconhecendo a gente. [...] Aí é alguém, pelo menos é alguém na vida, né?! [...]” (Mérci – ET-08– PG 07);</p>	Esta categoria expressa os sofrimentos de invisibilidade em contraponto à positividade de ser visto por alguém, no caso o governo, refletindo o sofrimento ético de não ter sido “visto” ou “cuidado” pelo governo e sua respectiva política. Aqui também fora citado o sentimento de não ser reconhecido socialmente, implicando sofrimento na fala, o que nos remete à noção de sofrimento ético e político.

7. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo iremos discutir através de dois indicadores, intersubjetividade e política social, apresentados nos resultados, suas respectivas intersecções, procurando trilhar o caminho da política social às novas sociabilidades e subjetividades, assim como González Rey às atribuí sendo parte viva do contexto social, entendendo aqui este movimento dialético entre a esfera concreta e objetiva dos significados e padrões da política social juntamente às individualidades e singularidades dos sujeitos perante seus afetos e emoções.

Da política social às novas sociabilidades e subjetividades

“É

A gente quer valer o nosso amor

A gente quer valer nosso suor

A gente quer valer o nosso humor

A gente quer do bom e do melhor

A gente quer carinho e atenção

A gente quer calor no coração

A gente quer suar, mas de prazer

A gente quer é ter muita saúde

A gente quer viver a liberdade

A gente quer viver felicidade

[...]

É!

A gente quer viver pleno direito

A gente quer viver todo respeito

A gente quer viver uma nação

A gente quer é ser um cidadão

A gente quer viver uma nação...”

Gonzaguinha - É (1988)

O programa bolsa família demonstra ser aceito de maneira amplamente positiva pelas beneficiárias e também pelas agentes comunitárias de saúde, tal relevância deve ser analisada pelo próprio fato do programa ser focalizado em famílias em extrema pobreza e pobreza, justamente fatores presentes e característicos da Vila dos Pescadores, tornando o PBF no geral algo importante para estas pessoas em tais condições, o que fica expresso nos seguintes trechos:

[...] na sala de reunião dos ACS's, onde os mesmos, sabendo de meu objetivo de pesquisa teceram alguns apontamentos sobre a importância do PBF na Vila dos Pescadores, pois, segundo os mesmos, literalmente, o programa é de alguma forma útil aos beneficiários e muito importante para a vida dos beneficiários (ACS - DC-2 – PG01).

As palavras da beneficiária Beta, por exemplo, dizem muito da importância do programa em sua vida, principalmente ao ter se emocionado durante a verbalização: “Beta, emocionada, disse que o benefício é crucial em sua vida, disse também que possíveis cortes a preocupa muito” (Beta – DC-5 – PG03).

A beneficiária Tine, com mais de cinco anos de permanência no PBF, que está desempregada e possui um filho, de 8 anos de idade, portador de transtorno do espectro autista, expôs de modo apreensivo e substancial a importância do PBF em sua vida:

Porque o Bolsa Família pra mim é tudo que a gente tem nesse momento. Porque eu tô desempregada e o pai do meu filho não paga pensão. A gente só recebe só o Bolsa Família no mês. E o Bolsa Família paga conta e faz compra (Tine – ET-3 – PG01).

E complementa:

[...] Eu já me sinto como se fosse uma solução pra dar um leite pro meu filho. Se não fosse esse Bolsa Família, como que eu ia comprar o leite pra ele? Como que eu ia comprar uma fralda, uma roupa? Eu tiro por isso (Tine – ET-3 – PG05).

Em situação similar à de Tine, Aneli, beneficiária do programa há 5 anos, possui quatro filhos menores de idade e também está desempregada, perguntada sobre a importância do PBF, nos diz:

É bom por causa das criança, né? Porque, mantém eles na escola, é um dinheirinho pra ajudar em casa, né? Quem passa necessidade tem o Bolsa,

pode ajudar dentro de casa, né? Igual eu no momento, tô desempregada, e é só eu e eles, né? Pra mim tá sendo bom (Aneli – ET-5 – PG01).

Maria, pessoa-chave para a pesquisa e mais experiente agente comunitária de meio-ambiente da comunidade corrobora a fala das beneficiárias Beta e Aneli e das ACS's ao dizer sobre seu olhar acerca do programa, contextualizando-o: "O meu olhar em relação ao Bolsa Família na comunidade, eu vejo de uma forma positiva porque a carência social é muito grande a gente tem muitos problemas sociais aqui dentro comunidade" (Maria – ET-7 – PG01).

Bela, segunda pessoa-chave e gerente da unidade de saúde da família que aloca as beneficiárias, funcionando como espécie de uma extensão do CRAS, amplia tal importância para o alcance de um dos objetivos do programa que é a superação da pobreza:

Gosto do Programa, eu acho que é necessário, ajudou muito, porque eu conheço muitas famílias que estavam em extrema miséria e com esse pouco que o Bolsa Família deu elas conseguiram decolar e sair desse perfil de miséria. Então, pra mim, funciona (Bela – ET-2 – PG01).

Esta informação, percepção qualitativa representada na fala da gerente Bela sobre a superação do perfil de pobreza na comunidade, irá corroborar o dado quantitativo que se encontra em tabela supracitada acerca dos dados sobre a renda na Vila dos Pescadores, onde houve melhora nos índices de renda do ano de 2000 comparado ao de 2010, aumentando a renda de R\$ 302,28 para R\$ 392,79.

O que também contextualiza tais falas é o fato do programa ser focalizado para famílias em extrema pobreza e pobreza. Tais fatores são ratificados, objetivamente, pelo índice de vulnerabilidade social, do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (BRASIL/IPEA, 2013c), que neste território, no ano de 2010 está representado pelo índice de 0,495, sendo que em uma escala que varia entre 0 a 1, em que 0 corresponde à situação ideal, ou desejável, e 1 corresponde à pior situação (BRASIL/IPEA, 2013d).

De modo a corroborar especificamente tal dado acima citado, é exposto que 41,15% de pessoas estão vulneráveis à pobreza na Vila dos Pescadores, segundo tabela de vulnerabilidade social, sub-item renda e trabalho, em ferramenta chamada Atlas Brasil, construída pelo Brasil/Ipea (2013b).

Como também, pela denominação territorial de aglomerado subnormal pelo censo do IBGE (2010b), caracterizada como um conjunto constituído por 51 ou mais unidades habitacionais caracterizadas por ausência de título de propriedade e pelo menos uma das características citadas: irregularidade das vias de circulação e do tamanho e forma dos lotes e/ou carência de serviços públicos essenciais (como coleta de lixo, rede de esgoto, rede de água, energia elétrica e iluminação pública).

Porém, apesar de tal importância do programa para esta comunidade e famílias, há insuficiência do benefício, como sugerem as falas das próprias beneficiárias, a começar pela beneficiária citada anteriormente, Aneli, a qual disse sobre a importância do benefício em sua vida e composição da renda, entretanto nos evidencia que: “Segundo Aneli o bolsa família a ajuda muito, apesar de não ser uma quantia que resolva seus problemas, mas de alguma forma ajuda” (Aneli - DC-7 – PG02).

Marize, beneficiária há 6 anos do PBF, possui um casal de filhos, é residente do local mais ao fundo da comunidade, tido pelos ACS's como o local mais carente da vila, atentando-nos para o fato de que a Vila dos Pescadores é dividida em três grandes áreas de atuação dos agentes, e que há uma graduação de nível pobreza, onde os que residem mais ao fundo são mais pobres. Assim, a beneficiária nos aponta que:

Marize, beneficiária que reside mais ao fundo da Vila, relatou sobre o bolsa família em sua vida, e disse que o mesmo, apesar de pouco valor financeiro, a ajuda. E crê que deva ajudar muitas famílias na vila, pois muitos necessitam do benefício (Marize – DC-6 – PG01).

Paulistinha, beneficiária e participante da pesquisa com um dos maiores tempos de permanência no programa, cerca de 11 anos, nos apresenta em sua fala o que parece expressão de certa consciência geral sobre o caráter de ajuda do programa para muitas pessoas, observando:

Eu não sei se muitos pensam como eu, certo? É pouco, mas um pouco que te ajuda na hora da necessidade, entendeu? [...] Então, tem gente que fala assim: o bolsa não dá pra nada! Dá gente, é pouco mas dá! Não tem aquele ditado: O pouco com Deus é muito, e o muito sem Deus é nada. Eu agradeço por isto, entendeu! Sei que é pouco, mas é um pouco que me ajuda, e acho que ajuda muitas pessoas também (Paulistinha – ET-1 – PG02).

Tal insuficiência também fora constatada nos trabalhos de Leão Rego; Pinzani (2013), Marinho et. al. (2012), Aguiar (2010), Santos, et. al. (2014). É compreensível que diante de múltiplas carências de se viver em aglomerado subnormal, em vulnerabilidade social e em extrema pobreza os valores repassados demonstrarem-se insuficientes, apesar de servirem como auxílio e até mesmo como única renda.

O que irá especificar melhor as informações anteriores sobre a insuficiência do benefício, são os gastos com o mesmo, que refletem o caráter de sobrevivência ou substancialidade, como, gastos com alimentação, saúde, moradia e educação dos filhos, contemplados nas falas a seguir.

Pires é beneficiária do PBF há 5 anos e possui quatro filhos, reside também ao fundo da comunidade, local mais carente, também desempregada, apresenta gastos com alimentação, especificando-os: “Pão, compro açúcar, arroz, feijão que sempre falta, óleo. Sempre esses negócio assim” (Pires – ET-4 – PG02).

Beta, beneficiária residente também do fundo da comunidade, local mais carente, também desempregada, está há 11 anos no PBF, e possui um único filho, pré-adolescente, e vive com o marido que realiza “bicos”, serviços sem carteira assinada. Ela nos diz sobre moradia, alimentação e no segundo trecho de sua fala sobre material escolar, como também a medicação que não é fornecida de forma gratuita pelo Estado: “Beta diz que sem isto (benefício do programa bolsa família) não teria construído seu “barraco”, muito menos conseguiria mensalmente colocar alimentos à mesa, como também o gás [...]” (Beta – DC-5 – PG03);

Eu compro sapato, compro roupa, se precisar de algum material, assim, que o governo não pode dar na escola, elas manda comprar aí eu vou lá e compro. [...] E alimento, às vezes, eu já comprei. Que nem eu te falei, que já matou a minha fome, a fome dele, a fome do meu esposo (Beta – ET-6 – PG03);

“[...] Ibuprofeno. Ele não é doado pelo Estado. Eu tenho que comprar. E eu compro desse dinheiro!” (Beta – ET-6 – PG08).

Tine, beneficiária há 5 anos do PBF, e que possui um filho diagnosticado com transtorno do espectro autista, ao comentar sobre o histórico delicado de saúde de seu filho, apresenta o PBF como fator chave para solução do imbróglio, já que a beneficiária possui o benefício do programa como única renda:

“[...]que a médica falou: "Mãe, vai ter que fazer um exame senão teu filho morre". Foi o dinheiro do Bolsa Família que me salvou! Fiz o exame. Graças a Deus deu nada” (Tine – ET-3 – PG05).

As falas seguintes das beneficiárias Aneli e Paulistinha expressam a preocupação com a próxima geração, principalmente ao orientarem os gastos com as crianças da família, como também com material escolar e vestimenta: “[...]Pra mim mesma eu não compro nada, é tudo pra eles (seus filhos), entendeu? E pra dentro de casa, né? [...]” (Aneli – ET-5 – PG04);

Eu compro material escolar, eu compro um gás, eu compro um pão, entendeu? Porque, às vezes, naquele momento a gente não tem um centavo, e calha de chegar no dia de nós receber o bolsa, e aquilo já ajuda, a gente compra um alimento, compra um arroz, compra um feijão, é pouco, mas um pouco que está ajudando, né! Se não estivesse ajudando milhares de pessoas não se inscreviam no programa. Porque você vê que é milhares, não é dizer que é mil pessoas, é milhares de pessoas né. Está entendendo? [...] É, o meu bolsa família eu uso assim, num gás, num material escolar, num chinelo pra uma criança, tanto pras minhas, como se eu alguém chegar me pedindo ajudar, eu podendo ajudar, eu ajudo, entendeu! (Paulistinha – ET-1 – PG02).

A educação dos filhos ou das crianças também é dado importante, pois demonstra estar em paralelo com um dos objetivos do PBF, a quebra do ciclo intergeracional da pobreza, possibilitado pelo investimento na educação e cuidado com a nova geração.

De modo geral os gastos com o benefício indicam caráter de subsistência, como alimentação, moradia, saúde e vestuário. Segundo Aguiar (2010), por mais inferior que seja o valor do benefício ele é empregado no atendimento, muitas vezes, de necessidades vitais do ser humano, como alimentação e moradia.

Dado relevante também na pesquisa de Oliveira (2009) na qual os valores dos benefícios também não são suficientes para o atendimento das necessidades das beneficiárias. E os gastos com o benefício são em primeiro lugar, alimentação; segundo, material escolar; terceiro, vestuário, como também, o relato de financiamento de moradia.

E por ser a beneficiária com mais tempo de permanência no programa, Paulistinha apresenta consciência sobre o impacto do mesmo, generalizando-o, cabendo aqui repetir sua fala consciente e afirmativa: “Se não estivesse ajudando milhares de pessoas não se inscreviam no programa. Porque você vê que é milhares, não é dizer que é mil pessoas, é milhares de pessoas né. Está entendendo?” (Paulistinha – ET-1 – PG02).

Apesar da insuficiência do benefício, encontramos falas que apontam para a possibilidade de planejar o ambiente doméstico, e até a vida no geral, pois o recebimento do pagamento de forma regular possibilita prever e planejar as ações com os gastos do benefício. Desta forma, parece-nos que neste ponto inicia-se a caminhada em direção aos aspectos mais subjetivos: “E no programa no Bolsa, às vezes chega naquele momento, aí tem o bolsa pra receber, aí ali a pessoa já vai comprar seu gás, vai comprar seu alimento. O bom do bolsa, foi isso!” (Paulistinha – ET-1 – PG04).

Peculiar fala exclamativa de Paulistinha, referindo-se “que o bom do bolsa foi isto”, a previsibilidade. De fato, em um contexto com falta de emprego e possibilidades de trabalho, a previsibilidade de pagamento regrado realmente confere algo novo à rotina dessas beneficiárias.

Pires, no trecho a seguir, a beneficiária contribui com sua visão acerca da previsibilidade no programa: “Porque quando eu não tenho da onde tirar, eu sei que no final do mês, naquela data, sempre vai tá aquele dinheiro ali, certo” (Pires – ET-4 – PG02).

A beneficiária Mérci também se encontra desempregada, possui quatro filhos, está há 10 anos no PBF e reside na área da frente da comunidade, e associa o recebimento regular do benefício como um emprego, uma mudança em sua vida. E, apesar de Mérci ter concebido a previsibilidade proporcionada pelo PBF similar a um emprego, a mesma realiza bicos como empregada doméstica e demonstra querer ter um emprego com carteira assinada.

Aí você já sabe que você tem o Bolsa, aí você fala "não, eu vou pegar tal dia", aí eu vou lá e compro e tal dia eu pago. Entendeu? Eu creio assim. A mudança foi assim. Que nem um serviço. Você vai trabalhar, se você não trabalhar como é que você vai comprar alguma coisa? Vai pagar como? Eu acho que é dessa forma, acho que mudou assim (Mérci – ET-8 – PG04).

Pinto (2010) também se deparou com este significado, onde o benefício do PBF traz às famílias certa previsibilidade com o benefício diante de tantas incertezas.

Não apenas a fala de Paulistinha, mas também como percepção geral nesta pesquisa, é o fato da exclusão social não oferecer muitas possibilidades de mobilidade e planejamento geral de vida, em um contexto de múltiplas carências e dificuldades.

Assim, tal imobilidade, percebida por nós como certa forma de lidar com necessidades básicas imediatas, como alimentação, moradia, sobrevivência, como pudermos observar, principalmente, nas categorias insuficiência do benefício e gastos com o mesmo, tornam tal vivência, nestes aspectos, menos dinâmica, refletindo tom de subsistência. Desta forma, o benefício, mesmo sendo insuficiente, juntamente às condicionalidades, parecem criar algum grau de mobilidade e contratualidade social, como também previsibilidade, o que pode potencializar a ação destes sujeitos porque permitiria maior autonomia e planejamento da vida no geral.

Em paralelo a estes reflexos intersubjetivos proporcionados pela política social, surgiu a categoria independência financeira do marido, a qual a beneficiária demonstra sentir-se independente financeiramente com o benefício do bolsa família:

(Beta transpassando muita segurança em seu olhar fixo no pesquisador, afirmou) Mas eu disse à ela: "Quando tu fizer esse cadastramento e o Bolsa Família vir, tu vai ver como vai melhorar tua vida aqui. Porque a minha melhorou muito!". Ela disse: "É, não". Eu disse: "É, menina. Tu fica tão dependente do teu marido, das coisa, e quando tu tem teu dinheiro na mão tu pode comprar as coisas que tu precisa (Terminou a fala de maneira efusiva)" (Beta – ET-6 – PG06).

De certa forma a independência financeira pelo benefício gera algum impacto nesta vivência de múltiplas privações, mas parece-nos que o impacto inter/subjetivo perante a assertividade na fala de Beta para sua vizinha, citando o quanto mudou sua vida e até a relação com o próprio marido, estabelece a dimensão do fato vivido.

Carloto; Mariano (2012) também relatam em sua pesquisa que todas suas beneficiárias têm autonomia para decidir sobre o uso do benefício, independentemente do companheiro. O que gera impacto e até mudança na vida da mulher, como resultado também percebido por Moreira (2010), e especificamente, tendo reflexos na autonomia, autoestima e empoderamento individual das mulheres beneficiárias, por

Moreira et. al., (2012). Interessante estes dados, pois conservam em si questão de gênero, cabendo a observação de que a pobreza no Brasil possui gênero, o feminino, segundo o estudo “Retrato das desigualdades de gênero e raça”, de 2011 – (BRASIL/IPEA, 2011).

Leão Rego e Pinzani também refletem sobre o impacto subjetivo do programa para as mulheres:

No caso das mulheres, sua libertação da ditadura da miséria e do controle masculino familiar amplo sobre seus destinos permite a elas, assim, um mínimo de programação da própria vida, e, nesta medida, o começo da autonomização de sua vida moral (LEÃO REGO; PINZANI, 2013, p. 365).

Entretanto, Mariano; Carloto (2009) alertam e observam que o programa também pode atuar para reforçar lugares sociais marcados pelos papéis tradicionais da mulher, como a maternidade, maternagem e única figura cuidadora.

Estes reflexos, da política social, que caminham para a esfera mais subjetiva encontram força também ao observarmos as condicionalidades. Levando as beneficiárias, Pires e Aneli, concebê-las como algo justo e positivo, que as fazem seguir as regras de forma a não perderem o mesmo:

São justas. Elas são justas, porque quando as coisa vem fácil tem que ter alguma coisa pra ajudar, né? Então, eu acho certo o acordo que eles pedem. As coisa, as regras, tudinho. Tá levando pra pesar, as vacina em dia, as aulas também em dia, porque muita criança tava em falta na escola, entendeu? Então, isso já vai fazer o quê? Pra mãe também. Às vezes incentiva a mãe a mandar os filho pra escola, porque. Que nem no meu caso: Meus filhos não me escutam, dão muito trabalho. Daí eu falo "ó, vocês quer dinheiro, daí chega na data e eu não tenho dinheiro, porque vocês não tão indo pra escola, então tem que estudar pra ter aquele dinheiro pra mim dar pra vocês. Se vocês não ir não vai ter". Porque o pai não paga pensão, então é o jeito de manter eles na escola, é assim (Pires – ET-4 – PG03);

Corretamente perfeito. É muito bom porque, é bom que tenha um acompanhamento na escola. A gente já sabe se a criança faltar, se não levar ao pediatra, na pesagem, e tal, você é bloqueado, entendeu? Então é muito bom isso porque tem muitas mães que não tem a noção desse sentido, então pega e deixa o acontecer, aí depois que é bloqueada aí pega e fica, "ah, mas porque eu fui bloqueada? Porque aconteceu isso?" [...] (Aneli – ET-5 – PG03).

As condicionalidades para estas beneficiárias, Aneli e Pires, estão relacionadas diretamente ao benefício como precaução para não o perder eventualmente através de não cumprimento destas regras, passando a significá-las como obrigação externa, o que sugere algum grau de heteronomia, até mesmo soando certo autoritarismo.

O que Bueno (2009) atenta quando reflete que a exigência de contrapartidas soaria de caráter autoritário, articulando o controle sobre a vida privada das pessoas e punindo-as, duplicando a exclusão, caso percam este direito.

Outro dado importante expresso dessa vez por Bela, gerente da unidade de saúde onde as beneficiárias estão alocadas, reflete a consequência da condicionalidade da saúde perante o comportamento das famílias no cuidado com a própria saúde, pois o programa proporcionaria maior e melhor envolvimento destas famílias com acompanhamento e prevenção.

Tem Bolsa Família, a pessoa procura manter aqueles dados sempre atualizados. Por consequência ela se cuida mais. Em termos de saúde, ela se cuida mais. Porque, já que ela está na unidade, ela passa no médico, o filho, todos os demais da família que fazem parte do Programa, eles passam a frequentar a unidade com mais assiduidade e fazer um acompanhamento, a prevenção de saúde (Bela – ET-2 – PG01).

Tal informação corrobora a fala de Dalt; Silva (2009), os mesmos discorrem que o PBF vem conseguindo possibilitar condições mínimas de promoção da saúde, e que apesar de haver ainda um longo caminho a ser percorrido, já podem ser identificados avanços importantes neste terreno, tais como: alto percentual de respondentes que afirmam que as carteiras de vacina das crianças estão em dia; aumento do consumo de alimentos indicados como boas práticas alimentares (frutas, verduras, legumes, leite e seus derivados); aumento de gestantes fazendo o pré-natal regularmente; aumento de acesso aos medicamentos necessários.

Fator importante destacado por Pires (2013), em relação aos efeitos simbólicos das condicionalidades, entendidos aqui como inter/subjetivos, é o fato de que através das condicionalidades as beneficiárias têm a possibilidade de ganhos envolvidos em seu cumprimento que vão além dos efeitos práticos sobre a frequência escolar e a escolaridade dos filhos.

Trata-se do fortalecimento dos sentimentos de pertencimento e reconhecimento social por parte das beneficiárias dados pela efetividade no cumprimento das condicionalidades previstas no programa. Criando condições para maiores vínculos com o "mundo externo", novas sociabilidades, que vão além daquele oferecido pela esfera do consumo ou pela maior autonomia nas decisões no ambiente doméstico (PIRES, 2013).

Estas questões implícitas nas condicionalidades se tornam mais claras e evidentes diante a fala de Paulistinha, que se funde a dimensão macroestrutural e mesmo assim enseja em si reflexão crítica sobre as condicionalidades do programa:

Segundo Paulistinha, o programa bolsa família não é um direito, como falam, e sim uma ajuda, porque a mesma destacou o quanto é difícil permanecer sempre corretamente dentro das exigências do programa bolsa família, e observa que não apenas para ela isto ocorre, pois as impossibilidades e dificuldades inerentes à pobreza dificultam tal compromisso de forma regular, pois há sempre alguma suspensão ou punição, levando-a à questionar se é mesmo um direito, já que pode perdê-lo se não cumprir tais condições e, acrescenta dizendo que tal benefício deveria ser para todas as pessoas, independente de qualquer coisa (Paulistinha – DC-8 – PG01).

Perante esta fala de Paulistinha, beneficiária com 11 anos de permanência no programa, fica clara a dificuldade da pessoa que se encontra em pobreza estar frequentemente dentro dos conformes, levando-a a questionar se o programa é ou não um direito. Esta é uma discussão levantada por diversos autores e com diversos modos de interpretá-la.

Pinto (2010) traz à discussão se o PBF da forma que está estruturado seria um direito ou não dos beneficiários, pois à autora não se configura como um direito, uma vez que: o número de beneficiários do PBF depende das possibilidades orçamentárias; conta com o caráter punitivo; e até perda do benefício pelo não cumprimento das condicionalidades.

Segundo Bueno (2009) as condicionalidades do programa se constituem em um perverso mecanismo que articula controle e punição, atingindo as camadas mais vulneráveis da população pobre, não se caracterizando como falha na focalização do público alvo, mas sim na impossibilidade que este público tem em cumprir o que lhe é exigido para permanecer no programa.

Logo, existindo a possibilidade de que as condicionalidades acabem punindo justamente aqueles que mais precisam de ajuda, gerando culpabilização dos beneficiários que não conseguem por si só alcançar o sucesso pessoal (CARNELOSSI, 2016).

Entretanto esta fala de Paulistinha guarda criticidade interessante, como alguém que gostou de receber o benefício e, portanto, critica o programa de forma construtiva requerendo mais do Estado, demandando mais do mesmo, reconhecendo-se como cidadã com direitos e deveres.

Medeiros; Britto; Soares (2007) abordam a exigência de condicionalidades ter como objetivo incentivar a demanda por serviços como saúde e educação e consequentemente ampliar o acesso da população mais pobre a direitos sociais básicos, incentivando expansões e melhorias na oferta desses serviços.

Compartilham deste pensamento Dalt; Brandão; Silva (2009), aos quais o cumprimento das condicionalidades na área da educação, por exemplo, resulta para estas famílias condições que ampliam o valor do capital social, o que se tornaria fator importante na mudança na concepção de direito das famílias.

A discussão se o PBF é ou não um direito, e que tipo de direito é caminha de encontro a um fator que requer atenção, podendo ser visualizado na categoria de múltiplos questionamentos acerca de uma possível mudança de governo que surgiu na mídia atualmente, e que se encontram nas seguintes falas:

Como é que vai ser? Que foi o Lula que colocou e foi ela que continuou. E se tirar, como é que vai ser? Pro povo que precisa muito desse dinheiro. Que eu vi, é, eu tô no colégio, mas eu tô vendo jornal quando eu tô em casa. Essa noite eu falei pra Deus: Deus, como é que vai ser se o Bolsa Família cortar? Eu não posso trabalhar porque o meu filho é doente, que ninguém fica (Tine – ET-3 – PG05);

Esses dias teve uma conversa que ia cortar, que ia tirar, eu entrei em desespero. Aí meus primo, "Beta, para com isso". Eu disse "Não, é o que eu tenho". Eu não posso trabalhar, o único dinheiro que eu posso contar, realmente, é esse dinheiro do Bolsa" (Beta – ET-6 – PG02).

A insegurança vivida por possível mudança de governo e perda do benefício, enseja uma questão macropolítica do programa bolsa família, e que acarreta múltiplas

interpretações acerca do conceito deste programa, pois abre espaço para considerá-lo ação afirmativa e portanto tornando-se um direito temporário, instável, até mesmo questionável, como nos expõe Ávila (2013) para o fato de o programa não parecer ser um direito adquirido, mas sim uma ação afirmativa, podendo sofrer cortes ou mudanças de acordo com os governos atuantes.

Porém, Cohn (2010) nos observa que há grande potencial do programa bolsa família constituir-se, de fato, como política de Estado, pois no momento em que se torna um programa estruturante para todas as demais áreas sociais e econômicas, acaba possibilitando que a partir dele se alavanquem políticas integradas que efetivamente promovam a construção da cidadania por parte desses indivíduos e dessas famílias.

Bichir também compartilha deste pensamento, nos colocando que:

A despeito de todas as críticas e polissemias apontadas, é possível dizer que os programas de transferência de renda afirmam-se cada vez mais como política de Estado, e não de governo, o que reforça a importância de sua análise. O escopo da política foi ampliado, e seu foco passou dos indivíduos — no caso do PBE — para uma preocupação mais ampla com as composições familiares e suas estratégias de sobrevivência — no caso do PBF (BICHIR, 2010, p. 129).

Seguida desta sensível discussão, apresenta-se outra questão a qual esteve presente nos trabalhos de Ávila (2013), Aguiar (2010), Pinto (2010), entre outros, e está representada através dos seguintes trechos, referindo-se ao funcionamento do programa:

[...] têm muitos que não precisam e tá ali. E tem outros que já precisa e não tá ali, entendeu? [...] Então, tipo, tem pessoas que realmente não precisa, que tem casa, tem marido, tem seu comércio. Não precisa. E tem outras que realmente precisa e não tá tendo o benefício (Aneli – ET-5 – PG03);

“[...]Eu vejo assim, como uma coisa boa, sei lá, um presente que Deus deu” (Mérci – ET-8 – PG03);

“[...] Eu fico triste, porque se é pra todos, por que um tem e outro não? Não é verdade?” (Mérci – ET-8 – PG05).

Estas falas demonstram possível desconhecimento por parte do funcionamento do programa, seja através de concebê-lo como ajuda, ajuda divina e até mesmo seus critérios de elegibilidade, através de comparações de perfis de beneficiárias e não beneficiárias. Entretanto, tais falas desvelam também a representação social do programa, o qual, para estas beneficiárias, perante tais falas, não o concebem como direito.

Ávila (2013) destacou em sua pesquisa a percepção das beneficiárias sobre o PBF ser representado como uma ajuda, algo ganho por sorte ou por Deus. E a entrada no programa é remetida a alguém, normalmente algum funcionário da assistência social local, personificando a política e seu funcionamento.

Acerca do funcionamento do programa, quanto adendo, do item percepções e padrões do diário de campo 7, é exposto que:

Pela terceira vez o pesquisador presenciou pela comunidade algo que remete a dúvidas sobre o funcionamento do programa de modo geral, e agora especificamente sobre o CRAS, o qual era localizado no bairro vizinho, e atualmente os moradores da comunidade se referenciam no centro de Cubatão, distância esta considerável segundo alguns os beneficiários, inclusive tendo gasto financeiro com transporte público. Expuseram dúvidas acerca do papel da assistência social realizada na unidade de saúde da família. E, de forma geral, os beneficiários encontrados aleatoriamente, conceberam, através da presença do pesquisador como “pessoa do bolsa”, as instituições representantes da assistência social por palavras que remetem à função como cadastramento e atualização do bolsa, como se a atuação desta instituição se resumisse a estas atividades (DC-07 – Percepções e Padrões – PG02).

Este último parágrafo, abstraído do item percepções e padrões do diário de campo número sete, exprime a ineficiência do Estado através das políticas públicas e seus agentes e atores, pois reduz a ação da assistência social a mera atitude cadastral e não a ações mais sustentáveis e que visem o bem-estar social de forma a potencializar estes sujeitos, conseqüentemente produzindo grande número de desinformação e desarticulação na comunicação entre as pessoas e os agentes públicos.

Esta é uma questão complexa e que requer maior participação dos gestores públicos desta área, até mesmo podemos aqui considerar a instalação do

equipamento CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) na comunidade, já que as beneficiárias estão referenciadas em CRAS muito distante e alocadas à priori na unidade de saúde. Fator este observado na comunidade, onde a falta destes atores se demonstrou importante, principalmente em relação à desinformação dos beneficiários, denotando carência de atenção por parte dos agentes públicos.

Moreira et. al. (2012) ratifica os efeitos positivos do CRAS na execução do PBF, especificamente quanto ao convívio no mesmo, tanto para as famílias quanto para as mulheres, pois este proporciona apoio e converge em maior conscientização sobre os direitos.

Por fim, os impactos do PBF alcançam maior amplitude subjetiva perante sentir-se vista, reconhecida socialmente, e digna, como podemos acompanhar na fala da beneficiária Tine:

[...] a beneficiária associou sua resposta à noção de dignidade que participar do bolsa família traz, complementou dizendo que com o dinheiro do bolsa não se sente humilhada, porque muita gente humilha quem não tem dinheiro (terminando a frase de maneira cabisbaixa) (Tine – DC-9 – PG01).

A beneficiária Tine expressou o sofrimento de humilhação que é não possuir dinheiro, principalmente ao mudar sua postura inclinando-se para baixo no momento final de sua fala. O que indicou algum tipo de emoção, pois o ritmo e tom de voz diminuíram e a postura mudou significativamente, sugerindo algum grau de sofrimento. Sofrimento este permeado por questões ético-políticas de já ter se encontrado em situação de humilhação por não possuir dinheiro.

Segundo pesquisa de Leão Rego; Pinzani (2013) aponta, de modo geral, a aprovação do programa por parte das beneficiadas ser muito grande, porém, estas não deixaram de ressaltar a insuficiência da renda recebida para a obtenção de mais melhorias na vida e de liberdade na escolha dos bens de consumo - por ser, inclusive, o único rendimento à maioria das famílias pesquisadas. E que antes dessa experiência, muitas destas famílias tinham de lutar diariamente por sobrevivência, o que fez Leão Rego e Pinzani compreenderem os efeitos destrutivos da humilhação e da vergonha nas pessoas, pois podem incapacitá-las para a luta por direitos e assim dificultar ainda mais o estabelecimento de uma cidadania ativa.

Isto leva Leão Rego; Pinzani (2013) complementarem e considerarem parecer haver, no geral, uma autonomia econômica percebida pelas beneficiárias entrevistadas como condição à autonomia moral, remetendo-nos à esfera subjetiva. Assim, a condição de indigência e de falta de independência econômica se traduz na sensação de que a própria personalidade permanece incompleta, inacabada, por assim dizer.

Outro fator alocado nos efeitos subjetivos em participar do programa bolsa família destaca a questão da visibilidade, como um sofrimento de invisibilidade vivido pelas beneficiárias em contraponto à positividade de ser visto por alguém, no caso aqui o governo.

Paulistinha, enquanto estupefata dizia ter sido vista por alguém, com gestos mais amplos, e complementando que “pelo menos ele (o governo) olhou algumas famílias carentes” nos dá a devida proporção desta sensação de invisibilidade de viver diante a pobreza, como se estivesse impaciente até o momento que ganhou certa visibilidade.

[...] Eu falei mesmo assim: até que enfim o governo fez alguma coisa por nós!!! (abriu os braços de forma estupefata). Até que enfim o governo fez alguma coisa pra nós! Já passou do tempo. Eles têm que fazer alguma coisa por nós. Se é nosso direito, vamos aproveitar nosso direito. Deveriam fazer mais né (Paulistinha – ET-01– PG06);

E complementa:

[...]Embora ele não conheça a gente, mas pelo menos ele olhou algumas famílias carentes né, necessitadas naquele momento que eles fizeram o bolsa. Eles deveriam fazer mais, abrir mais oportunidades (Paulistinha – ET01 – PG06).

Beta, ao dizer-se importante, e exclamando ser alguém, sendo beneficiária, disse isto com timidez inicial, porém acompanhado de um sorriso empolgado, conferindo um contraste com a monotonia de aspectos objetivos do programa, pois quando perguntada sobre o lado subjetivo, o sentimento, o sentido de ser beneficiária, digamos que “o clima mudou”, percebeu-se o contraste entre não ser importante e não ser ninguém, perante todas as adversidades impostas pela realidade local, com o momento em que se reconhece sendo alguém.

“Sei lá, me sinto um pouquinho importante assim, sabe? E me sinto assim... Alguém! (disse Beta com certa timidez e acompanhada logo de sorriso de empolgação)” (Beta – ET-06– PG04).

Já Mérci nos coloca o reconhecimento como algo significativamente importante durante sua entrevista, pois ela e sua família foram inseridas em uma dimensão tipicamente burocrática do mundo do consumo, registrado em sua própria fala como “papel” (documento do PBF). E toda esta fala repetitiva e rápida, como se estivesse ansiosa naquele momento mais sensível da entrevista, contrastando com a velocidade mais lenta habitual do resto da entrevista juntamente com um final de discurso quase que acompanhando de suspiro, pôde com isto nos colocar diante algum sofrimento implícito nesta mudança de ritmo.

(acelerando o ritmo de sua fala Mérci diz) Eu me sinto assim, eu acho assim, que se tem esse papel aí é sinal que alguém tá reconhecendo a gente. [...] Aí é alguém, pelo menos é alguém na vida, né? Sei lá, eu acho. Pelo menos você tá sendo reconhecida! Todo mês cai um negócio na sua conta, que nem te conhece. Eu acho que é isso. Eu acho. Pelo menos tem assim "nossa, alguém tá me reconhecendo". Não me vê, mas pelo menos sabe meu nome, sabe meu endereço, sabe minha conta. Assim, eu acho. Eu, pelo menos, eu me sinto assim (Mérci – ET-08– PG 07);

“[...] Eu acho que é bom, porque antigamente não era assim, não reconhecia, não tinha nada, nem com sociedade, nada, papel nenhum. Eu acho, é bom (disse Mérci suspirando e demonstrando certo alívio) [...]” (Mérci – ET-08– PG 07).

Neste ponto conseguimos perceber diante dos sentidos de visibilidade e reconhecimento social em participar do programa, os quais foram melhor representados nas falas das beneficiárias com maior tempo de permanência no PBF: Beta com 11 anos de permanência, ao demonstrar a importância de sentir-se alguém; Paulistinha, com 11 anos de permanência, demonstrando a importância em ser vista, e Mérci com 10 anos de permanência, expressando o quanto é bom sentir-se alguém e reconhecida.

Maria, como agente comunitária de meio ambiente, condensou em palavras, de forma satisfatória o que esta categoria, ser visto como algo positivo, propõe, que é justamente podermos observar a importância do impacto do programa não só no aspecto mais objetivo como o financeiro, mas também o de se sentir uma pessoa

importante, se sentir gente, gente valorizada, com direitos e deveres, nos remetendo ao sentido subjetivo em ser beneficiária do programa.

Então, tem muita história que o bolsa família contribui para as famílias, e contribui no benefício, no empoderamento não só financeiro, mas de você se sentir gente, de você sentir importante, você ser um ser humano, de você ser valorizada como tal, e você saber que você tem direitos e deveres (Maria – ET-07– PG 04).

Segundo Martins (1997), além da carência material, o novo excluído estaria vivenciando uma situação de não reconhecimento, e estigmatizado negativamente pela sociedade, e observa o que agrava isto seria o não reconhecimento do próprio excluído como sujeito. E na esfera do consumo tal indivíduo se sentiria incluído subjetivamente, embora permanecendo em exclusão.

Perante estas falas parece-nos que o impacto sobre o aspecto subjetivo em participar do programa oferece a estas beneficiárias a oportunidade de experienciar visibilidade e reconhecimento social de forma emocionante e que as levam, tanto ao estado anímico diferente do captado no decorrer do encontro com o pesquisador, quanto à construção de outros tipos de sensações e até mesmo subjetividade, com mais autonomia moral.

Ser visto ou reconhecido por alguém nos parece algo vital e de suma importância à vivência em sociedade, o que não é tarefa fácil ou simples quando estamos viesados por um sistema excludente e em um país com desigualdade social tão enraizada, onde não haveria apenas uma exclusão do universo do capital financeiro, mas também humano, perpassado por discriminações e desmoralização do sujeito.

Assim, tal possibilidade de aumento destas sociabilidades, em ser visto e reconhecido socialmente, potencializada por participar do programa, é um impacto importante do mesmo, o que significaria certo grau de inclusão na dimensão mercadológica e até de autonomia moral sentida pelas próprias beneficiárias, o que as potencializaria para, direta ou indiretamente e em graus diferentes, uma busca ou construção de sua identidade e cidadania.

Cabe citarmos Sawaia (2014, p.121 - 129) que nos traz a reflexão sobre a busca da identidade na sociedade moderna contemporânea, caracterizando-a como uma

representação e construção do eu como sujeito singular em confluência às referências de liberdade, felicidade e cidadania nas relações interpessoais e sociais, portanto abrindo o sujeito ao coletivo.

Sawaia (2014, p.121 - 129) aborda ainda a identidade como conceito político permeado pelo processo de inclusão/exclusão social, e que em sentido final a mesma contém uma revolta por autonomia em busca de ser reconhecido, concebendo tal autonomia como reflexão do eu, o que permitiria condições iguais para relacionar-se com a alteridade, com o outro, sem excluí-lo, tornando tal busca por identidade um processo constante de significações, ordenando valores, afetos e motivações do sujeito individual e coletivo.

Tal revolta por autonomia em busca de reconhecimento, caracterizado pela identidade, correlaciona-se com o eixo central da teoria do reconhecimento social de Honneth (2003, p.78-155), ao qual os indivíduos e os grupos sociais somente podem formar a sua identidade de forma prática quando forem reconhecidos intersubjetivamente.

Segundo Honneth (2003, p.155-211), há três formas básicas de reconhecimento amor, direito e solidariedade, encontrando no sujeito, respectivamente, autorrelações como autoconfiança nas relações afetivas, autorrespeito nas relações político-jurídicas e autoestima na comunidade ou grupo social

O desrespeito, vulnerabilidade particular humana, acarretaria o rompimento destas autorrelações, através do negativo ou inexistente reconhecimento, gerando os conflitos sociais, permeados e impulsionados pela busca por reconhecimento intersubjetivo por parte destes sujeitos (HONNETH, 2003, p. 213-224).

O desrespeito ao amor são a violação e os maus-tratos, que ameaçam componentes da personalidade como a integridade física e psíquica; o desrespeito à solidariedade são as degradações e as ofensas, que afetam os sentimentos de dignidade e honra do sujeito como membro de uma comunidade cultural de valores; o desrespeito ao direito são a privação de direitos e a exclusão, porque afeta a integridade social do indivíduo como membro de uma comunidade político-jurídica (HONNETH, 2003, p. 211-224)

Portanto, há uma configuração de luta por reconhecimento por meio do cuidado afetivo, do respeito, da estima social, dignidade, visibilidade e autonomia. Tais relações exteriorizam conflitos por meio de experiências e situações vividas como injustas em diversos contextos históricos culturais específicos que revelam o estágio de desenvolvimento normativo das relações de reconhecimento recíproco (VENTURA, 2011).

E por último, com certa preponderância na fala das beneficiárias emergiram falas que se correlacionam diretamente com a unidade de saúde da família:

Olha, isso aí você me pegou agora. Porque não só depende da gente pra UBS atender, depende da prefeita. Por quê? Em Alagoas, as agentes de saúde ia nossa casa, está entendendo? Passava de mês em mês, e aqui ainda não vi uma agente de saúde aqui comigo, procurando saber. Eu sou hipertensa, eu tenho problema de pressão alta. Se eu não for na UBS, eles não vêm, eles não sabem, o problema é esse [...] (Paulistinha – ET-1 – PG05);

Na saúde que eu acho ruim, porque as agente não entra na nossa casa, não vai. Pra você saber de alguma coisa ou tem que anunciar pra todo mundo saber ou você tem que vir aqui no posto”. [...] “É. Elas não vão. Lá mesmo na vila, no corredor que eu moro, é escolhido as casa, assim, de ponta de dedo que elas têm bastante amizade, que elas entra. Ou, aliás, passa na porta, não entra, não pergunta nada (Beta – ET-6 – PG05);

Apesar da insatisfação direta com o trabalho realizado pela área da saúde na comunidade segundo estas entrevistas, podemos aqui ampliar esta questão para a necessidade de qualificar a equipe de saúde, principalmente, perante a estratégia de saúde da família, o que retira a ênfase individualizada e até culpabilizante, nos ampliando e tornando o debate mais sustentável acerca a qualificação e treinamento destas equipes de forma a abranger melhor e de forma mais eficaz esta comunidade, refletindo assim em uma possível nova forma de entender a saúde por parte dos profissionais e também dos moradores.

De fato, diante a aproximação de campo do pesquisador juntamente aos agentes comunitários através do programa de extensão, e também as próprias visitas para conhecer algumas famílias ficou aparente as dificuldades funcionais que os agentes encontram, refletindo assim a carência no treinamento, capacitação e delimitações da própria atuação e função.

Deste modo, caminhar em direção à profissionalização e valorização dos agentes, bem como, ter gestores que realizem avaliações que considerem peculiaridades do trabalho realizados pelos ACS's, principalmente com atenção dirigida ao sensível trabalho realizado pelos mesmos (ROSA; BONFANTI; CARVALHO, 2012).

Interessante observarmos a importância da saúde, e especificamente do programa de saúde da família em consonância com o programa bolsa família, quando Dalt; Silva (2009) salientam à medida que as famílias são co-responsabilizadas a inserirem seus membros em serviços sociais e buscar os serviços de atenção básica, isto potencializa o acesso aos serviços. E alerta para o fato da necessária adesão dos gestores de políticas públicas, especificamente, aqueles responsáveis pelos serviços de saúde e educação, à maior articulação para atendimento dos serviços demandados.

Acerca do caminho percorrido da política social às novas sociabilidades e subjetividades, conseguimos compreender, no geral, que a vulnerabilidade social carrega em si aspectos mais concretos (como o precário, e por muitas vezes o não acesso ao capital financeiro), excluindo o sujeito do mundo mercadológico fundado em um sistema capitalista, no qual a manutenção de determinada classe social bastarda e quantitativamente menor é realizada através de grande quantidade de sujeitos, que oferecem seu tempo e força de trabalho para isto.

Portanto, não só nos remetendo à exclusão social capitalista tendo como base a exclusão material, mas vulnerabilizando o sujeito para além deste aspecto mais concreto (material), configurando-se também como exclusão simbólica e moral, imbrincados nos conceitos de capital social e humano de Katzman (BRASIL/MTE, 2007), no qual podemos constatar tripla exclusão, tornando tais sujeitos mais vulneráveis.

Ao tornar os sujeitos mais vulneráveis, há por certo consequências ético-políticas, afetando e excluindo-os em múltiplos aspectos como fora supracitado, e que incide diretamente na qualidade de vida e nas possibilidades de projeto de vida destes sujeitos.

Tais possibilidades de vida tanto concretas calcadas por impossibilidades de acesso a saneamento básico, alimentação, moradia, segurança, saúde física e

mental, trabalho; quanto pelas impossibilidades simbólicas, cerceando-os do acesso à educação de qualidade, informação, cultura ou minando suas poucas possibilidades de produção e expressões culturais, e afetivas, como no caso da discriminação, preconceito e olhar penoso de inferioridade como nos atentara Sawaia (2014, p. 99 - 119) caracterizaria todo o sofrimento de base ético-política.

Como demonstrado nos resultados desta pesquisa, as impossibilidades e dilemas reais rareiam a liberdade concreta e subjetiva dos sujeitos, oferecendo-lhes poucas ou nenhuma possibilidade de escolha perante a vida, levando-os a diversos tipos de sofrimentos.

Porém, ao participar do PBF, este sujeito, além de adquirir uma identidade mesmo que volátil como beneficiária, engendra em si possibilidade, ou melhor, como pudermos observar nesta pesquisa, várias possibilidades, sejam objetivas como poder ter gastos com alimentação e saúde, ou de sentir-se com dignidade para viver, de ser vista e reconhecida socialmente, mitigando tal sofrimento.

Assim, a busca por identidade é em si busca por identidades, implicando mobilidade, liberdade, ser livre para, por exemplo, ser identificado como alguém que pode exercer o poder de compra, negociando seus desejos, exercendo contratualidade, tendo seu nome reconhecido em um papel como nos lembrou a fala de Mérci, de forma a preservar e viver sua dignidade como nos disse a beneficiária Tine.

Neste ponto observa-se o PBF trazer mais possibilidades de cidadania, porém como refletimos antes, isto implicaria reduzir o sujeito à identidade de beneficiário, e como vimos, a identidade representa “identidades”, mudança de identidade, mobilidade, possibilidades em diversos aspectos, concretos e subjetivos, e que jamais poderiam ser contempladas em um único programa social ou política pública isoladamente, mas sim em um rol de políticas de outras áreas de forma conjunta, como também, em uma visão mais ampla e crítica, dentro de um sistema social que confira às pessoas maiores possibilidades de vida permitindo mais dignidade e uma cidadania mais ativa.

Temos como uma das reflexões proporcionadas por esta pesquisa o PBF não necessariamente criar condições ideais de caminho para a cidadania, mas as desvela, trazendo ao centro da questão um debate ético-político, tanto ao nos colocar diante

da questão social capitalista, quanto à frente da reflexão humana, à guisa de nos perguntarmos até que ponto o sistema vigente: i) permite o desenvolvimento digno humano e a cidadania ativa? ii) cria dificuldades para isto?

Aparentemente até não nos atermos, de fato, a estas questões, o PBF poderá configurar-se como uma frente, como se demonstrou nesta pesquisa, de alívio objetivo imediato e até mesmo de possibilidades também subjetivas, mesmo que principiantes.

Portanto, ao desvelar esta trama, o PBF potencializa estas ações para algo mais sustentável, sinalizando através de consciência mais desperta com críticas relacionadas ao programa, aumento da demanda por parte dos beneficiários, sentimentos de dignidade, visibilidade, previsibilidade, autonomia e reconhecimento social, de modo que estes princípios de liberdade, possam tomar contornos para algum grau de cidadania e experiências de vida mais sustentáveis, principalmente, se forem realizados mais investimentos nestes “sinais”, de modo a empoderar estes sujeitos socialmente, criando vias concretas de participação social e engajamento de gestores públicos junto à comunidade local.

Esta discussão pôde contemplar aspectos subjetivos ao abordar a política pública, como a voz dos sujeitos, resgatando-os dentro da política pública. Isto significa ampliar a potência da singularidade em cada experiência e torná-la informação que faça parte das políticas, não apenas como números e dados concretos, mas também o que dá “tom” e “cor” à política, o fato dela ser feita com a participação de vários atores da sociedade.

Assim, disponibilizar equipamentos e recursos que potencializem as vozes destes sujeitos é uma forma de potencializar não apenas eles, mas também todo o conjunto de atores que fazem parte desta política, sejam eles, gestores públicos, a equipe de saúde da família ou da assistência social, proporcionando maior dinâmica, fluxo de informação, cruzamento de informação e dados, maior adaptação entre os atores possibilitando cada vez maior participação social, “problematizações” e “inquietações” que façam superar um determinado problema local e até mesmo servir de exemplo com novas soluções para outras experiências com políticas públicas, possibilitando maior desenvolvimento da cidadania e sustentabilidade na dinâmica da própria política social local.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acerca das possíveis contribuições do PBF na transformação social e política das famílias, portanto, se referindo ao indicador política social, fica evidente o significado positivo e de suma importância de forma geral do programa pelas beneficiárias e do significado de sobrevivência experienciados por estas beneficiárias principalmente em torno do insuficiente benefício, contemplando apenas o alívio imediato da extrema pobreza, sendo este um dos objetivos do programa, tendo como objetivo principal a superação da condição de extrema pobreza e pobreza, os quais não foram constatados nesta pesquisa, apesar do acesso relativamente satisfatório com relação à alimentação, à educação e à saúde por parte das beneficiárias.

As duas condicionalidades, educação e saúde, possuem significados positivos e são percebidas pelas beneficiárias como justas, importantes para as crianças e para o contínuo recebimento do benefício por parte das famílias, apesar do caráter heterônomo.

Porém Medeiros; Britto; Soares (2007), autores supracitados na discussão sobre condicionalidades, observam que a exigência de condicionalidades incentivaria a demanda por serviços sociais como saúde e educação podendo gerar expansões e melhorias na oferta dos mesmos.

Três fatores emergiram de forma importante perante este indicador (política social), principalmente no aspecto político, os quais foram a insegurança vivida pelas beneficiárias com uma possível mudança de governo podendo perder o benefício, sensação esta que está permeada pelo momento de incertezas políticas atuais, e o significado do programa bolsa família não parecer ser um direito, pois não é para todos e com muitas condições para se estabilizar como beneficiária do mesmo, podendo até mesmo sofrer algum tipo de punição.

A insegurança vivida por possível mudança de governo e possível mudança ou perda do benefício, enseja uma questão macropolítica do programa bolsa família, porém concordamos com Bichir (2010) ao refletir que os programas de transferência de renda, como o PBF, afirmam-se cada vez mais como política de Estado, tendo como foco cada vez maior o cuidado com a família.

O segundo fator vem de encontro com a questão macropolítica, e alocado na fala de Paulistinha que refletiu criticamente sobre a noção de direito do programa, baseando-se nas dificuldades em seguir rigorosamente bem as condicionalidades, e as consequentes ingratas punições advindas do não cumprimento da contrapartida.

Apesar de alguns autores atentarem para o aspecto possivelmente perverso de controle e punição e possível perda do direito, como Bueno (2009) por exemplo. Seguimos o pensamento de Dalt; Brandão; Silva (2009), para estes, o cumprimento das condicionalidades resulta em condições que ampliam o valor do capital social.

Porém, isto não nega a natureza burocrática e de vigilância e controle da camada mais pobre da população, como nos atenta Carnelossi (2016) e também Bueno (2009).

O terceiro fator é algum grau de desconhecimento por parte das beneficiárias com relação ao funcionamento do programa, atribuindo-lhes significados de elegibilidade por ajuda divina e também não sabendo identificar perfis para elegibilidade no mesmo. Aqui é importante ser realizado um estudo mais específico sobre a necessidade específica de um CRAS e de até mesmo pareceria com a unidade de saúde da família visando corresponsabilidades na área da assistência social, incentivando assim a integralidade e intersetorialidade.

Este fator correlaciona-se indiretamente com os significados destas beneficiárias sobre o papel da unidade de saúde da família que giram em torno da rotina de condicionalidade da saúde, como o acompanhamento por pesagem e vacinação, por exemplo, satisfazendo esta condicionalidade, e que também vem acompanhado de insatisfação com o trabalho realizado pela equipe de saúde da família e com a própria dinâmica de serviços da unidade.

Outros aspectos relevantes foram a independência financeira da mulher em relação ao marido, e também a possibilidade, através do recebimento do pagamento, de forma regrada, o que possibilitou a previsibilidade nos gastos, ambos indicando também haver algum grau de transformação psicossocial nestas famílias através da participação no programa.

Estas duas categorias anteriores estão alocadas no indicador política social, porém convergem com o próximo indicador que dialoga com os sentidos que estão

mais alocados no indicador inter/subjetividade, que são a visibilidade social, reconhecimento social em ser beneficiária do programa e a dignidade possibilitada por estar inclusa, de certa forma, através do pagamento do benefício, na dimensão de mercado de nossa sociedade, possibilitando uma transformação psicossocial, e também, identidade.

Neste momento é interessante pontuar o que Ávila (2013) reflete acerca dos resultados de sua pesquisa, na qual observou a relevância e importância dos impactos mais subjetivos através do recebimento da renda pelas beneficiárias, destacando que por estarmos em uma sociedade de consumo isto se torna mais evidente.

Portanto, este parece-nos o valor subjetivo dos sinais de cidadania, onde estando de acordo com as condicionalidades do programa e recebendo o benefício, o indivíduo que se encontra em vulnerabilidade social, recordando que esta não é apenas carência ou privação de valores materiais, mas também de símbolos, cultura, informação, alienando-o à própria condição de múltiplas carências, assim, perante o programa, consegue estabelecer-se minimamente com alguma independência financeira, mesmo que insuficiente para tirá-lo da condição de vulnerabilidade social, porém exercendo contratualidade no espaço social, maiores possibilidades de identidade, ampliando estes espaços e negociando seus desejos (Oliveira, 2009), com algum grau de autonomia geral em sua vida, possibilitando certa autonomia moral, visibilidade e reconhecido socialmente, implicando aqui pressuposto principiante de cidadania.

Percebe-se nesta pesquisa que os impactos subjetivos/intersubjetivos, explicitados no indicador intersubjetividade, possibilitaram compreender melhor os sentidos de ser beneficiária do programa bolsa família, contextualizados através dos significados dos mesmos presentes, principalmente, no indicador política social, sendo este o aspecto mais objetivo desta vivência.

Através de González Rey pudemos ver claramente que estes dois indicadores, política social e intersubjetividade não estão cindidos, mas integrados de forma dialética, a um só tempo, assim, a subjetividade se define por configurações subjetivas que emergem em todo espaço macro ou micro social, caracterizado por diferentes vias de configuração e reconfiguração permanentes, sendo uma delas as próprias

configurações subjetivas dos sujeitos que compartilham práticas sociais em seu interior (REY, 2012).

Diante das informações expostas acerca de sentir-se digna, vista e reconhecida socialmente participando do programa bolsa família, percebe-se que os trechos mais contundentes em sua maioria foram das beneficiárias que estão a mais tempo participando do programa: Beta, 11 anos, Paulistinha 11 anos e Mérci, 10 anos, logo, cabe aqui melhor avaliação e questionamentos para futuras pesquisas, cabendo até mesmo comparação entre o tempo de permanência e este tipo de impacto.

Interessante conclusão de Leão Rego; Pinzani (2013) que pode embasar a desta presente pesquisa, onde observam que estes possíveis impactos de cidadania do programa bolsa família podem ser mais efetivos se o poder local estiver comprometido com esta questão, ou seja, se as beneficiárias forem objeto de políticas municipais específicas de estímulo à participação política, em particular, através de sua organização em associações e movimentos sociais.

Logo, confere a maior organização social e participação política junto às beneficiárias um caminho, longo e complexo, para um maior e melhor exercício de seus direitos e de cidadania.

Assim o PBF não pode ser considerado um caminho pleno para a cidadania tendo em vista o contexto amplo de miséria e pobreza o qual carece de ação de diversas políticas públicas, o que não desmerece e nem anula este alívio imediato objetivo da pobreza e nem os valores subjetivos encontrados nesta pesquisa o que pode indicar que o programa tem de ser ampliado e melhorado, mas também não se pode confiar ao mesmo como única solução para uma sociedade com cidadãos mais ativos.

Cabe pensarmos o programa juntamente à garantia de serviços públicos de qualidade, considerando a pobreza enquanto uma variável multidimensionada, que traduz a necessidade de implementação de diferenciadas ações no campo das políticas públicas, vinculado então a estratégias articulada de desenvolvimento local, geração de renda, saúde, educação, por exemplo.

Como reflexão final, diante de contradições principalmente relacionadas às condicionalidades, as quais são consideradas positivas e necessárias também

soaram autoritárias repercutindo na noção de direito do programa, pois há graus de punição que podem inclusive duplicar a exclusão caso retirem famílias do programa, e o próprio não entendimento do funcionamento do programa dificultando a compreensão da focalização do mesmo, assim consideramos que o Bolsa Família à longo prazo avance em direção a universalização e incondicionalidade, transformando-se em um importante mecanismo universal de garantia de direitos.

Assim, compartilhamos com Suplicy da afirmação de que os programas focalizados existentes - sobretudo o Bolsa Família - podem ser o começo da Renda Básica de Cidadania:

De acordo com a lei número 10.835, de 2004 em seu artigo primeiro, visa instituir a renda básica de cidadania, que se constituirá no direito de todos os brasileiros residentes no país e estrangeiros residentes há pelo menos 5 (cinco) anos no Brasil, não importando sua condição socioeconômica, receberem, anualmente, um benefício monetário, complementando em seu primeiro inciso, onde tal implementação seria realizada em etapas, priorizando as camadas mais necessitadas da população.

9. REFERÊNCIAS

1. AGUIAR, S. C. O significado do Programa Bolsa Família para as beneficiárias atendidas na Unidade Básica de Saúde da Família (UBSF) Ana Amélia Vilar Cantalice no município de Campina Grande - PB. 2010. 27f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2010. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/1632>>. Acesso em: 30 Jul. 2016.
2. ANGROSINO, M. Etnografia e observação participante. Porto Alegre. Artmed, 2009 (Coleção pesquisa qualitativa, coordenada por Uwe Flick).
3. ANHAS, D. de M. Participação Social, Afetividade e Subjetividade - As vivências de jovens moradores da Vila dos Pescadores em Cubatão/SP. 2015. Dissertação de Mestrado Interdisciplinar em Ciências da Saúde. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.
4. ÁVILA, M. P. Que pensam as beneficiárias do Bolsa Família?. Política & Trabalho (Online) , v. 38, p. 105-122, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/14384/9380>> . Acesso em: 20 Set 2016.
5. BANCO MUNDIAL. País. Brasil. Visão Geral. 2015. Disponível em: <<http://www.worldbank.org/pt/country/brazil/overview>>. Acesso em: 22 Jan. 2016.
6. BICHIR, R. M. O Bolsa Família na berlinda? Os desafios atuais dos programas de transferência de renda. Novos estud. - CEBRAP, São Paulo, n. 87, p. 115-129, July 2010 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002010000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 Abr. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002010000200007>.
7. BOCK, A. M. B. A Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (orgs). Psicologia Sócio-Histórica. São Paulo: Cortez, 2001, p. 15-35.
8. BUENO, M. F. As condicionalidades do Programa Bolsa Família: o avesso da cidadania. Lugar Comum (UFRJ), v. 1, p. 33-46, 2009. Disponível em: <

- http://uninomade.net/wp-content/files_mf/110610120258As%20condicionalidades%20do%20Programa%20Bolsa%20Familia%20-%20Marina%20Bueno.pdf>. Acesso em: 14 Jan. 2017.
9. BRASIL. CEF. Caixa Econômica Federal. Programas Sociais. Bolsa Família. Perguntas frequentes. Sair do programa. 2015a. Disponível em: <<http://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-familia/perguntas-frequentes/Paginas/default.aspx#sair-do-programa>>. Acesso em: 14 Jan. 2016.
 10. BRASIL. CEF. Caixa Econômica Federal. Programas Sociais. Bolsa Família. 2015b. Disponível em: < <http://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-familia/Paginas/default.aspx>>. Acesso em: 16 Jan. 2016.
 11. BRASIL. DAB. Departamento de Atenção Básica. Área de Imprensa. Notícias Programa Bolsa Família acompanha saúde de mais de 20 milhões de pessoas. 2015. Disponível em: < <http://dab.saude.gov.br/portaldab/noticias.php?conteudo=&cod=2069>>. Acesso em: 16 Jan. 2016.
 12. BRASIL. DECRETO Nº 5.209 DE 17 DE SETEMBRO DE 2004. Regulamenta a Lei no 10.836, de 9 de janeiro de 2004, que cria o Programa Bolsa Família, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5209.htm>. Acesso em: 12 Nov. 2015.
 13. BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico, 2010. Aglomerados Subnormais. Tabelas. Tabela 2. 2010a – Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados_subnormais/tabelas_pdf/tab2.pdf>. Acesso em: 15 Abr. 2016.
 14. BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico, 2010. Aglomerados Subnormais. Informações Territoriais. Periódicos 552. 2010b. – Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/552/cd_2010_agasn_if.pdf>. Acesso em: 12 Nov. 2015.
 15. BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico, 2010. Ferramenta Cidades. São Paulo. Cubatão. 2010c.

- Disponível em:
<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=351350&search=||jnfogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>>. Acesso em: 14 Abr. 2016.
16. BRASIL. IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Atlas Brasil. UDH. Unidades de Desenvolvimento Humano. 2013a. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_udh/1351350400003#vulnerabilidade>. Acesso em: 07 Jul. 2016.
17. BRASIL. IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Atlas Brasil. Vila dos Pescadores. 2013b. – Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_udh/1351350400003#vulnerabilidade#caracterizacao. Acesso em: 03 Mar. 2016.
18. BRASIL. IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Índice de Vulnerabilidade Social. Consulta. 2013c. Disponível em: <<http://ivs.ipea.gov.br/ivs/pt/consulta/>>. Acesso em: 07 Jul. 2016.
19. BRASIL. IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Índice de Vulnerabilidade Social. O Atlas. Metodologia. Cálculo do Índice de Vulnerabilidade Social. 2013d. Disponível em: <http://ivs.ipea.gov.br/ivs/pt/o_atlas/metodologia/calculo-do-ivs>. Acesso em: 07 Jul. 2016.
20. BRASIL. IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Índice de Vulnerabilidade Social. O Atlas. Índice de Vulnerabilidade Social. 2013e. Disponível em: <http://ivs.ipea.gov.br/ivs/pt/o_atlas/ivs/>. Acesso em: 07 Jul. 2016.
21. BRASIL. IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Programa Bolsa Família: uma década de inclusão e cidadania. Campello, T.; Neri, M. C. (org.). Brasília: Ipea, 2013f.
22. BRASIL. IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Retrato das desigualdades de gênero e raça. 4ª ed. - Brasília: Ipea, 2011. 39 p. : il. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_retradod_igualdade_ed4.pdf>. Acesso em: 28 Jan. 2016.
23. BRASIL. LEI Nº 10.835 DE 08 DE JANEIRO DE 2004. Institui a renda básica de cidadania e dá outras providências. Disponível em:

- http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.835.htm>.
Acesso em: 16 Jan. 2017.
24. BRASIL. MDS. Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome. Área de Imprensa. Notícias. Bolsa Família Completa 12 anos. 2015a. Disponível em: <http://mds.gov.br/area-de-imprensa/noticias/2015/outubro/bolsa-familia-completa-12-anos-e-pode-celebrar-a-primeira-geracao-de-criancas-livre-da-fome-e-na-escola>> . Acesso em: 16 Jan. 2016.
25. BRASIL. MDS. Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome. Assuntos. Bolsa Família. Acesso à Educação e Saúde. 2015b. Disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/o-que-e/acesso-a-educacao-e-saude/acesso-a-educacao-e-saude> . Acesso em: 18 Jan. 2016.
26. BRASIL. MDS. Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome. Bolsa Família. Publicação. Informes. Informe 493. 2015c. Disponível em: < http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/bolsa_familia/Informes/Informe_493_Balanco2015.pdf> . Acesso em: 16 Abr. 2016.
27. BRASIL. MDS. Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome. Bolsa Família. O que é. Brasília. 2015d. Disponível em: < <http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/o-que-e/>> . Acesso em: 12 Nov. 2015.
28. BRASIL/MDS. Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome. Bolsa Família. O que é. Acesso à educação e saúde. Brasília. 2015e. Disponível em: <<http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/o-que-e/acesso-a-educacao-e-saude>>. Acesso em: 12 Nov. 2015.
29. BRASIL. MDS. Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome. Bolsa Família. O que é. Como funciona. 2015f. Disponível em: < <http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/o-que-e/como-funciona>> . Acesso em: 12 Nov. 2015.
30. BRASIL. MDS. Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome. Bolsa Família. Assuntos. Cidadania e Justiça. Mais de 3 milhões de famílias deixam o bolsa família. 2015g. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/04/mais-de-3-milhoes-de-familias-deixam-Bolsa-familia>> . Acesso em: 14 Jan. 2016.
31. BRASIL. MDS. Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome. Bolsa Família. Assuntos. Cidadania e Justiça. Bolsa Família é destaque em relatório internacional. 2015h. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/04/mais-de-3-milhoes-de-familias-deixam-Bolsa-familia>> . Acesso em: 14 Jan. 2016.

- justica/2015/12/bolsa-familia-e-destaque-em-relatorio-internacional-1> .
Acesso em: 16 Jan. 2016.
32. BRASIL. MDS. Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome. Sagi. Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. O (RI) do Bolsa Família e Cadastro Único. 2015i. Disponível em: <[http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/Rlv3/geral/relatorio.php#Visão Geral](http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/Rlv3/geral/relatorio.php#Visão_Geral)>. Acesso em: 19 Abr. 2016.
33. BRASIL. MDS. Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome. Sagi. Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. Relatório Informativo. Visão Geral Brasil. 2016. Disponível em: <[http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/Rlv3/geral/relatorio.php#Visão Geral Brasil](http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/Rlv3/geral/relatorio.php#Visão_Geral_Brasil)>. Acesso em: 19 Abr. 2016.
34. BRASIL. MDS. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Boletim Informativo: O Brasil sem miséria no seu município. Cubatão. 2015j. Disponível em: http://aplicacoes.mds.gov.br/sagirmps/ferramentas/nucleo/grupo.php?id_grupo=69. Acesso em: 14 Dez. 2015.
35. BRASIL. MDS. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Sagi. Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. Relatórios de Informações Sociais. Relatório de Informação Bolsa Família e Cadastro Único de Cubatão. 2015k. Disponível em: <<http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/Rlv3/geral/relatorio.php#>> . Acesso em: 14 Dez. 2015j.
36. BRASIL. MTE. Ministério do Trabalho e Emprego. Aspectos Conceituais da Vulnerabilidade Social. p. 14-15. 2007. Disponível em: <http://www3.mte.gov.br/observatorio/sumario_2009_TEXTOV1.pdf>. Acesso em: 20 Jul. 2016.
37. BRASIL. São Paulo. Câmara Municipal de Cubatão. História. 2015. Disponível em: <<http://www.camaracubatao.sp.gov.br/historia.html>>. Acesso em: 14 Abr. 2016.
38. BRASIL. São Paulo. Prefeitura Municipal de Cubatão. Aspectos Econômicos. 2015a. Disponível em: <http://www.cubatao.sp.gov.br/aspectos-economicos/> . Acesso em: 14 Abr. 2016.

39. BRASIL. São Paulo. Prefeitura Municipal de Cubatão. Aspectos Geográficos. 2015b. Disponível em: <<http://www.cubatao.sp.gov.br/aspectos-geograficos/>> . Acesso em: 14 Abr. 2016.
40. CARLOTO, C. M.; MARIANO, Silvana Aparecida. Empoderamento, trabalho e cuidados: mulheres no programa bolsa família. Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 11, p. 1, 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/12337/8636>>. Acesso em: 17 Jan. 2017.
41. CARNELOSSI, B. O trabalho do assistente social no Programa Bolsa Família: desafios ao Código de Ética profissional. Serviço Social & Sociedade, v. 1, p. 124-147, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n125/0101-6628-sssoc-125-0124.pdf>>. Acesso em: 14 Jan. 2017.
42. CODO, W.; LANE, S. T. M. Psicologia Social: O Homem Em Movimento. 13ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1. 220p.
43. COHN, A. O PBF e seu potencial como política de Estado. In: CASTRO, J. A.; MODESTO, L. Bolsa Família 2003-2010: avanços e desafios. Brasília, DF: Ipea, 2010. p. 215-234. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3246/1/livro_bolsafamilia2003-2010_vol2.pdf>. Acesso em: 22 Jan. 2017.
44. DALT, S.; BRANDÃO, A. A.; SILVA, A. P. da. Educação e pobreza: o impacto das condicionalidades do Programa Bolsa Família. Revista Contemporânea de Educação. Revista Contemporânea de Educação, v. 4, p. 296-313, 2009. Disponível em: <http://www.fe.ufrj.br/artigos/n8/numero8-05_educacao_e_pobreza_o_impacto_das_condicionalidades_do_programa_bolsa_familia.pdf>. Acesso em: 14 Jan. 2017.
45. DALT, S.; SILVA, C. A. O Programa Bolsa Família? Impactos provocados pelo cumprimento de condicionalidades de saúde e provável articulação com o Programa Saúde da Família.. 2009. (Apresentação de Trabalho/Congresso). Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=3415&Itemid=171>. Acesso em: 14 Jan. 2017.
46. ESTRELLA, J.; RIBEIRO, L. M. Qualidade da gestão das condicionalidades do Programa Bolsa Família: uma discussão sobre o índice de gestão descentralizada. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 3, p. 625-641,

- Junho 2008 . Disponível em:
 <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122008000300009&lng=en&nrm=iso> . Acesso em: 15 Out. 2016.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122008000300009>.
47. FMUSP. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. CEDEM. Centro de Desenvolvimento de Educação Médica. Atenção Básica e a Saúde da Família. Texto02. 2016. Disponível em: <
<http://fm.usp.br/cedem/did/atencao/Texto02.pdf>> . Acesso em: 10 Out. 2016.
48. FROTA, M. M. R.; DIAS, G. L.; ZIMMERMANN, C. R. .Programas de Transferência de Renda no contexto de formação do Welfare State e emergência do neoliberalismo. In: Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFES, 2011, Vitória. Fronteiras do Pensamento e Desafios Teórico-metodológicos nas Ciências Sociais, 2011. v. 1. p. 1-15. Disponível em:
 < <http://www.periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/view/1421> >. Acesso em: 10 Out. 2016.
49. GALLERT, A. Z.; SILVA, M. do R. B.; LOUREIRO, D. G.; SOUZA, R. C. Subjetividade na pesquisa qualitativa: uma aproximação da produção teórica de González Rey. Educação on-Line (PUCRJ), v. 8, p. 1, 2011. Disponível em:
 <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=18055@1>. Acesso em: 09 Out. 2016.
50. GONZÁLEZ REY, F. L. Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios. São Paulo: Cengage Learning. 2011.
51. GONZÁLEZ REY, F. Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira, 2002.
52. GONZÁLEZ REY, Fernando. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. Psicol. educ., São Paulo, n. 24, p. 155-179, jun. 2007. Disponível em
 <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752007000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 10 out. 2016.
53. HONNETH, A. Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. Trad. de Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003, p. 78-155.
54. LEÃO REGO, W. G. D.; PINZANI, A. Liberdade, dinheiro e autonomia. O caso do Programa Bolsa Família. In: CAMPELLO, Tereza; NERI, Marcelo C. (Org.).

- Programa Bolsa Família: uma década de inclusão e cidadania. 1ed. Brasília: IPEA, 2013, v. 1, p. 359-366. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20408>. Acesso em: 14 Dez. 2015.
55. MARIANO, S. A.; CARLOTO, C. M. Gênero e combate à pobreza: programa bolsa família. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 901-908, Dez. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000300018&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 Mai 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2009000300018>.
56. MARINHO, V.; CASTRO, L.M.C.; PRADO, S. D.; GUGELMIN, S. A ajuda do Programa Bolsa Família: representações da transferência de renda para seus beneficiários. DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde, v. 7, p. 203-216, 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/viewFile/5092/3845>>. Acesso em: 20 fev. 2017.
57. MARTINS, J. de S. Exclusão social e a nova desigualdade. São Paulo: Editora Paulus, 1997.
58. MEDEIROS, M.; BRITTO, T.; SOARES, F. V. Transferência de Renda no Brasil. Novos Estudos CEBRAP (Impresso), v. 79, p. 5-21, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n79/01.pdf>>. Acesso em: 14 Jan. 2017.
59. MINAYO, M.C. Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. -14. Ed. – São Paulo: Hucitec, 2014. P. 39 – 316.
60. MOREIRA, N. C. et al. Empoderamento das mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família na percepção dos agentes dos Centros de Referência de Assistência Social. Rev. Adm. Pública, Rio de Janeiro, v. 46, n. 2, p. 403-423, Abr. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122012000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 Jan. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122012000200004>.
61. MOREIRA, N. C. (2010). Programa Bolsa Família e o empoderamento das mulheres em Minas Gerais (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal

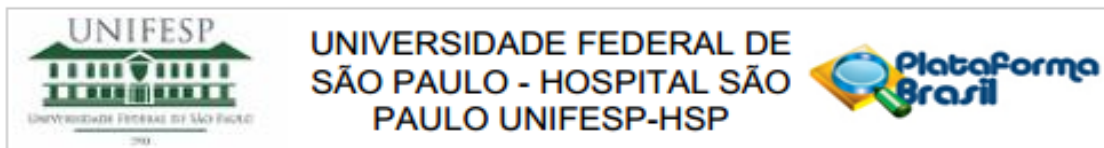
- de Viçosa. Disponível em:
<<http://locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/1943/texto%20completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 16 Jan. 2017.
62. MORI, V. D.; REY, F. L. G. Reflexões sobre o social e o individual na experiência do câncer. *Psicol. Soc.*, Florianópolis, v. 23, n. spe, p. 99-108, 2011. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000400013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 Nov. 2015.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822011000400013>
63. NOVO MILÊNIO. Cubatão. Bairro Vila dos Pescadores. 2016. Disponível em:
<<http://www.novomilenio.inf.br/cubatao/bvpescad.htm>> . Acesso em: 14 Abr. 2016.
64. OLIVEIRA, M. A. F. Os sentidos do Programa Bolsa Família nas relações sociais dos seus beneficiários / Maria Aparecida Finotti Oliveira. 2009, 132p. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Sociedade). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2009.
65. OLIVEIRA, M. K. O problema da afetividade em Vygotsky. In: LA TAILLE, Y. de; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.
66. ORIGEM DA PALAVRA. Palavras. Inter. 2016. Disponível em: <
<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/inter/>>. Acesso em:
67. PINTO, I. V. Percepções das titulares do Programa Bolsa Família e as repercussões em suas condições de vida. Um estudo no Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria, em Manguinhos, RJ, 2009. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro s.n 2010 xvi, 128p. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em
<<http://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/2429>>. Acesso em: 07 Jul. 2016.
68. PIRES, A. Afinal, para que servem as condicionalidades em educação do Programa Bolsa Família? *Ensaio: aval.pol.públ.Educ.*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 80, p. 513-531, Set. 2013. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362013000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 Jan. 2017.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362013000300007>.

69. QUEIROZ, D. T.; VALL, J.; SOUZA, Â. M. A.; VIEIRA, N. F. C. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. *Revista Enfermagem (UERJ)*, v. 15, p. 276-283, 2007. Disponível em: < <http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf> >. Acesso em: 15 Nov. 2015.
70. REY, F. L. G. O social como produção subjetiva: superando a dicotomia indivíduo-sociedade numa perspectiva cultural-histórica. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, v. 2, n.2 p. 167-185, 2012.
71. ROSA, A. J.; BONFANTI, A. L.; CARVALHO, C. S. O sofrimento psíquico de agentes comunitários de saúde e suas relações com o trabalho. *Saúde soc.*, São Paulo, v. 21, n. 1, Mar. 2012, p.141-152. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v21n1/14.pdf> >. Acesso em 28 Jan. 2017.
72. ROSA, K. R. M. A afetividade, o sofrimento ético-político e o cuidado à saúde mental em território de alta vulnerabilidade. 2014. Dissertação de Mestrado Interdisciplinar em Ciências da Saúde. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.
73. SANTOS, M. C. M. dos et al. A voz do beneficiário: uma análise da eficácia do Programa Bolsa Família. *Rev. Adm. Pública*[online]. 2014, vol.48, n.6, pp.1381-1405. ISSN 0034-7612. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122014000600002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 Ago. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-76121663>.
74. SAWAIA, B. Identidade – Uma ideologia separatista? In: SAWAIA, Bader (Org.). *As artimanhas da exclusão*. Petrópolis, Rio Janeiro: Vozes, 2014, p. 121 – 129.
75. SAWAIA, B. O Sofrimento ético-político como categoria de análise dialética exclusão/inclusão. SAWAIA, B. (Org.). *As artimanhas da exclusão*. Petrópolis, Rio Janeiro: Vozes, 2014, p. 99 – 119.
76. SILVA, K.A.T; CAPPELLE, M. C. A. A Teoria da Subjetividade e a Epistemologia Qualitativa de Gonzalez Rey como Possibilidade Teórico- Metodológica nos Estudos de Administração. In: ENePQ, 2013, Brasília. ENEPQ. RIO DE JANEIRO: ANPAD, 2013. Disponível em: <

- http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq_2013/2013_EnEPQ67.pdf >. Acesso em: 20 Set. 2015.
77. SILVA, M. O. da S. e. Pobreza, desigualdade e políticas públicas: caracterizando e problematizando a realidade brasileira. *Rev. katálysis*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 155-163, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802010000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 Oct. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-49802010000200002>.
78. SOARES, S. S. D.; OSORIO, R. G.; SOARES, F. V.; MEDEIROS, M.; ZEPEDA, E. Programas de transferência de renda condicionada no Brasil, Chile e México: Impactos sobre a desigualdade. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2007 (Texto para discussão). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4852>. Acesso em: 07 Mar. 2016.
79. SPOSATI, A. Vida urbana e gestão da pobreza. São Paulo: Cortez, 1988.
80. TAVARES, C. M. M. Quais políticas públicas que influenciam no tempo de permanência no Programa Bolsa Família. 2014. 42 f., il. Dissertação (Mestrado em Economia do Setor Público)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/17229>>. Acesso em: 07 Mar 2016.
81. USIMINAS. Usinas Siderurgicas de Minas Gerais S.A. Cidade de Cubatão. 2015. Disponível em: <http://usiminas.com/wpcontent/uploads/hotsites_portal_sap/CircuitoCultural2014/cidades-cubatao.html>. Acesso em: 10 Out. 2016.
82. VENTURA, T. Luta social por reconhecimento: dilemas e impasses na articulação pública do desrespeito. *Revista de Sociologia e Política* (UFPR. Impresso), v. 19, p. 159-170, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v19n40/12.pdf>>. Acesso em: 16. Jan. 2017.
83. YAZBEK, M. C. Pobreza no Brasil contemporâneo e formas de seu enfrentamento. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 110, p. 288-322, Junho 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282012000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 Feb. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-66282012000200005>.

84. ZIMMERMANN, C. R.; FROTA, M. M. R. O Brasil e as experiências internacionais de Programas de Transferência de Renda. Revista Espaço Acadêmico, n. 82, março/2008. Disponível em: < <http://www.sinteseeventos.com.br/bien/pt/papers/mainaramizziOBrasileasexperienciasinternacionaisdeProgramas.pdf> >. Acesso em: 17 Mai. 2016.

10. ANEXO A



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: OS SENTIDOS DE SER MÃE BENEFICIÁRIA DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA ATENDIDA NA UNIDADE DE SAÚDE DA FAMÍLIA VILA DOS PESCADORES EM CUBATÃO/SP

Pesquisador: Rodrigo Omellas Britto

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 54978116.2.0000.5505

Instituição Proponente: Universidade Federal de São Paulo Campus Baixada Santista

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.641.867

Apresentação do Projeto:

Projeto CEP/UNIFESP n: 0470/2016 (versão final jul/2016)

A pesquisa se configura como uma ampliação acerca dos sentidos de ser beneficiária do programa bolsa família, isto implica perguntar sobre as vivências destas beneficiárias neste programa. Ser mãe beneficiada pelo programa gera que tipo de vivência? Alguns autores apontam, por exemplo, que ao assumir as condicionalidades necessárias para se receber a renda do programa, a beneficiária ocupa outros espaços sociais (escola, unidades de saúde da família, entre outros), exercendo algum tipo de poder ao tomar decisões, e também, adquirindo sentido de ser reconhecida socialmente. Cabe perguntar, quais os sentidos de ser beneficiária do programa bolsa família do bairro Vila dos Pescadores, atendidas na unidade de saúde da família, no município de Cubatão/SP.

Objetivo da Pesquisa:

- Hipótese: Indaga-se sobre a influência do programa bolsa família na vivência das mães beneficiárias em situação de exclusão social, a partir de sentidos singulares/subjetivos produzidos na rotina do programa. Destacando as condicionalidades do programa como um fator importante para processos de emancipação e transformação social. Tais

Endereço: Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14
Bairro: VILA CLEMENTINO **CEP:** 04.023-061
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)5571-1062 **Fax:** (11)5539-7162 **E-mail:** secretaria.cepunifesp@gmail.com

11. ANEXO B

PREFEITURA MUNICIPAL DE CUBATÃO
UNIDADE DE SAÚDE DA FAMÍLIA - VILA DOS PESCADORES

AUTORIZAÇÃO

A gerência da unidade de saúde da família da Vila dos Pescadores do município de Cubatão/SP autoriza o pesquisador Rodrigo Omellas Britto, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – Campus Santos, a realizar a pesquisa "Os sentidos de ser beneficiária do programa bolsa família, atendidas na unidade de saúde da família da vila dos pescadores, no município de Cubatão/SP", conseqüentemente com as entrevistas no local e acesso aos documentos, pertinentes à pesquisa, da respectiva unidade de saúde.

Data: 07 de Julho de 2016.

Isabel Gea A. Correia
Chefe de Serviço e Coord.

ISABEL GEA AGUDO CORREIA
Gerente de Serviços de Saúde

12. ANEXO C



PREFEITURA MUNICIPAL DE CUBATÃO
ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE
478º DE FUNDAÇÃO DO POVOADO E 62º DE EMANCIPAÇÃO
www.cubatao.sp.gov.br

Ofício nº 529/2016/SMS/GS

Cubatão, 14 de junho de 2016

A Sua Senhoria o Senhor
Rodrigo Ornellas Britto
Aluno da Universidade Federal de São Paulo
Campus Santos

Ref. Processo Administrativo nº 1159/2016

Prezado Aluno,

Diante da relevância da matéria, autorizamos a realização da pesquisa "Os sentidos de ser mãe beneficiária do Programa Bolsa Família, atendida na Unidade de Saúde da Família Vila dos Pescadores em Cubatão/SP", referente ao vosso projeto de mestrado.

Para tanto, solicitamos que se dirija à Divisão de Atenção Básica, sito à Av. Martins Fontes, nº 328, telefone: (13) 3361-8951, e em contato com a Sra. Chefe Débora Sueli C. M. Guidini, promovam acertos quanto a melhor forma de desenvolver os trabalhos, a fim não prejudicar o bom andamento dos serviços.

Atenciosamente,


BENJAMIN RODRIGUEZ LOPEZ
Secretário Municipal de Saúde

BRL/rmao

13. ANEXO D

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS DA SAÚDE
CAMPUS BAIXADA SANTISTA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Senhor(a) a participar da pesquisa “Os sentidos de ser beneficiária do programa bolsa família, atendidas na unidade de saúde da família da vila dos pescadores, no município de Cubatão/SP” sob a responsabilidade do pesquisador, Rodrigo Ornellas Britto, mestrando da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto de Castro e Silva. A presente pesquisa tem como intuito compreender quais os sentidos de ser beneficiária do programa bolsa família na unidade de saúde da família do bairro Vila dos Pescadores, no município de Cubatão/SP. Possibilitando servir de embasamento para a gestão de políticas públicas mais efetivas para a categoria trabalhada.

A sua participação nessa pesquisa é voluntária e acontecerá por meio de uma entrevista, a qual será gravada e posteriormente transcrita. Seus dados pessoais serão preservados e na divulgação dos resultados sua identidade permanecerá anônima, o que nos interessa é o conteúdo da entrevista, e não identificar quem falou, portanto minimizando possíveis riscos. O acesso aos resultados obtidos da pesquisa serão apresentados sempre que solicitados.

Porém, mesmo após a assinatura da entrevista, você tem a liberdade de retirar o seu consentimento e desistir de continuar participando da pesquisa, independentemente do motivo. O (a) Senhor(a) não terá nenhuma despesa e nenhuma remuneração.

O termo com a assinatura está disponibilizado em 2 vias originais, uma para o pesquisador(a) e outra para o(a) participante.

Para maiores informações, entrar em contato com o pesquisador, Rodrigo Ornellas Britto, no endereço: Universidade Federal de São Paulo - Unidade I - Av. Ana Costa, 95 - Vila Mathias - Santos/SP; e nos telefones (13) 3229-0100 (Ramal 3711 ou 3774) ou (13) 9 8177-7692.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unifesp - Rua Botucatu, 572, 1º andar, cj 14, 5571-1062, FAX: 5539-7162 - e-mail: cepunifesp@unifesp.br.

Eu, _____, fui informado(a) sobre os objetivos da pesquisa e porque precisa da minha colaboração. Estou ciente quando a preservação do sigilo dos meus dados. Compreendi as explicações passadas e por isso aceito participar da entrevista, sabendo que não vou ganhar nada e que posso desistir a qualquer momento.

Data: _____

Nome do Pesquisador

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do(a) Participante

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS DA SAÚDE
CAMPUS BAIXADA SANTISTA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Senhor(a) a participar da pesquisa “Os sentidos de ser beneficiária do programa bolsa família, atendidas na unidade de saúde da família da vila dos pescadores, no município de Cubatão/SP” sob a responsabilidade do pesquisador, Rodrigo Ornellas Britto, mestrando da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto de Castro e Silva. A presente pesquisa tem como intuito compreender quais os sentidos de ser beneficiária do programa bolsa família na unidade de saúde da família do bairro Vila dos Pescadores, no município de Cubatão/SP. Possibilitando servir de embasamento para a gestão de políticas públicas mais efetivas para a categoria trabalhada.

A sua participação nessa pesquisa é voluntária e acontecerá por meio de uma entrevista, a qual será gravada e posteriormente transcrita. Seus dados pessoais serão preservados e na divulgação dos resultados sua identidade permanecerá anônima, o que nos interessa é o conteúdo da entrevista, e não identificar quem falou, portanto minimizando possíveis riscos. O acesso aos resultados obtidos da pesquisa serão apresentados sempre que solicitados.

Porém, mesmo após a assinatura da entrevista, você tem a liberdade de retirar o seu consentimento e desistir de continuar participando da pesquisa, independentemente do motivo. O (a) Senhor(a) não terá nenhuma despesa e nenhuma remuneração.

O termo com a assinatura está disponibilizado em 2 vias originais, uma para o pesquisador(a) e outra para o(a) participante.

Para maiores informações, entrar em contato com o pesquisador, Rodrigo Ornellas Britto, no endereço: Universidade Federal de São Paulo - Unidade I - Av. Ana Costa, 95 - Vila Mathias - Santos/SP; e nos telefones (13) 3229-0100 (Ramal 3711 ou 3774) ou (13) 9 8177-7692.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unifesp - Rua Botucatu, 572, 1º andar, cj 14, 5571-1062, FAX: 5539-7162 - e-mail: cepunifesp@unifesp.br.

Eu, _____, fui informado(a) sobre os objetivos da pesquisa e porque precisa da minha colaboração. Estou ciente quando a preservação do sigilo dos meus dados. Compreendi as explicações passadas e por isso aceito participar da entrevista, sabendo que não vou ganhar nada e que posso desistir a qualquer momento.

Data: _____

Nome do Pesquisador

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do(a) Participante

15. APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADO – Beneficiárias

- 1) Como e por que você se tornou beneficiária do programa?
- 2) Quando falo em ser beneficiária no programa bolsa família, qual o sentido disto para você? (O que vem a sua cabeça)
- 3) Houve alguma mudança em sua vida após entrar no programa?
- 5) O que você acha sobre as condicionalidades (saúde e educação) do programa? (regras)
- 4) Você acha que existe alguma diferença entre ser beneficiária e não ser beneficiária? Houve alguma diferença na saúde de sua família após ter se tornado beneficiária?
- 6) Qual o papel da Unidade de Saúde da Família em sua vida? Você utiliza qual serviço na UBS? Como se sente com este serviço?
- 7) Você gostaria de falar mais alguma coisa?

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADO – Gerente

- 1) O que você acha sobre o Programa Bolsa Família?
- 2) Qual o papel do programa aqui na comunidade?
- 3) Qual o papel da Unidade de Saúde da Família para os beneficiários?
- 4) Você acha que existe alguma diferença entre ser beneficiária e não ser beneficiária? Acha que tenha alguma diferença, principalmente, em relação à saúde?
- 5) Você gostaria de falar mais alguma coisa?

16. APÊNDICE B

TABELA

Categorias	Trechos	Descrição	Pré-Referência
<p>1.Categoria Empírica: Programa Bolsa Família é importante para as famílias da Vila dos Pescadores.</p>	<p>“Após esta conversa com Regina, o mestrando permaneceu alguns minutos na sala de reunião dos ACS’s, onde os mesmos, sabendo de meu objetivo de pesquisa teceram alguns apontamentos sobre a importância do PBF na Vila dos Pescadores, pois, segundo os mesmos, literalmente, o programa é de alguma forma útil aos beneficiários e muito importante para a vida dos beneficiários” [ACS - DC-2 – PG01];</p> <p>“Karina e Kelly, ambas as irmãs disseram, literalmente, que o benefício é realmente fundamental em suas vidas” [Karina e Kelly – DC4 – PG01-02];</p> <p>“Para Lindaura, literalmente, o programa bolsa família é de muita importância, e ajuda a família” [Lindaura – DC-4 – PG02];</p> <p>“Roseane repetiu o discurso, literalmente, sobre a essencialidade do programa, dizendo que o programa é essencial em sua vida” [Roseane – DC-4 – PG03];</p> <p>“Mérci disse que o programa era muito</p>	<p>O programa é essencial na vida do beneficiário.</p>	<p>O que embasa esta categoria empírica talvez seja o fato do programa ser focalizado em famílias em extrema pobreza e pobreza, justamente fatores presentes na Vila dos Pescadores, tornando o PBF no geral algo importante e até mesmo essencial para estas pessoas em tais condições.</p>

	<p>importante em sua vida. Visivelmente sem encontrar palavras para expressar tal importância, e com pressa, tivemos apenas de consentir tal importância junto a ela e nos despedirmos” [Mérci - DC-5 – PG03];</p> <p>“Beta, emocionada, disse que o benefício é crucial em sua vida, disse também que possíveis cortes a preocupa muito” [Beta – DC-5 – PG03];</p> <p>“Segundo Ivonaldo o programa é tudo para ele” [Ivonaldo - DC-7 – PG01];</p> <p>“Eu tenho um problema sério de saúde, de coluna. Não posso tá trabalhando. Misericórdia! Bolsa Família pra mim é tudo! É tudo!” [Beta – ET-6 – PG02];</p> <p>“Na minha opinião, eu acho que é um benefício que traz um pouco de alívio pra essas famílias carentes” [Bela – ET-2 – PG01];</p> <p>“Gosto do Programa, eu acho que é necessário, ajudou muito, porque eu conheço muitas famílias que estavam em extrema miséria e com esse pouco que o Bolsa Família deu elas conseguiram decolar e sair desse perfil de miséria. Então, pra mim, funciona” [Bela – ET-2 – PG01];</p> <p>“O meu olhar em relação ao Bolsa Família na</p>		
--	--	--	--

	<p>comunidade, eu vejo de uma forma positiva porque a carência social é muito grande a gente tem muitos problemas sociais aqui dentro comunidade” Maria – ET-7 – PG01];</p>		
<p>2. Categoria Empírica: Importância do Programa Bolsa Família na composição da renda e na vida da família.</p>	<p>“Thayla, 26 anos de idade, 2 filhos, residente na avenida principal, e que está acerca de 6 anos no programa bolsa família, a mesma citou, literalmente, o programa como importante para complementação de renda, como auxílio para manter a si própria, e principalmente, seus dois filhos” [Thayla – DC-4 – PG01];</p> <p>“Porque o Bolsa Família pra mim é tudo que a gente tem nesse momento. Porque eu tô desempregada e o pai do meu filho não paga pensão. A gente só recebe só o Bolsa Família no mês. E o Bolsa Família paga conta e faz compra” [Tine – ET-3 – PG01].</p> <p>“É bom por causa das criança, né?! Porque, mantém eles na escola, é um dinheirinho pra ajudar em casa, né?! Quem passa necessidade tem o Bolsa, pode ajudar dentro de casa, né?! Igual eu no momento, tô desempregada, e é só eu e eles, né?! Pra mim tá sendo bom” [Aneli – ET-5 – PG01]</p> <p>“[...] Me sinto alegre, feliz, né?! Porque é uma ajuda mais. Entendeu?” [Aneli – ET-5 – PG01].</p>	<p>O programa bolsa família de alguma forma possui importância, citando principalmente eixos centrais do programa como a renda e a família.</p>	<p>O que embasa esta categoria empírica talvez seja o fato do programa ser focalizado em famílias em extrema pobreza e pobreza, justamente fatores presentes na Vila dos Pescadores, tornando o PBF no geral algo importante e até mesmo essencial para estas pessoas em tais condições.</p>

<p>3. Categoria Empírica: Mudança de governo refletir no programa bolsa família.</p>	<p>“Lindaura também demonstrou preocupação com a entrada de um possível novo governo” [Lindaura – DC-4 – PG02];</p> <p>“Mérci considera essencial a manutenção do programa pelo governo, porém, sempre procura estar trabalhando, mesmo que não estiver formalmente empregada, mas com algum trabalho para tentar se manter, pois não sabe até quando o programa irá durar” [Mérci – DC-10 – PG02].</p> <p>“Como é que vai ser? Que foi o Lula que colocou e foi ela que continuou. E se tirar, como é que vai ser? Pro povo que precisa muito desse dinheiro. Que eu vi, é... eu tô no colégio, mas eu tô vendo jornal quando eu tô em casa. Essa noite eu falei pra Deus: Deus, como é que vai ser se o Bolsa Família cortar? Eu não posso trabalhar porque o meu filho é doente, que ninguém fica” [Tine – ET-3 – PG05].</p> <p>“Esses dias teve uma conversa que ia cortar, que ia tirar, eu entrei em desespero. Aí meus primo, "Beta, para com isso". Eu disse "Não, é o que eu tenho". Eu não posso trabalhar, o único dinheiro que eu posso contar, realmente, é esse dinheiro do Bolsa” [Beta – ET-6 – PG02].</p>	<p>Provável mudança de governo implicaria em possível corte do programa.</p>	<p>Segundo Ávila (2013) uma política de governo que está dependente de qualquer forma e ideologia de governo, como também estando permeado por uma reflexão acerca de sua potência para servir como ação afirmativa.</p>
<p>4. Categoria Empírica:</p>	<p>“Marcilene disse, ao ser abordada, que o programa a auxilia,</p>	<p>O valor insuficiente do benefício apresenta-se</p>	<p>Santos, et. al. (2014), refletiram sobre a razão disto</p>

<p>Insuficiência do benefício.</p>	<p>porém, o benefício é pouco” [Marcilene – DC-5 – PG01];</p> <p>“Marize, beneficiária que reside mais ao fundo da Vila, relatou sobre o bolsa família em sua vida, e disse que o mesmo, apesar de pouco valor financeiro, a ajuda. E crê que deva ajudar muitas famílias na vila, pois muitos necessitam do benefício” [Marize – DC-6 – PG01];</p> <p>“Segundo Aneli o bolsa família a ajuda muito, apesar de não ser uma quantia que resolva seus problemas, mas de alguma forma ajuda” [Aneli - DC-7 – PG02];</p> <p>“Eu não sei se muitos pensam como eu, certo? É pouco, mas um pouco que te ajuda na hora da necessidade, entendeu? [...] Então, tem gente que fala assim: o bolsa não dá pra nada! Dá gente, é pouco mas dá! Não tem aquele ditado: O pouco com Deus é muito, e o muito sem Deus é nada. Eu agradeço por isto, entendeu! Sei que é pouco, mas é um pouco que me ajuda, e acho que ajuda muitas pessoas também” [Paulistinha – ET-1 – PG02].</p>	<p>apenas como uma frente de alívio imediato e auxílio.</p>	<p>ser devido tais famílias, de sua pesquisa, possuírem muitos integrantes e que têm o PBF como única fonte de renda, provavelmente os valores recebidos serão insuficientes para satisfazer as necessidades de alimentação, saúde, educação e assistência social de todos os seus integrantes.</p>
<p>5. Categoria Empírica: Gastos com o benefício</p>	<p>“Beta diz que sem isto (benefício do programa bolsa família) não teria construído seu “barraco”, muito menos conseguiria mensalmente colocar alimentos à mesa, como também o gás [...]” [Beta – DC-5 – PG03];</p>	<p>Os gastos referem-se à alimentação, vestimenta, educação e moradia.</p>	<p>Segundo Aguiar (2010) por mais inferior que seja o valor do benefício ele é empregado no atendimento, muitas vezes, de necessidades vitais do ser humano, como a</p>

	<p>“Segundo Paulistinha, apesar de pouco, à ajuda. E disse que antigamente já recebeu mais e já esteve mais necessitada, inclusive os benefícios passados a ajudaram na aquisição de seu “barraco” [Paulistinha – DC-5 – PG03].</p> <p>“Eu compro material escolar, eu compro um gás, eu compro um pão, entendeu? Porque, às vezes, naquele momento a gente não tem um centavo, e calha de chegar no dia de nós receber o bolsa, e aquilo já ajuda, a gente compra um alimento, compra um arroz, compra um feijão, é pouco, mas um pouco que está ajudando, né! Se não estivesse ajudando milhares de pessoas não se inscreviam no programa. Porque você vê que é milhares, não é dizer que é mil pessoas, é milhares de pessoas né. Está entendendo? [...] É, o meu bolsa família eu uso assim, num gás, num material escolar, num chinelo pra uma criança, tanto pras minhas, como se eu alguém chegar me pedindo ajudar, eu podendo ajudar, eu ajudo, entendeu!” [Paulistinha – ET-1 – PG02].</p> <p>“[...] eu comprei minha casa onde que eu tô agora com esse dinheiro” [Tine – ET-3 – PG02]</p> <p>“[...] Eu já me sinto como se fosse uma solução pra</p>		<p>alimentação e moradia.</p>
--	--	--	-------------------------------

	<p>dar um leite pro meu filho. Se não fosse esse Bolsa Família, como que eu ia comprar o leite pra ele? Como que eu ia comprar uma fralda, uma roupa? Eu tiro por isso” [Tine – ET-3 – PG05]</p> <p>“[...]que a médica falou: “Mãe, vai ter que fazer um exame senão teu filho morre”. Foi o dinheiro do Bolsa Família que me salvou! Fiz o exame. Graças a Deus deu nada” [Tine – ET-3 – PG05].</p> <p>“Pão, compro açúcar, arroz, feijão que sempre falta, óleo. Sempre esses negócio assim” [Pires – ET-4 – PG02]</p> <p>“[...] Daí eu compro uma roupa, compro um sapato” [Pires – ET-4 – PG04]</p> <p>“[...] Eu pretendo, mais pra frente, levantar ali de bloco. Por que, qual é a mãe que não sonha em dar um lar melhor pro filho, né?! Então eu pretendo, aos poucos, comprando os material aos poucos, com o dinheiro do Bolsa, e levantar” [Pires – ET-4 – PG07].</p> <p>“Eu não tinha onde morar, entendeu?! Eu consegui essa casa aqui através do pai do meu filho que me ajudou com uma quantia, minha mãe ajudou com outra, e com mais a ajuda do Bolsa [...]” [Aneli – ET-5 – PG02].</p>		
--	--	--	--

	<p>“Compro alimentação, roupa, sapato, né?” [Aneli – ET-5 – PG02];</p> <p>“[...]Pra mim mesma eu não compro nada, é tudo pra eles (seus filhos), entendeu?! E pra dentro de casa, né?! [...]” [Aneli – ET-5 – PG04].</p> <p>“Eu compro sapato, compro roupa, se precisar de algum material, assim, que o governo não pode dar na escola, elas manda comprar aí eu vou lá e compro. [...] E alimento, às vezes, eu já comprei. Que nem eu te falei, que já matou a minha fome, a fome dele, a fome do meu esposo” [Beta – ET-6 – PG03];</p> <p>“[...] Ibuprofeno. Ele não é doado pelo Estado. Eu tenho que comprar. E eu compro desse dinheiro!” [Beta – ET-6 – PG08].</p> <p>“[...] no começo quando eu pegava, era pro alimento [...] Com o dinheiro do Bolsa Família ajudava. Aí juntava com o meu que eu trabalhava, aí depois eu saí do emprego, fiquei com ele pagando pensão pra fazer o barraco. Foi assim, arrumando as coisa. Madeira, comprar comida, essas coisa. Misturando tudo, porque senão” [Mérci – ET-8 – PG03];</p>		
<p>6. Categoria Empírica: Programa Bolsa Família não parece ser um direito.</p>	<p>“Segundo Paulistinha, o programa bolsa família não é um direito, como falam, e sim uma ajuda, porque a mesma destacou o quanto é</p>	<p>Crítica referente à estrutura de focalização em paralelo à estrutura universal de programas de</p>	<p>Pinto (2010) traz a discussão se o PBF da forma que está estruturado seria um direito ou não dos beneficiários. A</p>

	<p>difícil permanecer sempre corretamente dentro das exigências do programa bolsa família, e observa que não apenas para ela isto ocorre, pois as impossibilidades e dificuldades inerentes à pobreza dificultam tal compromisso de forma regular, pois há sempre alguma suspensão ou punição, levando-a à questionar se é mesmo um direito, já que pode perdê-lo se não cumprir tais condições e, acrescenta dizendo que tal benefício deveria ser para todas as pessoas, independente de qualquer coisa” [Paulistinha – DC-8 – PG01].</p>	<p>transferência de renda.</p>	<p>autora acredita que como o número de beneficiários do PBF depende das possibilidades orçamentárias e também conta com o caráter punitivo e até perda do benefício pelo não cumprimento das condicionalidades, portanto, não se configurando como um direito.</p>
<p>7. Categoria Empírica: Dinheiro como fator de não humilhação</p>	<p>“[...]a beneficiária associou sua resposta à noção de dignidade que participar do bolsa família traz, complementou dizendo que com o dinheiro do bolsa não se sente humilhada, porque muita gente humilha quem não tem dinheiro” [Tine – DC-9 – PG02].</p>	<p>O sofrimento de humilhação que é não possuir dinheiro.</p>	<p>Leão Rego; Pinzani (2013) a consideram que parece haver, no geral, uma autonomia econômica que é percebida pelas beneficiárias entrevistadas como condição para a autonomia moral. Assim, a condição de indigência e de falta de independência econômica se traduz na sensação de que a própria personalidade permanece incompleta, inacabada, por assim dizer.</p>
<p>8. Categoria Empírica: Ser visto pelo governo como algo positivo</p>	<p>“[...] a beneficiária apenas disse que alguém a viu, consentindo com a própria afirmação” [Pires – DC-9 – PG01].</p>	<p>O sofrimento de invisibilidade em contraponto à positividade de ser visto por alguém, no caso aqui o governo.</p>	<p>Esta categoria expressa os sofrimentos de invisibilidade em contraponto à positividade de ser visto por alguém,</p>

	<p>“[...] Eu falei mesmo assim: até que enfim o governo fez alguma coisa por nós!!! (abriu os braços de forma estupefata). Até que enfim o governo fez alguma coisa pra nós! Já passou do tempo. Eles têm que fazer alguma coisa por nós. Se é nosso direito, vamos aproveitar nosso direito. Deveriam fazer mais né” [Paulistinha – ET-01–PG06].</p> <p>“[...]Embora ele não conheça a gente, mas pelo menos ele olhou algumas famílias carentes né, necessitadas naquele momento que eles fizeram o bolsa. Eles deveriam fazer mais, abrir mais oportunidades” [Paulistinha – ET01 – PG06];</p> <p>“Sei lá, me sinto um pouquinho importante assim, sabe? E me sinto assim... Alguém!” [Beta – ET-06– PG04].</p> <p>“(acelerando o ritmo de sua fala Mérci diz)Eu me sinto assim, eu acho assim, que se tem esse papel aí é sinal que alguém tá reconhecendo a gente. [...] Aí é alguém, pelo menos é alguém na vida, né?! Sei lá, eu acho. Pelo menos você tá sendo reconhecida! Todo mês cai um negócio na sua conta, que nem te conhece. Eu acho que é isso. Eu acho. Pelo menos tem assim "nossa, alguém tá me reconhecendo". Não me vê, mas pelo menos sabe</p>		<p>no caso aqui o governo, refletindo o sofrimento ético de não ter sido “visto” ou “cuidado” pelo governo e sua respectiva política. Aqui também fora citado o sentimento de não ser reconhecido socialmente, implicando sofrimento na fala, o que nos remete à noção de sofrimento ético e político.</p>
--	--	--	--

	<p>meu nome, sabe meu endereço, sabe minha conta. Assim, eu acho. Eu, pelo menos, eu me sinto assim” [Mérci – ET-08– PG 07]</p> <p>“[...] Eu acho que é bom, porque antigamente não era assim, não reconhecia, não tinha nada, nem com sociedade, nada, papel nenhum. Eu acho, é bom [...]” [Mérci – ET-08– PG 07].</p> <p>“Então, tem muita história que o bolsa família contribui para as famílias, e contribui no benefício, no empoderamento não só financeiro, mas de você se sentir gente, de você sentir importante, você ser um ser humano, de você ser valorizada como tal, e você saber que você tem direitos e deveres” [Maria – ET-07– PG 04].</p>		
<p>9. Categoria Empírica: Funcionamento do programa</p>	<p>“Após a entrevista, Mérci, repetiu que seria Deus no céu e o bolsa família na Terra, pois não sabe o que seria de sua família sem o programa” [Mérci – DC-10 – PG01].</p> <p>“[...] tem muitos que não precisam e tá ali. E tem outros que já precisa e não tá ali, entendeu? [...] Então, tipo, tem pessoas que realmente não precisa, que tem casa, tem marido, tem seu comércio. Não precisa. E tem outras que realmente precisa e não tá tendo o benefício” [Aneli – ET-5 – PG03].</p> <p>“[...]Eu vejo assim, como uma coisa boa, sei lá, um</p>	<p>Não apropriação sobre o funcionamento do programa.</p>	<p>Ávila (2013) destacou em sua pesquisa a percepção das beneficiárias sobre o PBF ser tido como uma ajuda, algo ganho por sorte ou por Deus. E a entrada no programa é remetida a alguém, normalmente algum funcionário da assistência social local, personificando a política e seu funcionamento.</p>

	<p>presente que Deus deu” [Mérci – ET-8 – PG03]</p> <p>“[...] Eu fico triste, porque se é pra todos, por que um tem e outro não? Não é verdade?” [Mérci – ET-8 – PG05].</p>		
<p>10. Categoria Empírica: Planejamento doméstico</p>	<p>“E no programa no Bolsa, às vezes chega naquele momento, aí tem o bolsa pra receber, aí ali a pessoa já vai comprar seu gás, vai comprar seu alimento. O bom do bolsa, foi isso!” [Paulistinha – ET-1 – PG04].</p> <p>“Porque quando eu não tenho da onde tirar, eu sei que no final do mês, naquela data, sempre vai tá aquele dinheiro ali, certo” [Pires – ET-4 – PG02].</p> <p>“Aí você já sabe que você tem o Bolsa, aí você fala "não, eu vou pegar tal dia", aí eu vou lá e compro e tal dia eu pago. Entendeu? Eu creio assim. A mudança foi assim. Que nem um serviço. Você vai trabalhar, se você não trabalhar como é que você vai comprar alguma coisa? Vai pagar como? Eu acho que é dessa forma, acho que mudou assim” [Mérci – ET-8 – PG04].</p>	<p>Possibilidade de prever os gastos.</p>	<p>Pinto (2010) também se deparou com este significado, onde o benefício do PBF traz às famílias certa previsibilidade com o benefício diante de tanta insegurança econômica.</p>
<p>11. Categoria Empírica: Unidade de Saúde da Família</p>	<p>“Olha, isso aí você me pegou agora. Porque não só depende da gente pra UBS atender, depende da prefeita. Por quê? Em Alagoas, as agentes de saúde ia nossa casa, está entendendo? Passava de mês em mês, e aqui ainda não vi uma agente de saúde</p>	<p>Insatisfação com a unidade de saúde.</p>	<p>As beneficiárias demonstraram insatisfação com a unidade de saúde da família, principalmente em relação às agentes comunitárias de saúde e com a própria dinâmica de atendimento na</p>

	<p>aqui comigo, procurando saber. Eu sou hipertensa, eu tenho problema de pressão alta. Se eu não for na UBS, eles não vêm, eles não sabem, o problema é esse. Então não depende da gente a UBS, depende do modo da prefeita lá, porque ela tem de pagar direitinho, pros agentes sentir que o serviço deles tá sendo bem feito. Como é que você vai trabalhar se você não recebe?” [Paulistinha – ET-1 – PG05].</p> <p>“Na saúde que eu acho ruim, porque as agente não entra na nossa casa, não vai. Pra você saber de alguma coisa ou tem que anunciar pra todo mundo saber ou você tem que vir aqui no posto”. [...] “É. Elas não vão. Lá mesmo na vila, no corredor que eu moro, é escolhido as casa, assim, de ponta de dedo que elas têm bastante amizade, que elas entra. Ou, aliás, passa na porta, não entra, não pergunta nada” [Beta – ET-6 – PG05].</p> <p>“Porque esse postinho só Jesus na causa, viu? Eu não vou nem falar o resto” [Mérci – ET-8 – PG05]</p> <p>[...] Aqui no postinho eu acho que só quando vem pesar, ou quando eles vão lá em casa pra assinar. Porque não sei o que que a gente assina. E pra pegar remédio. Geralmente é só essas coisa assim” [Mérci – ET-8 – PG06].</p>		<p>unidade, permanecendo integrados nesta categoria.</p>
--	---	--	--

	<p>“[...]Então, os assistentes sociais, a gente vê que os assistentes sociais dentro do programa, ao invés deles serem os agentes facilitadores, de esclarecimento, não. Eles são agentes burocráticos demais[...]” [Maria – ET-7 – PG07].</p>		
<p>12. Categoria Empírica: Condicionalidades</p>	<p>“Ah, são justas. Elas são justas, porque quando as coisa vem fácil tem que ter alguma coisa pra ajudar, né?! Então, eu acho certo o acordo que eles pedem. As coisa, as regras, tudinho. Tá levando pra pesar, as vacina em dia, as aulas também em dia, porque muita criança tava em falta na escola, entendeu?! Então, isso já vai fazer o quê? Pra mãe também. Às vezes incentiva a mãe a mandar os filho pra escola, porque... Que nem no meu caso: Meus filhos não me escutam, dão muito trabalho. Daí eu falo "ó, vocês quer dinheiro, daí chega na data e eu não tenho dinheiro, porque vocês não tão indo pra escola, então tem que estudar pra ter aquele dinheiro pra mim dar pra vocês. Se vocês não ir não vai ter". Porque o pai não paga pensão, então é o jeito de manter eles na escola, é assim” [Pires – ET-4 – PG03]</p> <p>“[...] no começo eu deixava atrasar muito as vacinas das crianças. As vezes até por preguiça de ir até o Pamos, porque é uma caminhada daqui até lá. Mas agora eu</p>	<p>Condicionalidades vistas como algo positivo.</p>	<p>Esta categoria reúne o que as beneficiárias concebem sobre as condicionalidades do programa serem algo justo e positivo, que as fazem seguir as regras de forma a não perderem o benefício, o que conseqüentemente geraria maior vulnerabilidade, principalmente, porque muitas possuem apenas esta renda do programa.</p>

	<p>preciso levar. Porque se eu não levar eu não vou receber. E se cair lá no sistema, já era. Daí é bloqueado, né? Então, tem uma diferença nisso” [Pires – ET-4 – PG05].</p> <p>“Corretamente perfeito. É muito bom porque, é bom que tenha um acompanhamento na escola. A gente já sabe se a criança faltar, se não levar ao pediatra, na pesagem, e tal, você é bloqueado, entendeu? Então é muito bom isso porque tem muitas mães que não tem a noção desse sentido, então pega e deixa o acontecer, aí depois que é bloqueada aí pega e fica, "ah, mas porque eu fui bloqueada? Porque aconteceu isso?". Falta a criança na escola, no médico não leva, não leva na pesagem. Então, cada uma tem que ter a sua consciência, né?! Tá recebendo o benefício, então tem que fazer por onde, continuar a merecer a receber, né?” [Aneli – ET-5 – PG03].</p> <p>“Eu acho certo. Eu acho certo, porque se eles tão doando isso pra gente, por que a gente também não pode doar algo também? Eu acho certo isso” [Beta – ET-6 – PG04].</p> <p>“Eu acho que é bom, né. Pelo menos cria essa... essa área fica sabendo das coisa, e tá bem, o peso, né? Eu acho normal. Tem gente que reclama disso, mas eu acho normal. É o certo.</p>		
--	---	--	--

	<p>Tudo tem o seu preço, né? Você não quer nada de graça” [Mérci – ET-8 – PG04].</p> <p>“O papel da Unidade, além de ser o setor que leva a informação para o Serviço Social a fim de manter atualizados os dados desse beneficiário, ela proporciona o contato com essas famílias, que muitas vezes não procuram o serviço de saúde a não ser por conta da Bolsa Família” [Bela – ET-2 – PG01];</p> <p>“Tem Bolsa Família, a pessoa procura manter aqueles dados sempre atualizados. Por consequência ela se cuida mais. Em termos de saúde, ela se cuida mais. Porque, já que ela está na unidade, ela passa no médico, o filho, todos os demais da família que fazem parte do Programa, eles passam a frequentar a unidade com mais assiduidade e fazer um acompanhamento, a prevenção de saúde” [Bela – ET-2 – PG01].</p> <p>“Então antes do Bolsa Família o comportamento das pessoas é um comportamento um tanto quanto irresponsável em relação à disciplina dos filhos e depois do Bolsa Família agente observa os cuidados que os pais têm, os responsáveis têm com essas crianças pertencentes a esses grupos que participa no modo geral desses programas sociais. Então o bolsa família, no meu</p>		
--	---	--	--

	<p>ponto de vista, é um programa muito válido, mesmo que seja uma quantia que seja financeiramente não dá suporte pras famílias, mas o suporte maior do Bolsa Família é exatamente a educação” [Maria – ET-7 – PG01];</p> <p>“[...]então desde a educação como eu já falei antes, até a mudança de hábitos ambientais e na saúde também, porque a saúde você vê desde o bebê até uma certa idade a mãe é obrigada, mesmo que ela não seja muito responsável, mas ela é obrigada a ser responsável[...]” [Maria – ET-7 – PG05];</p> <p>“[...]Essa diferença principalmente das crianças que são atendidas pelo Bolsa Família e as que não são. As mães que são atendidas pelo Bolsa Família tranquilamente elas aderem ao programa de aleitamento materno, as outras não, acha que não tem leite, acha que tem dificuldade, a criança com 2, 3 meses ela já tá dando mamadeira, já tá dando outro alimento, e a gente sabe que o aleitamento materno é fundamental para as crianças. Então, até a chupeta a gente vê crianças que participam do programa, elas não têm nem problema da arcada dentária, porque não usam chupeta, então a criança não pega a chupeta, por quê? Por causa do aleitamento</p>		
--	---	--	--

	materno. Aí a outra que não participa, ela já bota uma chupeta na boca da criança, que já fica com os dentes, a arcada dentária deformada, aí vai ter problemas respiratórios, vai ter uma série de situações, que as mães não têm essa orientação[...]" [Maria – ET-7 – PG06].		
13. Categoria Empírica: Independência financeira do marido	“(Beta transpassando muita segurança em seu olhar fixo no pesquisador, afirmou) Mas eu disse a ela: "Quando tu fizer esse cadastramento e o Bolsa Família vir, tu vai ver como vai melhorar tua vida aqui. Porque a minha melhorou muito!". Ela disse: "É, não". Eu disse: "É, menina. Tu fica tão dependente do teu marido, das coisa, e quando tu tem teu dinheiro na mão tu pode comprar as coisas que tu precisa (Terminou a fala de maneira efusiva)"" [Beta – ET-6 – PG06].	Independência financeira e do marido como algo positivo.	Carloto; Mariano (2012) também relatam em sua pesquisa que todas suas beneficiárias têm autonomia para decidir sobre o uso do benefício, independendo do companheiro.

17. APÊNDICE C

Diário de Campo – Mestrado

Nº Diário: 01 - Mestrando: Rodrigo Ornellas Britto

Local: Vila dos Pescadores – Cubatão/SP - Data: 15/12/15

Título: Aproximação de Campo Simples - A Reunião

Ao meio-dia, conforme combinei com a ACMA Maria, chego à USF da VP. Maria estava confeccionando enfeites natalinos juntamente com outra mulher para a USF.

Então fui convidado a ajudar na confecção. Durante tal ato, Bela (Gerente da USF), abre diálogo comigo sobre questões psicológicas de cunho pessoal, logo procuro orientá-la.

Após isto, chega o diretor da assistência social e responsável pela gestão do PBF em Cubatão, nos apresentamos um para o outro e Maria nos acompanha até um restaurante próximo da USF na rua Santa Júlia praticamente ao lado da Associação de Waguinho, o qual estava sentado no meio-fio da calçada e fora cumprimentado por Maria durante o percurso.

Ao chegarmos ao restaurante, nos dispusemos à mesa, em seguida me apresento ao diretor procurando contextualizar cronologicamente minha presença na VP e o sentido de realizar a pesquisa neste lugar.

Pedi licença para que Pádua se apresentasse, assim pude tomar ciência que Pádua está cursando direito, interrompeu sociologia na PUC. Já trabalhou como conselheiro tutelar e atualmente dirige a assistência social de Cubatão e seus respectivos programas há apenas um mês.

Percebi que Pádua almoçava, com aparente pressa (inferência de minha parte), com dois celulares atendeu diversos telefonemas, através de movimentos rápidos do garfo à boca, mal conseguia mastigar a comida, já a engolia, mal esperou a mistura (carne) e já foi comendo arroz com alface olhando para a tela de seu celular, porém, mesmo assim Pádua demonstrou ter capacidade de escuta, apesar da atenção ter ficado um pouco comprometida.

Antônio de Pádua disse haver cerca de 300 famílias no programa bolsa família federal, e que tal número é pouco representativo. Atentou para o fato preocupante de que o programa estar com dificuldades de se manter na VP e obter mais famílias, não ficando claros os motivos destas dificuldades. Neste momento, Maria nos indagou que tipo de família o programa atende. Assim torna-se importante aqui no diário de campo deixar claro, como deixei para Maria, que a população alvo do programa é constituída

por famílias em situação de pobreza e extrema pobreza. Maria e Pádua também pontuaram que a USF apenas orienta e não faz a gestão do PBF, quem o faz é Pádua, quem o aplica são os técnicos da assistência social de Cubatão. Neste ponto veio a minha memória, que ouvi durante a semana de uma agente comunitária de saúde, que são elas que realizam os cadastros para o PBF, portanto, aqui está uma contradição que precisaria ser dirimida.

As famílias extremamente pobres são aquelas que têm renda mensal de até R\$ 77,00 por pessoa. Já as famílias pobres são aquelas que têm renda mensal entre R\$ 77,01 e R\$ 154,00 por pessoa. As famílias pobres participam do programa, desde que tenham em sua composição gestantes e crianças ou adolescentes entre 0 e 17 anos (BRASIL/CEF. Caixa Econômica Federal. Programas Sociais. Bolsa Família, 2015).

Perguntado sobre qual a diferença entre Bolsa Família Federal para o Municipal, respondeu que o municipal é apenas para pessoas em extrema pobreza.

Por fim, trocamos contatos, e-mail e celular. Atendendo seu último telefonema, Pádua, antes de se retirar da mesa e do recinto, fez questão de me cumprimentar firmemente olhando em meus olhos, como se estivesse querendo-me dizer que apesar da pressa está muito interessado na pesquisa e em contribuir com a mesma.

Dados Extras

Antônio de Pádua (Diretor da Assistência Social de Cubatão)

Bela (Gerente da USF)

Siglas

PBF – Programa Bolsa Família

USF – Unidade de Saúde da Família

ACMA – Agente Comunitária de Meio Ambiente

ACS – Agente(s) Comunitária(s) de Saúde

VP – Vila dos Pescadores

ACS – Agente Comunitário de Saúde

Bibliografia

BRASIL. CEF. Caixa Econômica Federal. Programas Sociais. Bolsa Família. 2015. Disponível em: <http://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-familia/Paginas/default.aspx> - Acesso em 17 Dez. 2015.

Diário de Campo – Mestrado

Nº Diário: 02 - Mestrando: Rodrigo Ornellas Britto

Local: Vila dos Pescadores – Cubatão/SP - Data: 22/07/16

Título: Aproximação do Campo Simples - Primeira ida à USF

Nesta data após entrar em contato com o chefe dos programas comunitários Robson, o qual solicitara ao mestrando uma carta formal requerendo os dados do programa bolsa família na Vila dos Pescadores, para assim poder liberar tais dados. Após isto o mestrando dirigiu-se à USF para saber com a enfermeira Thaís uma pouco mais sobre o papel da USF perante as beneficiárias do PBF.

A enfermeira, muito ocupada, porém solícita e prestativa não conseguia explicar sobre o papel da USF e apenas fez apontamentos breves, como por exemplo, que o dia de pesagem das crianças do PBF se dá às terças-feiras das 9h às 11h e das 14h às 16h.

Neste mesmo dia uma senhora chamada Regina se apresentou para o pesquisador, intitulando-se delegada de saúde da vila dos pescadores e que poderia ajudar na seleção das beneficiárias para participarem da pesquisa, citando inclusive que a própria filha era beneficiária.

Após esta conversa com Regina, o mestrando permaneceu alguns minutos na sala de reunião dos ACS's, onde os mesmos, sabendo de meu objetivo de pesquisa teceram alguns apontamentos sobre a importância do PBF na Vila dos Pescadores, pois, segundo os mesmos, literalmente, o programa é de alguma forma útil aos beneficiários e muito importante para a vida dos beneficiários.

Dados Extras

Robson (Chefe dos Programas Comunitários) – 3362-7816 - robsonthales@ig.com.br – Rua Pedro José Cardoso, 567, altos, Centro de Cubatão.

CRAS - Centro de Referência de Assistência Social - Centro

Av. Pedro José Cardoso, 239

Vila Paulista - CEP: 11510-100

Telefone: 3362-5350

Atendimento: 8h00 às 17h00

Siglas

PBF – Programa Bolsa Família

USF – Unidade de Saúde da Família

ACMA – Agente Comunitária de Meio Ambiente

ACS – Agente(s) Comunitária(s) de Saúde

VP – Vila dos Pescadores

Tabela Única
Categoria Empírica:
Programa Bolsa Família é importante para as famílias da Vila dos Pescadores.
Trecho:
“Após esta conversa com Regina, o mestrando permaneceu alguns minutos na sala de reunião dos ACS’s, onde os mesmos, sabendo de meu objetivo de pesquisa teceram alguns apontamentos sobre a importância do PBF na Vila dos Pescadores, pois, segundo os mesmos, literalmente, o programa é de alguma forma útil aos beneficiários e muito importante para a vida dos beneficiários” [AGCS - DC-2 – PG01].
Resumo:
O programa é essencial na vida do beneficiário.

Diário de Campo – Mestrado

Nº Diário: 03 - Mestrando: Rodrigo Ornellas Britto

Local: Vila dos Pescadores – Cubatão/SP - Data: 25/07/16

Título: Aproximação do Campo Simples - Segunda ida à USF

Nesta data aproveitando a ida para uma atividade do projeto de extensão com as agentes comunitárias de saúde, o mestrando realiza uma rápida ida à USF para se apresentar à assistente social Sandra, que realiza atendimento na unidade todas as terças-feiras das 8h ao 12h, atendendo inclusive todas estas terças-feiras beneficiárias do programa bolsa família, tal dia da semana e mais quintas-feiras, segundo a enfermeira Thaís ocorrem as pesagens e medições de altura das crianças do programa, como também das titulares do benefício.

Em conversa com a assistente social Sandra, a mesma colocou que voltou a atuar na unidade desde segunda-feira e que não apresenta instrumental e tecnologia suficiente para atender os munícipes, como também, os beneficiários do programa bolsa família.

Sandra colocou-se à disposição do pesquisador, esclarecendo que dados mais objetivos devem ser procurados através de Robson um funcionário público da assistência social, especificamente chefe de assuntos comunitários, e também de Richard, funcionário ligado diretamente ao sistema de cadastro das famílias no programa bolsa família.

Siglas

PBF – Programa Bolsa Família

USF – Unidade de Saúde da Família

ACMA – Agente Comunitária de Meio Ambiente

ACS – Agente(s) Comunitária(s) de Saúde

VP – Vila dos Pescadores

Diário de Campo – Mestrado

Nº Diário: 04 - Mestrando: Rodrigo Ornellas Britto

Local: Vila dos Pescadores – Cubatão/SP - Data: 26/07/16

Título: Aproximação do Campo Simples - Beneficiárias

Nesta data o mestrando se apresenta a USF (Unidade de Saúde da Família) da VP (Vila dos Pescadores) para dar continuidade ao trabalho de campo e poder realizar algumas visitas domiciliares com o intuito de conhecer algumas famílias para poder selecioná-las perante o perfil estabelecido na pesquisa.

A ACMA (Agente Comunitária de Meio Ambiente) Maria, a mais antiga agente comunitária da unidade de saúde atualmente, aguardava o mestrando para assim acompanhá-lo às visitas domiciliares.

Seguindo a principal avenida da comunidade, avenida dos ferroviários, por volta de 4 “quadras” da unidade de saúde, nos deparemos com Thayla, 26 anos de idade, 2 filhos, residente na avenida principal, e que está acerca de 6 anos no programa bolsa família, a mesma citou, literalmente, o programa como importante para complementação de renda, como auxílio para manter a si própria, e principalmente, seus dois filhos.

Esta primeira munícipe abordada não sabia qual era sua classificação e renda no programa, apesar de ter dito o quanto recebe de rendimento, o pesquisador acabou não tomando nota deste importante elemento.

Neste instante, deste encontro, Maria aborda mais duas conhecidas suas, Fernanda e Roseli, porém ambas apresentam apenas dois anos no programa, tornando-se fator de exclusão na pesquisa, pois um dos fatores de inclusão é participar do programa há pelo menos quatro anos e meio.

A terceira munícipe abordada, **Karina**, possui 28 anos, 2 filhos, um de 14 e outro de 9 anos e está há 6 anos no programa, recebendo mensalmente 70 reais de benefício. Karina estava em casa, é desempregada, e acompanhada de sua irmã, **Kelly**, também beneficiária do programa bolsa família, o qual participa há 5 anos, e possui dois filhos, um com 10 e outro com 3 anos de idade, e recebe benefício mensal de 147 reais. Ambas as irmãs disseram, literalmente, que o benefício é realmente fundamental em suas vidas.

Após isto, adentramos à casa de dona Lindaura, mãe de Marize, de 31 anos, beneficiária do programa há 6 anos, e que possui dois filhos, Katy de 16 anos e um menino de 9 anos, e que recebe por volta de 75 reais de benefício. A avó, Lindaura, debilitada amputou 4 dedos do pé esquerdo devido sua diabetes,

como também, está se recuperando de um câncer. Lindaura tem algum tipo de parentesco distante com Marli. Foi nos oferecido café, e lá degustamos de tal bebida e conversamos sobre política, possíveis cortes no programa bolsa família, e suas consequências para as pessoas mais pobres, como também, a importância da pesquisa para fortalecer este tipo de programa social. Para Lindaura, literalmente, o programa bolsa família é de muita importância, e ajuda a família. Lindaura também demonstrou preocupação com a entrada de um possível novo governo.

Após permanecemos em terra firme, adentramos as palafitas, e lá o cheiro forte devido a poluição ambiental totalmente exposta aos olhos, era para o pesquisador, um fator de incômodo, como também, a dificuldade de caminhar por cima de pequenas estacas de madeira, por muitas vezes, soltas e mal colocadas, gerando o temor de cair sob o mangue poluído. Acerca dos caminhos de palafitas, em certo ponto beirando o final da extensão das palafitas havia apenas dois caibros com menos de dois palmos para passagem até duas casas, o que suscitou o seguinte pensamento: como as pessoas conseguem caminhar sem apoio nenhum em uma passagem extensa de comprimento e com menos de dois palmos de largura? De noite, com chuva, portanto, escorregadio, crianças e idosos, como eles lidam com tal condição?

Entre as vielas das palafitas encontramos e conversamos com Roseane, 24 anos de idade, há 3 anos no programa bolsa família e 2 filhos, um de 4 e outro de 1 ano de idade, e que recebe 197 reais de benefício, residente na avenida principal. Roseane repetiu o discurso, literalmente, sobre a essencialidade do programa, dizendo que o programa é essencial em sua vida.

Chegando à USF, o pesquisador e a ACS Maria refletiram sobre algum tipo de devolutiva, como por exemplo, a realização de um grupo com estas beneficiárias para refletirem sobre o papel da assistência social na comunidade e o acesso aos direitos sociais.

Tal proposta é considerada de forma positiva pelo pesquisador, tendo em vista o papel da pesquisa como um instrumento de intervenção na realidade.

Percepções e Padrões

Nestas visitas algo em comum em todas elas foi o fato de as beneficiárias não saberem suas classificações perante o programa, se em extrema pobreza ou pobreza, até mesmo baixa renda, como também, os tipos de benefícios disponibilizados. Muitas desconheciam o papel da assistente social e também a existência da mesma na unidade de saúde da Vila dos Pescadores, como também, dificuldades sobre onde se referenciam sobre dúvidas acerca do programa bolsa família.

Siglas

PBF – Programa Bolsa Família

USF – Unidade de Saúde da Família

ACMA – Agente Comunitária de Meio Ambiente

ACS – Agente(s) Comunitária(s) de Saúde

VP – Vila dos Pescadores

Tabela I
Categoria Empírica:
Importância do programa bolsa família na composição da renda e na vida da família.
Trechos:
“Thayla, 26 anos de idade, 2 filhos, residente na av. dos ferroviários, 56, e que está acerca de 6 anos no programa bolsa família, a mesma citou, literalmente, o programa como importante para complementação de renda, como auxílio para manter a si própria, e principalmente, seus dois filhos” [Thayla – DC-4 – PG01];
Resumo:
O programa bolsa família de alguma forma possui importância, citando principalmente eixos centrais do programa como a renda e a família.

Tabela II
Categoria Empírica:
Mudança de governo refletir no programa bolsa família.
Trechos:
“Lindaaura também demonstrou preocupação com a entrada de um possível novo governo” [Lindaaura – DC-4 – PG02].
Resumo:
Provável mudança de governo implicaria em possível corte do programa.

Tabela III
Categoria Empírica:
Programa Bolsa Família é importante para as famílias da Vila dos Pescadores.
Trecho:
<p>“Karina e Kelly, ambas as irmãs disseram, literalmente, que o benefício é realmente fundamental em suas vidas” [Karina e Kelly – DC4 – PG01-02];</p> <p>“Para Lindaura, literalmente, o programa bolsa família é de muita importância, e ajuda a família” [Lindaura – DC-4 – PG02];</p> <p>“Roseane repetiu o discurso, literalmente, sobre a essencialidade do programa, dizendo que o programa é essencial em sua vida” [Roseane – DC-4 – PG03].</p>
Resumo:
O programa é essencial na vida do beneficiário.

Diário de Campo – Mestrado

Nº do Diário: 05 - Mestrando: Rodrigo Ornellas Britto

Local: Vila dos Pescadores – Cubatão/SP - Data: 27/07/16

Título: Aproximação do Campo Simples - Beneficiárias

Nesta data o pesquisador apresenta-se à USF com o objetivo de dar continuidade às visitas para completar seu rol de perfil de beneficiárias do programa bolsa família na Vila dos Pescadores.

Maria, ACMA, o acompanhou, mesmo com a presença de alguns policiais civis na entrada da comunidade. Então prosseguiram pela avenida dos ferroviários, entrando em alguns becos e vielas.

A primeira munícipe a se deparar, **Marcilene**, de 39 anos de idade, dois filhos, um de 16 e outro de 19, recebe 77 reais de benefício e está há 5 anos no programa, disse, ao ser abordada, que o programa a auxilia, porém, o benefício é pouco.

Neste íterim surgiu o caso de Nataly, que reside com sua mais recente filha, de um ano de idade, porém já teve outros 6 filhos, que não residem com ela. Nataly possui cerca de 26 anos de idade, ela e seu marido não possuem renda, e após ser orientada pelo pesquisador, disse que iria até a assistente social com seus documentos para ser cadastrada e assim ter acesso ao seu benefício social.

Após abordarmos Nataly, um caso de saúde mental “apareceu”, a ACMA Maria foi interpelada por um morador sobre um caso de saúde mental em uma palafita muito afastada e que nenhum ACS havia passado por lá. Tal morador era amigo de infância no nordeste deste vizinho portador de distúrbio mental.

José tem por volta de 36 anos de idade, e segundo seu vizinho e amigo Fernando, José não realiza mais acompanhamento pelo CAPS (Centro de Apoio Psicossocial) de Cubatão após sua esposa ter o abandonado à própria sorte há algum tempo devido sua saúde mental transtornada.

José tinha uma vida normal, trabalhava, tinha família e jogava futebol e participa de churrascos com amigos. Segundo Fernando, por volta de 8 anos atrás, repentinamente, de um dia para o outro, José, pela manhã saiu de casa com roupas estranhas e desapareceu durante 3 dias, sendo encontrado na cidade de Guarujá pela polícia militar, totalmente transtornado, sendo levado a um hospital e diagnosticado com distúrbio mental.

Fernando não soube dizer o tipo de transtorno, muito menos, alguma causa aparente para tal. Inquirido pelo pesquisador sobre a rotina de José, Fernando disse que o mesmo não se comunica, fica sentado o dia inteiro no sofá olhando para o nada fixamente, não se move muito, apresenta crises de agressividade e também duas tentativas de suicídio, inclusive uma ao tentar se jogar no mangue/rio abaixo de sua palafita.

Segundo Fernando, José tem dois filhos que não residem com ele, e duas irmãs que o visitam e dão algum tipo de suporte, aparentemente, semanal. Fernando diz monitorá-lo de alguma forma.

O pesquisador observou de forma rápida José que se apresentava em estado paralisado, sem expressões faciais e sem respostas aos estímulos verbais da ACMA Maria, olhando para a parede de sua sala, onde não havia televisão, apenas sofás rasgados, José, estava vestindo bermuda com cinto e um par de chinelos, barba por fazer e sem camisa.

Fernando não soube explicar a rotina de José, apesar de dizer que José não sai de casa, e se apresenta há anos desta mesma forma, incomunicável, paralisado e com crises de agressividade esporádicas.

O pesquisador olhou os medicamentos de Sertralina, medicamento tal como uso primário para casos de depressão, e também podendo ser usado como medicamento secundário associado ao uso de antipsicóticos.

Com isto o pesquisador procurou orientar a ACMA Maria para entrar em contato com a equipe da USF para tratar deste caso de forma atenta e cuidadosa. O Pesquisador também acabou explicando o caso, posteriormente, para a enfermeira da área responsável, já que a ACMA Maria não sabia como explicar clinicamente o caso.

Ainda nas palafitas finais, o pesquisador e a ACMA Maria, se depararam com **Beta**, que estava em sua sala com seu único filho de 9 anos de idade, pronto para ir para a escola. Beta é beneficiária do programa bolsa família há 11 anos e recebe 232 reais de benefício, e diz que sem isto não teria construído seu “barraco”, muito menos conseguiria mensalmente colocar alimentos à mesa, como também o gás. Emocionada, disse que o benefício é crucial em sua vida, disse também que possíveis cortes a preocupa muito.

A próxima munícipe foi **Mérci**, de 37 anos de idade, há 10 anos no programa, com 4 filhos, com 15, 05, 12 e 11 de idade. Recebe 415 reais de benefício. Questionada sobre o sentido de ser beneficiária, a mesma, disse que o programa era muito importante em sua vida. Visivelmente sem encontrar palavras para expressar tal importância, e com pressa, tivemos apenas de consentir tal importância junto a ela e nos despedirmos.

Saindo das palafitas e indo em direção à USF, encontramos Paulistinha com 56 anos, mais de 10 anos de PBF, e possui uma neta de 13 anos de idade e recebe 70 reais de benefício. Segundo Paulistinha, apesar de pouco, à ajuda. E disse que antigamente já recebeu mais e já esteve mais necessitada, inclusive os benefícios passados a ajudaram na aquisição de seu “barraco”.

Já na USF, conversando com alguns ACS's, pude obter alguns nomes e dados de munícipes que estiveram por lá para pesagem e medições do bolsa família. Foram obtidos mais 4 nomes com perfis próximos do que a pesquisa requer.

Os ACS's pesam, medem a altura dos beneficiários, registram a última menstruação da beneficiária e marcam o nome das mesmas, como também, o número do cartão do programa. Tudo isto é colocado no sistema do SUS, segundos os ACS's.

Antes de ir embora, o pesquisador deparou-se com a gerente da unidade e a mesma reclamou que há um grande erro na gestão do programa bolsa família na Vila dos Pescadores, já que há em torno de 300 famílias e que tal número não corresponde à realidade, já que o cadastro não é devidamente atualizado.

Percepções e Padrões

Durante esta caminhada pelo campo, vários munícipes, sabendo de que se tratava de uma “pessoa do bolsa” expuseram dúvidas aleatórias sobre o funcionamento do programa durante as passagens entre becos e vielas.

Siglas

PBF – Programa Bolsa Família

USF – Unidade de Saúde da Família

ACMA – Agente Comunitária de Meio Ambiente

ACS – Agente(s) Comunitária(s) de Saúde

VP – Vila dos Pescadores

Tabela I
Categoria Empírica: Insuficiência do benefício.
Trecho: “Marcilene disse, ao ser abordada, que o programa a auxilia, porém, o benefício é pouco” [Marcilene – DC-5 – PG01].
Resumo: O valor insuficiente do benefício apresenta-se apenas como uma frente de alívio imediato e auxílio.

Tabela II
Categoria Empírica: Gastos com o benefício do bolsa família.
Trecho: “Beta diz que sem isto (benefício do programa bolsa família) não teria construído seu “barraco”, muito menos conseguiria mensalmente colocar alimentos à mesa, como também o gás [...]” [Beta – DC-5 – PG03]; “Segundo Paulistinha, apesar de pouco, à ajuda. E disse que antigamente já recebeu mais e já esteve mais necessitada, inclusive os benefícios passados a ajudaram na aquisição de seu “barraco” [Paulistinha – DC-5 – PG03].
Resumo: Os gastos referem-se à alimentação, vestimenta, educação e moradia.

Tabela III
Categoria Empírica: Programa Bolsa Família é importante para as famílias da Vila dos Pescadores.
Trecho: “Mérci disse que o programa era muito importante em sua vida. Visivelmente sem encontrar palavras para expressar tal importância, e com pressa, tivemos apenas de consentir tal importância junto a ela e nos despedirmos” [Mérci - DC-5 – PG03]. “Beta, emocionada, disse que o benefício é crucial em sua vida, disse também que possíveis cortes a preocupa muito” [Beta – DC-5 – PG03];
Resumo: O programa é essencial na vida do beneficiário.

Diário de Campo – Mestrado

Nº do Diário: 06 - Mestrando: Rodrigo Ornellas Britto

Local: Vila dos Pescadores – Cubatão/SP - Data: 01/08/16

Título: Aproximação do Campo Médio – Caminhada pela Comunidade

Nesta data o pesquisador comparece à comunidade Vila dos Pescadores na cidade de Cubatão para dar continuidade ao trabalho de campo e também conversar com a gerente da unidade de saúde da família.

Com isto a ACMA Maria acompanhou o pesquisador para conversarmos com algumas beneficiárias sobre possibilidade de entrevistas futuras, com isto, apesar de não ter havido a possibilidade de todas, foi pego o contato telefônico da maioria, para serem marcadas as entrevistas.

Marize, beneficiária que reside mais ao fundo da Vila, relatou sobre o bolsa família em sua vida, e disse que o mesmo, apesar de pouco valor financeiro, a ajuda. E crê que deva ajudar muitas famílias na vila, pois muitos necessitam do benefício.

Marize também comentou que sua filha não responde às chamadas da professora na sala de aula e o valor do benefício jovem dela fora cortado recentemente.

Enquanto o pesquisador estava com a ACMA Maria conversando com uma beneficiária, a mesma afasta-se do pesquisador com Maria, e ambas conversam mais baixo acerca de uma punição que uma moradora da comunidade sofreu dos traficantes ao trair seu cônjuge, a mesma teve seu cabelo raspado, sofreu algumas agressões leves, porém como o traidor era rival do homem traído, a garota foi jurada de morte e ficou em cativeiro por cerca de 3 dias mas conseguiu fugir. Nesta etapa da conversa, o homem que agrediu a traidora apareceu repentinamente e brincou com a ACMA, com isto a ACMA voltou-se para o pesquisador, comentou o caso e se referiu ao agressor dando detalhes de sua personalidade contraditória e comportamento impulsiva.

Ao chegar à Unidade de Saúde, o pesquisador se dirige à gerente e ambos conversam sobre as dificuldades práticas e burocráticas do programa bolsa família na Vila dos Pescadores, e um dos pontos abordados foi o número de cadastros desatualizados, como também, a precária fiscalização ou organização sobre as condições sociais das beneficiárias, o que prejudica a atualização cadastral, não correspondendo muitas vezes à realidade, por muitas vezes, tendo pessoas que não precisam do benefício e o possui e pessoas que necessitam do mesmo e não conseguem.

Percepções e Padrões

Algo curioso, porém, que possa denotar um aspecto sócio-cultural importante, é o fato de o pesquisador ter ouvido 8 vezes, fora contado, como forma de dar pujança à tal fato, de que as pessoas na Vila dos Pescadores se referem a ir a Cubatão fazer algo, porém, a contradição é que a Vila dos Pescadores se situa no município de Cubatão, configurando-se como um bairro do município.

Siglas

PBF – Programa Bolsa Família

USF – Unidade de Saúde da Família

ACS – Agente(s) Comunitária(s) de Saúde

ACMA – Agente Comunitária de Meio Ambiente

VP – Vila dos Pescadores

Tabela I
Categoria Empírica: Insuficiência do benefício.
Trecho: “Marize, beneficiária que reside mais ao fundo da Vila, relatou sobre o bolsa família em sua vida, e disse que o mesmo, apesar de pouco valor financeiro, a ajuda. E crê que deva ajudar muitas famílias na vila, pois muitos necessitam do benefício” [Marize – DC-6 – PG01].
Resumo: O valor insuficiente do benefício apresenta-se apenas como uma frente de alívio imediato e auxílio.

Diário de Campo – Mestrado

Nº do Diário: 07 - Mestrando: Rodrigo Ornellas Britto

Local: Vila dos Pescadores – Cubatão/SP - Data: 03/08/16

Título: Trabalho de Campo Médio

Nesta data o pesquisador esteve na Vila dos Pescadores para visitar algumas áreas da vila dos pescadores e conhecer algumas beneficiárias.

Então o pesquisador resolveu ir com o agente comunitário de saúde Fernando em sua área, caminho São Jorge, a qual, segundo ele, é de alta vulnerabilidade e mais isolada da entrada principal da Vila dos Pescadores, e que achava que deveria ter no mínimo duas beneficiárias para serem entrevistadas.

A área realmente é mais precária como um todo, principalmente o meio ambiente, mais desorganizada arquitetonicamente, caminhos mais tortuosos e precários, com muita lama, apesar de não estar chovendo, e não ter chovido, e com muitas fiações expostas à meia altura, próximas às nossas cabeças, por volta de 1,75cm de altura. Naquele momento, no qual passávamos entre vielas e becos, percebi postes novos ainda com madeiras em volta para conter e dar contorno ao cimento, e que segundo Fernando, são colocados nas entradas das vielas pela companhia de eletricidade, e instalados pelos próprios moradores.

Neste caminho, Fernando realizou uma observação que chamou a atenção do pesquisador. Segundo Fernando as pessoas de sua área acordam tarde, após as 10 horas da manhã. Assim o pesquisador indaga: será que tais pessoas acordam após as 10 horas da manhã por não estarem inclusas no mercado de trabalho? Ou não terem ocupação fixa?

Nos deparamos com o senhor Ivonaldo, carpinteiro desempregado, 46 anos de idade, há 3 anos perdera sua esposa de óbito por câncer, cuida dos seus 3 filhos sozinho, é beneficiário do bolsa família há 2 anos e seis meses, e atualmente recebe 188 reais. Segundo Ivonaldo o programa é tudo para ele. Sem muito tempo, ficamos de conversar mais sobre.

Após continuarmos em direção as palafitas, logo no início das mesmas nos apresentamos à **Aneli**, beneficiária do bolsa família há mais de 5 anos, possui 4 filhos cadastrados no mesmo, recebe cerca de 220 reais, cumpre as condicionalidades, e desejaria participar da entrevista. Segundo ela, está desempregada e recebe uma pensão de 200 reais de seu ex-marido, e sozinha cuida das crianças.

Segundo ela o bolsa família a ajuda muito, apesar de não ser uma quantia que resolva seus problemas, mas de alguma forma ajuda.

Após termos passado em Aneli, fomos até Pires, que possui 3 filhos no bolsa família, recebe 217 reais, está desempregada, e sozinha cuida dos mesmo e cumpre as condicionalidades do programa.

O que chamou atenção do pesquisador nesta espécie de visita domiciliar que se situou à porta de entrada apenas, foi o grau de, à primeira impressão, abandono da casa, pois havia muita sujeira exposta, panelas, brinquedos e utensílios domésticos no chão, limo nas paredes, infiltrações, rachaduras, manchas, poeira, corrosões, aparentemente indicando precariedade na estrutura residencial.

Ao chegarmos à unidade de saúde, conversando com a agente comunitária de saúde Daniela sobre a pesquisa que está sendo realizada sobre os sentidos de ser beneficiária do programa bolsa família na Vila dos Pescadores, a mesma realizou algumas observações em forma de opinião.

Daniela ressaltou o caráter benéfico do programa às pessoas pobres. Que apesar da renda, por muitas vezes, ser baixa, é de alguma valia, pois ajuda com a alimentação das crianças, como também, a exercer direitos, como na educação. Tal benefício também possibilita comprar roupas e, repor material escolar das crianças, por exemplo, quando a prefeitura atrasa. Empolgada com a pesquisa, se propôs me escrever um e-mail sobre a importância do programa bolsa família na comunidade. Porém o pesquisador não soube lidar com tal proposta e deixou em aberto a questão.

Percepções e Padrões

Pela terceira vez o pesquisador presenciou pela comunidade algo que remete a dúvidas sobre o funcionamento do programa de modo geral, e agora especificamente sobre o CRAS, o qual era localizado no bairro vizinho, e atualmente os moradores da comunidade se referenciam no centro de Cubatão, distância esta considerável segundo alguns os beneficiários, inclusive tendo gasto financeiro com transporte público. Expuseram dúvidas acerca do papel da assistência social realizada na unidade de saúde da família. E, de forma geral, os beneficiários encontrados aleatoriamente, conceberam, através da presença do pesquisador como “pessoa do bolsa”, as instituições representantes da assistência social por palavras que remetem à função como cadastramento e atualização do bolsa, como se a atuação desta instituição se resumisse a estas atividades.

Siglas

CRAS – Centro de Referência da Assistência Social

PBF – Programa Bolsa Família

USF – Unidade de Saúde da Família

ACS – Agente(s) Comunitária(s) de Saúde

ACMA – Agente Comunitária de Meio Ambiente

VP – Vila dos Pescadores

Tabela I
Categoria Empírica:
Insuficiência do benefício do bolsa família.
Trecho:
“Segundo Aneli o bolsa família a ajuda muito, apesar de não ser uma quantia que resolva seus problemas, mas de alguma forma ajuda” [Aneli - DC-7 – PG02].
Resumo:
O valor insuficiente do benefício apresenta-se apenas como uma frente de alívio imediato e auxílio.

Tabela II
Categoria Empírica:
Programa Bolsa Família é importante para as famílias da Vila dos Pescadores.
Trecho:
“Segundo Ivonaldo o programa é tudo para ele” [Ivonaldo - DC-7 – PG01].
Resumo:
O programa é essencial na vida do beneficiário.

Diário de Campo – Mestrado

Nº do Diário: 08 - Mestrando: Rodrigo Ornellas Britto

Local: Vila dos Pescadores – Cubatão/SP - Data: 17/08/16

Título: Entrevistas

Nesta data o pesquisador esteve na Vila dos Pescadores para realizar entrevistas.

As irmãs Karina e Kelly não puderam comparecer mais uma vez. Fora então realizada entrevista com a beneficiária Paulistinha. A ACMA Maria se dispôs a acompanhar o pesquisador à residência de Paulistinha, e a entrevista decorreu-se na residência da mesma.

Após a entrevista, portanto, fazendo parte da análise de diário de campo, Paulistinha realizou algumas observações acerca do programa bolsa família.

Segundo Paulistinha, o programa bolsa família não é um direito, como falam, e sim uma ajuda, porque a mesma destacou o quanto é difícil permanecer sempre corretamente dentro das exigências do programa bolsa família, e observa que não apenas para ela isto ocorre, pois as impossibilidades e dificuldades inerentes à pobreza dificultam tal compromisso de forma regular, pois há sempre alguma suspensão ou punição, levando-a à questionar se é mesmo um direito, já que pode perdê-lo se não cumprir tais condições e, acrescenta dizendo que tal benefício deveria ser para todas as pessoas, independente de qualquer coisa.

Siglas

PBF – Programa Bolsa Família

USF – Unidade de Saúde da Família

ACS – Agente(s) Comunitária(s) de Saúde

ACMA – Agente Comunitária de Meio Ambiente

VP – Vila dos Pescadores

Tabela I
Categoria Empírica:
Programa bolsa família não parece ser um direito.
Trechos:
“Segundo Paulistinha, o programa bolsa família não é um direito, como falam, e sim uma ajuda, porque a mesma destacou o quanto é difícil permanecer sempre corretamente dentro das exigências do programa bolsa família, e observa que não apenas para ela isto ocorre, pois as impossibilidades e dificuldades inerentes à pobreza dificultam tal compromisso de forma regular, pois há sempre alguma suspensão ou punição, levando-a à questionar se é mesmo um direito, já que pode perdê-lo se não cumprir tais condições e, acrescenta dizendo que tal benefício deveria ser para todas as pessoas, independente de qualquer coisa” [Paulistinha – DC-8 – PG01].
Resumo:
Crítica referente à estrutura de focalização em paralelo à estrutura universal de programas de transferência de renda.

Diário de Campo – Mestrado

Nº do Diário: 09 - Mestrando: Rodrigo Ornellas Britto

Local: Vila dos Pescadores – Cubatão/SP - Data: 18/08/16

Título: Entrevistas

Nesta data o pesquisador comparece à unidade de saúde da Vila dos Pescadores com o objetivo de realizar mais entrevistas.

A entrevista com Bela concretizou-se no consultório do pediatra, fora explicitado sobre o sigilo da mesma e fornecido o termo de consentimento, como também, fora conversado sobre a pesquisa e seus objetivos.

Logo após Bela, gerente, como era dia de pesagem e medição das crianças e beneficiárias do bolsa família, decidi me aproximar de uma beneficiária chamada Tine e explicar sobre a pesquisa, a mesma aceitou participar da entrevista.

Com tal aproximação, o pesquisador conheceu **Tine**, mãe de um filho que apresenta transtorno do espectro autista, e que estava acompanhada também da filha de uma vizinha. Tine está há mais de 5 anos no programa bolsa família e recebe cerca de 100 reais e está desempregada atualmente.

A beneficiária não conseguiu compreender o item da pesquisa que é o sentido de ser beneficiária. Então o entrevistador resolveu refazer a questão acerca dos sentidos de ser beneficiária na Vila dos Pescadores, e a beneficiária associou sua resposta à noção de dignidade que participar do bolsa família traz, complementou dizendo que com o dinheiro do bolsa não se sente humilhada, porque muita gente humilha quem não tem dinheiro (terminando a frase de maneira cabisbaixa).

Como a beneficiária tinha de sair para ir ainda ao centro de Cubatão e não estava esperando por este compromisso de entrevista, tal entrevista fora mais objetiva, e com um tempo mais restrito.

Após estas duas entrevistas, restaram mais duas, com Aneli e Pires, assim, como ambas as beneficiárias eram da área do agente comunitário de saúde Fernando, combinei com o mesmo para acompanhar o pesquisador. Com isto, outra agente, Diana, também se propôs a nos acompanhar.

Ao chegar na área e se aproximar da casa da primeira beneficiária a ser entrevista Pires, ambos os agentes se afastaram e resolveram atuar na área, enquanto o pesquisador realizava a entrevista com a beneficiária na casa da mesma. Após a primeira impressão de abandono da casa da beneficiária, tal

impressão fora corroborada pela segunda visita, caracterizada pela entrevista, onde pude adentrar a residência, onde a desorganização, sujeira, e sensação de abandono real se concretizou, ainda mais pelas afirmações da beneficiária, que, segundo ela, vizinhos, conselho tutelar e parentes já avisaram sobre a situação deplorável do ambiente residencial, e que um dos motivos para ter iniciado o recebimento da renda do programa bolsa família foi justamente tal situação observada pela assistente social, conselho tutelar, parentes e vizinhos.

Após entrevistar **Pires** o pesquisador dirigiu-se para a residência da beneficiária Aneli acompanhado pelos dois agentes. Chegando lá, Liliane se dispôs e procurou dispor um ambiente para que a entrevista pudesse ocorrer sem muitas interferências de barulhos externos, um vizinho ouvindo músicas gospels e um outro vizinho realizando obras em sua casa. Alguns barulhos e interferências ocorreram, o que atrapalhou a entrevista, mas isto apenas serviu de motivos de risos para o pesquisador e para a entrevistada.

Durante esta entrevista, a entrevistada encontrou dificuldades para responder um item, sobre o sentido subjetivo do programa bolsa família em sua vida, assim, ao término da entrevista semidirigida o pesquisador explanou sobre o que seria sentido através de sentimento, e a beneficiária apenas disse que alguém a viu, consentindo com a própria afirmação.

Siglas

PBF – Programa Bolsa Família

USF – Unidade de Saúde da Família

ACS – Agente(s) Comunitária(s) de Saúde

ACMA – Agente Comunitária de Meio Ambiente

VP – Vila dos Pescadores

Tabela I
Categoria Empírica:
Dinheiro como fator de não humilhação.
Trecho:
“[...]a beneficiária associou sua resposta à noção de dignidade que participar do bolsa família traz, complementou dizendo que com o dinheiro do bolsa não se sente humilhada, porque muita gente humilha quem não tem dinheiro (terminando a frase de maneira cabisbaixa)” [Tine – DC-9 – PG01].
Resumo:
O sofrimento de humilhação que é não possuir dinheiro.

Tabela II
Categoria Empírica:
Ser visto pelo governo como algo positivo
Trecho:
“[...] a beneficiária apenas disse que alguém a viu, consentindo com a própria afirmação” [Pires – DC-9 – PG01].
Resumo:
O sofrimento de invisibilidade em contraponto à positividade de ser visto por alguém, no caso aqui o governo.

Diário de Campo – Mestrado

Nº do Diário: 10 - Mestrando: Rodrigo Ornellas Britto

Local: Vila dos Pescadores – Cubatão/SP - Data: 19/08/16

Título: Entrevistas

Nesta data o pesquisador comparece à unidade de saúde da Vila dos Pescadores com o objetivo de receber e entrevistar 4 beneficiárias do programa bolsa família, pré-agendadas durante a semana.

Assim às 9 horas da manhã compareceu a primeira beneficiária, Beta, por volta de 40 anos de idade, com seu filho de 14. Beta disse que possui hipotireoidismo, e mesmo com dores compareceu à entrevista. A avisei que eu poderia ter ido até sua casa, como da primeira vez que nos vimos, quando o pesquisador a convidou para participar.

Após Beta, o pesquisador entrevistou a ACMA Maria, como pessoa-chave da pesquisa.

Após o almoço, o pesquisador deu prosseguimento à pesquisa, entrevistando a beneficiária Mérci de 46 anos de idade, 4 filhos, recebe R\$415,00 do programa bolsa família. Mérci estava acompanhada de sua filha, que não conseguiu ir para escola, pois atrasou. Sua mãe estava infeliz com o fato e cobrando a filha, dizendo para o pesquisador, que não deixa seus filhos faltarem, porém hoje havia deixado a responsabilidade mais nas mãos de sua filha e viu que a mesma não correspondeu a confiança depositada.

Todos os procedimentos padrões da entrevista forma respeitados. Nesta etapa, onde o pesquisador fornecera o termo de consentimento para a beneficiária ler, sua filha riu, e a beneficiária logo respondeu que era analfabeta, e que isto não era motivo de vergonha, então o pesquisador sugeriu para que sua filha se lê. Jaque leu, mas não explicou para sua mãe, então o pesquisador resolveu ler em voz alta e explicar cada parte do termo.

Após a entrevista, **Mérci**, repetiu que seria Deus no céu e o bolsa família na Terra, pois não sabe o que seria de sua família sem o programa. Além disso, Mérci considera essencial a manutenção do programa pelo governo, porém, sempre procura estar trabalhando, mesmo que não estiver formalmente empregada, mas com algum trabalho para tentar se manter, pois não sabe até quando o programa irá durar”.

Siglas

PBF – Programa Bolsa Família

USF – Unidade de Saúde da Família

ACS – Agente(s) Comunitária(s) de Saúde

ACMA – Agente Comunitária de Meio Ambiente

VP – Vila dos Pescadores

Tabela I
Categoria Empírica:
Funcionamento do programa
Trecho:
“Após a entrevista, Mérci, repetiu que seria Deus no céu e o bolsa família na Terra, pois não sabe o que seria de sua família sem o programa” [Mérci – DC-10 – PG01].
Resumo:
Não apropriação sobre o funcionamento do programa.

Tabela II
Categoria Empírica:
Mudança de governo refletir no programa bolsa família.
Trechos:
“Mérci considera essencial a manutenção do programa pelo governo, porém, sempre procura estar trabalhando, mesmo que não estiver formalmente empregada, mas com algum trabalho para tentar se manter, pois não sabe até quando o programa irá durar” [Mérci – DC-10 – PG02].
Resumo:
Provável mudança de governo implicaria em possível corte do programa.

18. APÊNDICE D

1 - Transcrição Entrevista Paulistinha – 17/08/16.

[Início]

E: Ela (se referindo a agente comunitária Maria, que estava sentada no sofá ao lado do banco de Paulistinha) me conhece há anos, ela conhece a minha família, conheceu meu papai, conheceu minha mamãe, conhece minha família toda! Ela sabe que nós somos batalhadoras, graças a Deus nós estamos aqui porque Deus permitiu, né! E eu me orgulho muito de ter os meus três filhos, certo?

E: Passei uma época afastada deles, mas hoje nós estamos juntos, entendeu? Me orgulho de ter meus três filhos, me orgulho dos meus netos, por ser vó, e agradeço a Deus a dádiva que Deus deu, até hoje eu poder alcançar Bisneto. E é como eu te digo, e pretendo, se for da vontade de Deus, ainda ver minhas bisnetas moça.

E: Porque pra muito poucos, muito poucos, podem ter esta dádiva de alcançar bisneto né! Eu tô com 56 anos, graças a Deus, eu agradeço a Deus por isto. Então, como você estava me perguntando.

PESQUISADOR: Você tem duas bisnetas.

E: Duas bisnetas. Tenho uma com 3 meses que vai fazer 4 meses e uma de 6 dias. E eu agradeço a Deus por isto, né. Quanto o bolsa família, ele me ajuda em termos, né. Às vezes pra comprar um material escolar, um gás que falta, um pão também, né. É pouco que eu recebo, eles deveriam aumentar mais, porque é muito pouco. 35 por criança, eu recebo R\$70 né, dá 35.

PESQUISADOR: No geral né?

E: É. Porque são duas que estão registradas né. É 70 reais. Eles deveriam olhar um pouquinho mais pras pessoas, porque nem todo mundo tem um recurso, tem um "?" pra sobreviver. Tem muitas mães aí que vive do bolsa, porque é pouquinho, mas nos ajuda. Nos ajuda muito, entendeu? É isso, eu não sei, não posso falar mais, não posso falar mal, tem que falar o que eu faço, entendeu? É isso, porque agora se você tem mais alguma pergunta, pode fazer, que posso te responder.

PESQUISADOR: Sim. Então, você disse um pouco né. E como você se tornou beneficiária?

E: Eu me tornei beneficiária porque disse que nós tínhamos esse programa, eu fui pesquisar, perguntei, e me cadastrei no programa. Entendeu? E eu não me arrependo não. Entendeu?

PESQUISADOR: Sim.

E: Eu não sei se muitos pensam como eu, certo? É pouco, mas um pouco que te ajuda na hora da necessidade, entendeu?

PESQUISADOR: E te ajuda em que?

E: É, então, como eu te disse, eu compro material escolar, eu compro um gás, eu compro um pão, entendeu? Porque, às vezes, naquele momento a gente não tem um centavo, e calha de chegar no dia de nós receber o bolsa, e aquilo já ajuda, a gente compra um alimento, compra um arroz, compra um feijão, é pouco, mas um pouco que está ajudando, né! Se não estivesse ajudando milhares de pessoas não se inscreviam no programa. Porque você vê que é milhares, não é dizer que é mil pessoas, é milhares de pessoas né. Está entendendo?

PESQUISADOR: Sim. São 14 milhões.

E: Então, olha aí, está vendo.

PESQUISADOR: Só esse ano de 2015, chegou a 14 milhões.

E: É muitas famílias.

E: Então, tem gente que fala assim: o bolsa não dá pra nada! Dá gente, é pouco mas dá! Não tem aquele ditado: O pouco com Deus é muito, e o muito sem Deus é nada. Eu agradeço por isto, entendeu! Sei que é pouco, mas é um pouco que me ajuda, e acho que ajuda muitas pessoas também. É, o meu bolsa família eu uso assim, num gás, num material escolar, num chinelo pra uma criança, tanto pras minhas, como se eu alguém chegar me pedindo ajudar, eu podendo ajudar, eu ajudo, entendeu! E é assim. Agora aí não sei da cabeça dos outros né.

PESQUISADOR: E quando você tornou participante do bolsa?

E: Como assim?

PESQUISADOR: Foi em que ano? Eu sei que você está a mais de[...]

E: Olha, pra falar a verdade, têm uns 10 anos, porque a primeira vez que eu fui inscrita no bolsa, minhas netas eram pequenas, certo?

PESQUISADOR: Sim.

E: Como eu estava cuidando de um neto, nome dele é Cássio, que é filho do meu outro filho, que ele vivia comigo. Eu inscrevi a Talia, Taila a Tainá e o Cássio no programa. Aí eu estava recebendo. Aí foi quando também descobrimos que a mãe dele tinha inscrito ele também no programa, aí eu fui cancelada, a primeira vez que foi aqui na Vila dos Pescadores. Aí passou uns anos e eu fiquei sem receber. Aí eu tava com minhas três netas lá em Sergipe, tornei a voltar pro

programa. Tô recebendo. Como a Thalia tinha arrumado marido, saiu de casa, aí eu fui lá e tirei ela do programa. Aí só está a Tayla e a Tainá no programa.

PESQUISADOR: Você tirou por você mesmo?

E: Eu mesmo fui lá e mandei tirar ela do programa, que é a que é mãe agora, agora ela é mãe, mãe da da menina de 6 dias, só isso.

PESQUISADOR: Você falou já né (risos). Legal. Houve alguma mudança na tua vida ao entrar no programa?

E: Mudança como? Você tem que me explicar qual o tipo de mudança, o porquê que você está me perguntando.

PESQUISADOR: Mudança no geral. Houve alguma mudança na sua vida em algum aspecto da sua vida?

E: No aspecto é como eu te disse logo no início que o dinheiro do bolsa me ajuda em algumas coisas, só isso. Agora de dizer assim que mudou o meu jeito de ser, meu modo de pensar, não. É o mesmo, meu modo de pensar é o mesmo!

PESQUISADOR: Você disse que te ajudou em algumas coisas, e você tem um bom tempo de bolsa né, de programa né.

E: Tenho.

PESQUISADOR: Você vê alguma diferença de quando você entrou no problema pra agora? Você vê alguma diferença não sua, mas assim de vida, dessas coisas que você falou.

E: Vou te dizer já pra completar. Não. Não mudou. Meu sistema de vida é o mesmo. É como eu te disse, é pouco tá entendendo? Mas a gente não pode ficar só naquele valor que a gente recebe naquele programa não, a gente tem que correr atrás, que aquele ali não dá pra uma pessoa sobreviver, ali é uma ajuda, ali é um complemento do que você possa estar fazendo. Eu não vou dizer que 70 reais não dá pra passar o mês. 70 reais não dá pra você comprar remédio, calçado, pagar uma luz, uma água. Não, não dá. O custo de vida tá muito caro, então a pessoa tem, que recebe aquilo ali não é pra sobrevivência, é uma ajuda, é um complemento do que você tá recebendo. Hoje em dia um salário não dá pra nada,. Então, eu recebo um salário, então quer dizer que aquele um salário me ajuda a complementar minha renda. O melhor do bolsa, foi esse pra mim. O que mudou foi isso, o que eu recebo ali dá pra me complementar no mês.

ACMA: E as crianças na escola melhorou?

E: As crianças na escola nunca foram pior, nunca foram ruim! Pra você ver, se eles fossem ruim e se eu fosse uma avó relaxada e que as crianças não fossem pra escola, todas elas repetiam de ano. A Tainá está no nono ano, ela tá com 14

anos, tá no nono ano. Ela nunca repetiu ano. A Taila, esses dias pra lá, ela tá em ribeirão preto, tá morando em Ribeirão Preto, mas ela tá no nono ano, ela tá com 15 anos. A Thalia que repetiu um ano, lá em Sergipe, mas tá estudando, tá no nono ano, só a Thalia que repetiu. É, então, eu nunca deixei faltar, graças a Deus, elas estão...vou falar mais o que? Não tem que falar mais. Nunca recebi uma advertência, uma reclamação. O conselho nunca me procurou por causa delas, não. Não vou dizer, entendeu?

PESQUISADOR: Você acha que existe alguma diferença entre ser beneficiária e não ser?

E: Essas perguntas eu já te respondi. Tem diferença! É como eu te disse. A diferença é mínima, mas é, mas tem diferença. Porque aquele dinheiro já te ajuda, se você não tem naquela hora, naquele momento tá fazendo a diferença, entendeu? Do que você não tem. E às vezes você tá preocupada, ai meu deus do céu, o que que eu vou fazer pra comprar um pão pra uma criança? E aí calha de receber o bolsa. Aí tá a diferença.

PESQUISADOR: Você acha que pra algumas pessoas, Por exemplo, pessoas em extrema pobreza vai, que estão completamente desempregadas, você acha que tem alguma diferença também pra essas pessoas?

E: É como eu te disse no começo, tem diferença. Porque tá desempregado, ele tá pensando o quê que eu vou fazer pra comprar um pão pra minha filha, meu gás acabou, o que eu fazer? E no programa no Bolsa, às vezes chega naquele momento, aí tem o bolsa pra receber, aí ali a pessoa já vai comprar seu gás, vai comprar seu alimento. O bom do bolsa, foi isso! Só que, como eu te disse, é muito pouco, deveria ter mais um aumento, como anteriores à Dilma, a nossa presidente, né, disse que ia aumentar, que nós ia ter, como se diz? O décimo do bolsa, e nada disso aconteceu! O bolsa, pra mim, nunca aumentou. Aumentou por ano sim, mas os aumentos que ela falou que ia ter o décimo do bolsa, que eu ouvi muito bem na televisão, isso não aconteceu. Continuo recebendo a mesma coisa.

PESQUISADOR: O mesmo valor.

E: O mesmo valor.

PESQUISADOR: O que você acha das...O que que você acha das regras do programa, das condicionalidades.

E: As regras?

PESQUISADOR: É que as crianças têm que participar da Saúde. O que você acha disso?

E: Tá certo! Porque tem muitas mães relaxadas, que ainda assim mesmo ainda recebendo o bolsa, não vacina as crianças, não leva as crianças, falta, como é que se diz? Não pesa as crianças. Até agora não me chamaram pra pesar, mas quando eu tava em Alagoas, o mês que marcava o dia para mim me pesar, e eles iam na minha casa: hoje é o dia da pesagem do bolsa, nós íamos. Aqui até agora não porque ainda tem que fazer uma transferência pra cá. É isso.

PESQUISADOR: Você já falou da educação. E qual o papel, qual a função da unidade, da UBS, da unidade de saúde pra vida da sua família? Já que você tem suas netas, você é beneficiária. Como você se sente sendo atendida pela Unidade, fazendo esses acompanhamentos?

E: Olha, isso aí você me pegou agora. Porque não só depende da gente pra UBS atender, depende da prefeita. Por quê? Em Alagoas, as agentes de saúde ia nossa casa, está entendendo? Passava de mês em mês, e aqui ainda não vi uma agente de saúde aqui comigo, procurando saber. Eu sou hipertensa, eu tenho problema de pressão alta. Se eu não for na UBS, eles não vêm, eles não sabem, o problema é esse. Então não depende da gente a UBS, depende do modo da prefeita lá, porque ela tem de pagar direitinho, pros agentes sentir que o serviço deles tá sendo bem feito. Como é que você vai trabalhar se você não recebe?

PESQUISADOR: As suas netas frequentam a UBS?

E: Com certeza.

PESQUISADOR: Elas são vacinadas?

E: Todas elas não têm vacina atrasada, graças a Deus até o momento que elas vivem comigo, eu faço o máximo que posso né! Tem dia pra marcar? Tem. Vamos lá. Eu sempre tô levando elas na UBS. Mas eu não levo elas na UBS todo mês, porque como é que eu vou todo mês na UBS, graças a Deus, a saúde delas não são frágil? Graças a Deus elas não me dão trabalho. Mas quando elas sentem tipo ah avo eu tô assim, mas as consultas que agente marca na UBS, é pra daqui um mês, dois meses para ser atendidas. O problema é esse da UBS.

E: Eu tô com esse problema nesse braço aqui ó, mandaram que eu fosse marcar um clínico. Eu fui lá no UPA duas vezes. Ontem mesmo eu fui pegar um remédio e já não tem, o remédio que me passaram lá no UPA, eu tomei injeção lá no UPA, mas o remédio que me passaram fui lá pegar ontem, não tinha. Como é que você vai se tratar, como é que você vai melhorar, se não forneceram o remédio que te passaram?

E: Eu não posso. Se eu tenho meu direito, eu vou lá! Como agora, eu não vou comprar, porque não tem dinheiro, entendeu? Se eles me passaram é porque lá na UBS não tem. Não podia faltar né. A única coisa que graças a Deus ainda não faltou foi o meu remédio de pressão alta, que eu pego todo mês. Esse ainda

não faltou não, mas o remédio que o outro passa não tem. Eu não posso comprar outro remédio, não posso tomar outro tipo de remédio que o médico não passou, tem que tomar o que o médico passou.

PESQUISADOR: Tem que cumprir a ordem médica pra não ter nenhum problema maior né, e você falou que contribuiu de alguma forma, te ajudou no complemento da renda né, o bolsa família, e logo quando você estava no programa, do ponto de vista interno, de como se sente. Como você se sentiu, do ponto de vista quase que emocional, quase que...

E: Eu vou lhe responder. Eu falei mesmo assim: até que enfim o governo fez alguma coisa por nós!!! (abriu os braços de forma estupefata). Até que enfim o governo fez alguma coisa pra nós! Já passou do tempo. Eles têm que fazer alguma coisa por nós. Se é nosso direito, vamos aproveitar nosso direito. Deveriam fazer mais né. Tem tanta gente aí meu Deus do céu debaixo de uma ponte sem um teto às vezes é por opção da pessoa, já vive naquela vida, já acostumou. Mas o Governo deveria fazer mais.

PESQUISADOR: Então você sentiu assim até que enfim o governo olhou por nós! Você sentiu vista?

E: Com certeza né! Embora ele não conheça a gente, mas pelo menos ele olhou algumas famílias carentes né, necessitadas naquele momento que eles fizeram o bolsa. Eles deveriam fazer mais, abrir mais oportunidades.

PESQUISADOR: E como é se sentir vista pelo governo? Como que é isso? Como é se sentir vista?

E: Olha, como assim? Ser vista? É porque tem aquele, como é que fala? Do IBGE né, que de vez em quando, de vez em quando quase nunca, aparece fazendo aquelas entrevistas pra saber o quanto tem de gente, a população. É isso. O IBGE mostra uma coisa, e às vezes não é aquilo que o IBGE mostra, é outro, diferente, porque às vezes mostra cinco mil pessoas né. E às vezes tem até mais de 5.000, porque é o que eles alcançam. Porque às vezes ele passa na minha casa, minha casa tá aberta, ele me entrevista, pergunta quantas pessoas tem, ele marcou. Às vezes a segunda casa já mora gente mas está fechada, e naturalmente, hoje tá fechada, mas passe amanhã, um dia de sábado, um dia de domingo, que às vezes ninguém trabalha, vai alí! Lhe garanto que se andar aqui tem mais gente do que em Cubatão, porque dentro de uma casa tem 3,4,5 família como aqui, que tem duas família que é a do meu filho e a minha.

PESQUISADOR: Você gostaria de falar mais alguma coisa, referente a esse cuidado do governo com estas pessoas.?

E: É um cuidado que eu gostaria que não ficasse só nisso, que tivesse mais cuidado ainda, porque tem tanta gente aí ó, tem gente deficiente, tem gente que não pode trabalhar, tem mães, tem família aí que tem um paraplégico, tem uma

peessoa frágil de saúde, e eles deveriam olhar mais isso, entendeu? Pra ajudar, sabe, como é que se diz? Pra aconselhar. Tenho uma assim, por exemplo, como eles fazem, tem até o médico da família que vai nas nossas casas, que eles abrissem um espaço, assim olha: quem tem filho com problemas de mês em mês sempre vai ali, entendeu? É assim, deveriam abrir mais espaço pras famílias.

PESQUISADOR: Bom, você gostaria de dizer mais alguma coisa?

E: Eu não tenho nada a dizer, não tenho mais nada a declarar não.

E: O que tinha eu que falar sobre o bolsa, sobre mim eu já falei né.

ACMA: O programa continua ou para?

E: Continua né, pra melhor, melhorar também né! Em aspecto (fez gesto com os dedos de financeiro)

PESQUISADOR: Financeiro você diz.

E: Ajuda né, mas tem gente não pode trabalhar né? Tem mãe aí que tem 3,4,5 filhos e não tem com quem deixar. A creche não recebe por causa da idade, não atende às necessidades. Porque aquela creche ali ó, ali é só praticamente pra bebê. Mas tem mães aí que não tem condições, tem filho de três, quatro, cinco anos, tem dois estudando, o pequeno, já tem outros que nem na escola pode ir porque não tem idade e quem vai olhar aquelas crianças? Quem vai olhar? Porque nem todos os vizinhos quer ficar com filho de ninguém. Mal fica com os seus, porque é seus. É isso.

PESQUISADOR: Obrigado então pela...

E: Desculpa se não foi muito.

PESQUISADOR: Não. Que isso. Obrigado pela...

E: Parece que o que eu tô conversando está dando é sono nele.

PESQUISADOR: Não, não (risos) Sono nenhum.

E: É brincadeira. É que eu sou brincalhona mesmo

PESQUISADOR: Eu vou parar a entrevista, tá?

E: Tá bom.

PESQUISADOR: Vou parar a gravação.

E: Tá bom.

PESQUISADOR: Obrigado viu!

E: Por nada.

[Fim]

Tabela I
Categoria Empírica: Insuficiência do benefício.
Trecho: “Eu não sei se muitos pensam como eu, certo? É pouco, mas um pouco que te ajuda na hora da necessidade, entendeu? [...] Então, tem gente que fala assim: o bolsa não dá pra nada! Dá gente, é pouco mas dá! Não tem aquele ditado: O pouco com Deus é muito, e o muito sem Deus é nada. Eu agradeço por isto, entendeu! Sei que é pouco, mas é um pouco que me ajuda, e acho que ajuda muitas pessoas também” [Paulistinha – ET-1 – PG02].
Resumo: O valor insuficiente do benefício apresenta-se apenas como uma frente de alívio imediato e auxílio.

Tabela II
Categoria Empírica: Gastos com o benefício.
Trecho: “Eu compro material escolar, eu compro um gás, eu compro um pão, entendeu? Porque, às vezes, naquele momento a gente não tem um centavo, e calha de chegar no dia de nós receber o bolsa, e aquilo já ajuda, a gente compra um alimento, compra um arroz, compra um feijão, é pouco, mas um pouco que está ajudando, né! Se não estivesse ajudando milhares de pessoas não se inscreviam no programa. Porque você vê que é milhares, não é dizer que é mil pessoas, é milhares de pessoas né. Está entendendo? [...] É, o meu bolsa família eu uso assim, num gás, num material escolar, num chinelo pra uma criança, tanto pras minhas, como se eu alguém chegar me pedindo ajudar, eu podendo ajudar, eu ajudo, entendeu!” [Paulistinha – ET-1 – PG02].
Resumo: Os gastos referem-se à alimentação, vestimenta, educação e moradia.

Tabela III
Categoria Empírica: Planejamento doméstico.
Trecho: “E no programa no Bolsa, às vezes chega naquele momento, aí tem o bolsa pra receber, aí ali a pessoa já vai comprar seu gás, vai comprar seu alimento. O bom do bolsa, foi isso!” [Paulistinha – ET-1 – PG04].
Resumo: Possibilidade de prever os gastos.

Tabela IV
Categoria Empírica: Unidade de Saúde da Família.
Trecho: “Olha, isso aí você me pegou agora. Porque não só depende da gente pra UBS atender, depende da prefeita. Por quê? Em Alagoas, as agentes de saúde ia nossa casa, está entendendo? Passava de mês em mês, e aqui ainda não vi uma agente de saúde aqui comigo, procurando saber. Eu sou hipertensa, eu tenho problema de pressão alta. Se eu não for na UBS, eles não vêm, eles não sabem, o problema é esse. Então não depende da gente a UBS, depende do modo da prefeita lá, porque ela tem de pagar direitinho, pros agentes sentir que o serviço deles tá sendo bem feito. Como é que você vai trabalhar se você não recebe?” [Paulistinha – ET-1 – PG05].
Resumo: Insatisfação com a unidade de saúde.

Tabela V
Categoria Empírica: Ser visto pelo governo como algo positivo
Trecho: “[...] Eu falei mesmo assim: até que enfim o governo fez alguma coisa por nós!!! (abriu os braços de forma estupefata). Até que enfim o governo fez alguma coisa pra nós! Já passou do tempo. Eles têm que fazer alguma coisa por nós. Se é nosso direito, vamos aproveitar nosso direito. Deveriam fazer mais né.” [Paulistinha – ET-01– PG06]; “[...]Embora ele não conheça a gente, mas pelo menos ele olhou algumas famílias carentes né, necessitadas naquele momento que eles fizeram o bolsa. Eles deveriam fazer mais, abrir mais oportunidades” [Paulistinha – ET01 – PG06].
Resumo: A beneficiária expressou o sofrimento de invisibilidade em contraponto à positividade de ser visto por alguém, no caso aqui o governo.

3 - Transcrição Entrevista Tine – 18/08/16

[Início]

PESQUISADOR: Bom, Tine, como e por que você se tornou beneficiária do programa?

E: É, bom, em primeiro lugar foi pro meu outro filho.

PESQUISADOR: Você tem mais um?

E: Não, o que faleceu.

PESQUISADOR: Ah, sim.

E: Ele era especial. E nisso, quando ele nasceu, o rapaz veio. A gente foi morar num brotão. E no brotão a gente conheceu as instituições sociais, que era, que se chamava Wilson. Aí ele pegou e fez a inscrição do Bolsa Família pra mim, mas não era o Bolsa Família. É o... Fornecia o gás se eu não me engano. O auxílio gás. E o auxílio também de leite, que ela dava leite de primeiro. Depois que foi o Bolsa Família.

PESQUISADOR: E o Bolsa Família foi mais ou menos quanto tempo atrás?

E: Aí, eu só sei que foi em 2004. Foi.

PESQUISADOR: Ah, então já tem aí já. Desde o início do programa, praticamente, né?

E: Isso. Foi 2004 que o cartão chegou. Eu me lembro até hoje que foi no dia do primeiro aniversário do meu filho. Aí ele me ligou e falaram que o cartão tinha chegado.

PESQUISADOR: Que bom. Quando eu falo em ser beneficiária do Programa Bolsa Família, qual o sentido disso na sua vida?

E: Vou falar a verdade. Porque o Bolsa Família pra mim é tudo que a gente tem nesse momento. Porque eu tô desempregada e o pai do meu filho não paga pensão. A gente só recebe só o Bolsa Família no mês. E o Bolsa Família paga conta e faz compra. É isso.

PESQUISADOR: Vocês utilizam mais pra pagar as contas e pra alimentação.

E: Isso.

PESQUISADOR: Você usa mais alguma coisa assim?

E: Não.

PESQUISADOR: Você recebe quanto, mais ou menos?

E: Eu recebo R\$150,00. Recebia, né? Foi cortado. Agora só R\$100,00.

PESQUISADOR: Só R\$100,00. E por que você acha que foi cortado?

E: Por causa do que era do meu outro filho junto. Aí ele faleceu, aí eu fiz o meu cadastro, tirou ele.

PESQUISADOR: Sim, sim, aí ficou essa quantia que você tá recebendo agora, né?

E: Isso.

PESQUISADOR: E qual o sentido do Bolsa Família a nível, assim, a emoção, o sentimento pra você. Como você se sente participando Programa?

E: Pra falar a verdade eu não sei. Até agora eu nem pensei nisso. É que eu ouvi falar na televisão, tô vendo aí, falei meu Deus se cortar esse dinheiro que tem ainda, como que vai ser? Que eu dependo dele, mas se for, quando cortar eu não sei o que eu vou fazer. Eu penso é nele, porque ele usa fralda, ele usa leite, ele... E a gente só depende desse dinheiro e do favor dos outros.

PESQUISADOR: Houve alguma mudança em sua vida depois de entrar no Programa?

E: Houve. Houve porque eu não posso mentir sobre isso. Que eu comprei minha casa onde que eu tô agora com esse dinheiro. Que foi um pagamento que Deus me deu. Quer dizer, foi. A gente morava numa casa da minha irmã, minha irmã me jogou pro meio da rua com o meu outro filho que faleceu, e foi esse dinheiro que eu paguei minha casa. Por isso que eu dou graças a Deus que eu tinha esse dinheiro do Bolsa Família.

PESQUISADOR: Caramba, se não fosse o Bolsa Família então...

E: Eu não tinha onde ficar, não tinha onde morar.

PESQUISADOR: O que você acha sobre as regras do Programa? Saúde e educação. Como você veio hoje aqui se pesar, pesar as crianças, o que você acha?

E: Eu acho bom. Eu acho bom porque tem muita gente que não precisa e recebe. Que nem uma vez que eu fui, foi mês passado, eu fui lá na prefeitura, até trouxe cesta básica, que eu não tinha vindo pesar ele. Aí eu não recebi por causa que eu não vim pesar ele. Eu fui atrás de uma cesta básica, aí o rapaz falou assim, olhou pra minha cara e falou assim: "Por que você não vai trabalhar?". Eu olhei pra cara dele: "Porque eu tenho filho especial, senão eu tava trabalhando". Foi a única resposta que eu dei pra ele. Aí a última vez que eu fui eu falei pro Wilson, "Wilson, tem tanta gente que não precisa do Bolsa Família e tem, e outras pessoas que precisam e não tem". Acho isso.

PESQUISADOR: E você leva ele pra vacinar.

E: Tudo.

PESQUISADOR: Tem quantos anos?

E: Tem oito.

PESQUISADOR: Ele vai pra escolinha?

E: Vai. Ele tá no colégio.

PESQUISADOR: E o que você acha disso? Porque pegando o Bolsa Família ele tem que ir pra escola.

E: Eu acho bom, eu acho bom. Por causa disso que eu pedi o peso, porque ele fica o dia todo. Aí o dia que ele não puder vim, aí eu fico com o peso dele e tá tudo ok. Porque ele fica o dia todinho no colégio. Ele não foi hoje porque não teve.

PESQUISADOR: E você conseguiu perceber se teve alguma diferença na saúde dele? Ou não? Depois do Bolsa.

E: Dele não. Dele eu não vou falar que teve porque eu não vou mentir.

PESQUISADOR: E na sua...

E: Mas na do meu outro filho teve.

PESQUISADOR: Teve?

E: Teve porque se não fosse o Bolsa Família eu não sei o que era capaz de ir com ele. Porque aquele tempo, aquele tempo que ele nasceu, o pai dele não ajudou. E ele precisava de um leite que era muito caro. Foi por causa disso que o homem fez o Bolsa Família pra mim. Com esse pagamento do Bolsa Família que a gente conseguiu.

PESQUISADOR: Conseguiu ajudar o seu filho, é isso? Conseguiu manter ele?

E: Conseguiu.

PESQUISADOR: O que ele tinha, o seu filho?

E: Ele tinha hidrocefalia, cabeça grande. Ele tinha um problema na vista, tinha problema no coração, tinha problema nos rim.

PESQUISADOR: E com o dinheiro do Bolsa Família...

E: É, deu pra manter. Até quando ele faleceu. Ele morreu com doze anos. Com doze anos pra cá, tem chão.

PESQUISADOR: Tem chãõ, né? É verdade. Você acha que tem alguma diferença entre ser beneficiária e não ser beneficiária?

E: Acho que tem, porque de repente a pessoa não tem um centavo no bolso e tendo esse dinheiro já é uma ajuda. E a pessoa que não tem, como é que vai ser? Como é que faz? Marido desempregado, ou a mulher desempregada. Porque tem muita gente que não tem nenhum caroço de feijão pra botar na mesa. É que nem eu tava falando pra mãe dela: você corre atrás, vai fazer um Bolsa Família. Porque tem vez que a mãe dela tá trabalhando, tem vez que ela também não tá. Eu também penso nos outros, não é só em mim. Que nem, os outro fala, por que que é tão boa? Eu falei, não sei. Dia desse eu falei com ela, minha filha, vê, se não conseguir hoje consegue amanhã, e assim vai.

PESQUISADOR: Bom, você falou então que houve uma diferença na saúde do seu filho, que infelizmente veio a falecer, né? Você falou que vem e traz o seu filhinho. Qual o nome dele?

E: Júlio. Júlio César.

PESQUISADOR: Júlio César. E ele vem aqui, se pesa, né? Vai pra escolinha. Então isso você já falou, então eu quero só botar uma questão. Ah, não, falta aqui, mais uma. Qual o papel do postinho, por exemplo, aqui, na sua família? Na sua vida como beneficiária?

E: Aqui? Aqui, eu não vou mentir pra tu porque é difícil a gente vir aqui. Eu sou mais de ir lá no Casqueiro. Porque tem mais médico lá, não aqui. Aqui eu vou falar que é bom, porque tem menina que trabalha aqui que são super legal. É isso que eu vou falar, não vou mentir e falar que tô vindo e não.

PESQUISADOR: Então, eu vou voltar só numa questão pra ver se eu consigo ampliar ela. Que é: Como você se sente recebendo essa renda do governo? Como você se sente, seu sentimento ou a sua emoção. Como você se sente, a autoestima?

E: Eu me sinto bem. Porque um dia, foi o mês passado, eu não consegui pegar porque eu não vim pesar ele, porque no dia que tinha que pesar ele tava no colégio e eu não tinha o peso. E nesse mês eu tava precisando muito desse dinheiro, porque eu não tinha 1 real pra comprar um pão pra ele. Aí eu falei, “meu Deus e agora?”. Por isso que eu falo, se não fosse esse Bolsa Família eu não sei não. O que é que a gente ia comer.

PESQUISADOR: E como que é se sentir nessa situação? Se não fosse o Bolsa Família...

E: A gente passava fome. Passava fome porque o pai dele... Eu tô desempregada. O pai dele não paga pensão. Eu consegui o... O [Loa] dele tá

dando bloqueado. Então eu acho que eu vou lhe dizer: passava fome. Se não fosse ele, o Bolsa Família.

PESQUISADOR: Você disse que vocês se sentem bem. Como que é se sentir bem com o Bolsa Família? Você acha que outras pessoas têm esse sentimento também?

E: Eu acho que não, porque no último dia que a gente foi pra uma reunião que teve na prefeitura, o rapaz perguntou essa mesma pergunta que tu falou agora. Como as pessoas se sente. Aí umas falou assim, "ah, eu me sinto humilhada em receber", "eu me sinto passando fome", eu me sinto isso, eu me sinto aquilo. Eu não. Eu já me sinto como se fosse uma solução pra dar um leite pro meu filho. Se não fosse esse Bolsa Família, como que eu ia comprar o leite pra ele? Como que eu ia comprar uma fralda, uma roupa? Eu tiro por isso.

PESQUISADOR: Tira por ser necessário, né? Ele atende a tua necessidade, né? Então você se sente bem com o Bolsa e... Acho que é isso. Você gostaria de falar mais alguma coisa?

E: Não.

PESQUISADOR: Assim, alguma sensação que você tem com o Bolsa...

E: Eu me senti foi triste. Pra falar a verdade eu me senti triste quando a Dilma falou que nunca ia tirar o Bolsa Família. Aí botou, fez outra coisa: ela vai tirar o Bolsa Família. Como é que vai ser? Que foi o Lula que colocou e foi ela que continuou. E se tirar, como é que vai ser? Pro povo que precisa muito desse dinheiro. Que eu vi, é, eu tô no colégio, mas eu tô vendo jornal quando eu tô em casa. Essa noite eu falei pra Deus: Deus, como é que vai ser se o Bolsa Família cortar? Eu não posso trabalhar porque o meu filho é doente, que ninguém fica. Se acontece alguma coisa no colégio ele liga pra mim buscar ele.

PESQUISADOR: Ele tem o que?

E: Ele é especial também. Ele é daquele que fica no... que nem aquela novela que passou, que fica no mundo dele, daquela menina. Como é o nome? É uma doença que ele não entende as coisa que os outro fala. Se os outro bater nele ele não sabe falar pra mim que os outro bateu. Que ele não sabe falar.

PESQUISADOR: Entendi. E o Bolsa ajuda nisso?

E: Ajuda. Ajuda porque o último dia que a médica falou: "Mãe, vai ter que fazer um exame senão teu filho morre". Foi o dinheiro do Bolsa Família que me salvou! Fiz o exame. Graças a Deus deu nada.

PESQUISADOR: Ai, que bom. Então, acho que é isso, né? Você falou, então, sobre ser beneficiária, você falou que se sente bem com isso, né? Você falou que ajuda a comprar alimentação pra ele, ajuda a cuidar dele, né? Você também

pelo menos não passa fome, né? Então é isso. Você quer falar mais alguma coisa?

E: Não.

PESQUISADOR: Não né? É isso, então. Posso encerrar a gravação?

E: Pode.

PESQUISADOR: Tá bom. Obrigada, viu?

E: De nada.

[Fim]

Tabela I
Categoria Empírica:
Importância do programa bolsa família na composição da renda e na vida da família.
Trechos:
“Porque o Bolsa Família pra mim é tudo que a gente tem nesse momento. Porque eu tô desempregada e o pai do meu filho não paga pensão. A gente só recebe só o Bolsa Família no mês. E o Bolsa Família paga conta e faz compra.” [Tine – ET-3 – PG01].
Resumo:
O programa bolsa família de alguma forma possui importância, citando principalmente eixos centrais do programa como a renda e a família.

Tabela II
Categoria Empírica:
Mudança de governo refletir no programa bolsa família.
Trechos:
“Como é que vai ser? Que foi o Lula que colocou e foi ela que continuou. E se tirar, como é que vai ser? Pro povo que precisa muito desse dinheiro. Que eu vi, é, eu tô no colégio, mas eu tô vendo jornal quando eu tô em casa. Essa noite eu falei pra Deus: Deus, como é que vai ser se o Bolsa Família cortar? Eu não posso trabalhar porque o meu filho é doente, que ninguém fica” [Tine – ET-3 – PG05].
Resumo:
Provável mudança de governo implicaria em possível corte do programa.

Tabela III
Categoria Empírica:
Gastos com o benefício.
Trecho:
<p>“[...] eu comprei minha casa onde que eu tô agora com esse dinheiro” [Tine – ET-3 – PG02]</p> <p>“[...] Eu já me sinto como se fosse uma solução pra dar um leite pro meu filho. Se não fosse esse Bolsa Família, como que eu ia comprar o leite pra ele? Como que eu ia comprar uma fralda, uma roupa? Eu tiro por isso” [Tine – ET-3 – PG05]</p> <p>“[...]que a médica falou: "Mãe, vai ter que fazer um exame senão teu filho morre". Foi o dinheiro do Bolsa Família que me salvou! Fiz o exame. Graças a Deus deu nada” [Tine – ET-3 – PG05].</p>
Resumo:
Os gastos referem-se à alimentação, vestimenta, educação e moradia.

4 - Transcrição Entrevista Pires – 18/08/16.

[Início]

PESQUISADOR: Então, como e por que você se tornou beneficiária do Programa?

E: Eu me tornei beneficiária em 2007, se não me engano foi quase no final do ano. Foi quando eu comecei a entrar em depressão, o pessoal veio aqui, viu as minhas condições e pediu pra assistente social me colocar no Programa. Foi na época que o pai dos menino tava preso, e tal, só tinha eu pra cuidar das criança.

PESQUISADOR: Na época você tinha quantos anos, mais ou menos?

E: 17 pra 18.

PESQUISADOR: E você tava com o pai dos seus meninos...

E: Dos mais velhos

PESQUISADOR: Dos dois mais velhos?

E: Isso.

PESQUISADOR: que estão na escola, é isso?

E: É.

PESQUISADOR: Aí ele acabou sendo preso, é isso? E aí você ficou com as duas crianças pra você cuidar...

E: Isso.

PESQUISADOR: Ele trabalhava na época?

E: Não.

PESQUISADOR: Não, ele não trabalhava na época?

E: Não, ele era envolvido.

PESQUISADOR: Sim, entendi. E aí, você tinha a assistente social que chegou até você e...

E: Isso, com o conselho tutelar, porque eles faltavam na escola... Não. Não, foi um pessoal que veio pra fazer visita e percebeu que não tava nas condições, né? Foi onde aconteceu tudo.

PESQUISADOR: Entendi. Quando eu falo em ser beneficiária do Programa Bolsa Família, que sentido tem isso pra você?

E: Ah, pra mim é bom, porque quando eu comecei a receber eu precisava mesmo do dinheiro. E pra mim é bom, porque me ajuda bastante, entendeu? Porque quando eu não tenho da onde tirar, eu sei que no final do mês, naquela data, sempre vai tá aquele dinheiro ali, certo.

PESQUISADOR: E qual o sentido, assim, do Programa, emocionalmente falando? Parte sentimental, qual o sentido dele na sua vida?

E: Nossa... não sei te responder.

PESQUISADOR: Como você se sente estando no Programa?

E: Ah, é legal, porque eles pedem os negócio, né? Tem o acordo, e tem que correr atrás pra tá recebendo esse valor.

PESQUISADOR: Sim. Bom, depois eu tento voltar nessa pergunta pra tentar formular ela de uma forma mais... É, houve alguma mudança na sua vida depois que você entrou no Programa?

E: Ah, com certeza. Com certeza. Mesmo quando eu não tenho dinheiro eu compro fiado, quando falta alguma coisa pras criança, um arroz, um feijão, daí eu sempre sei que naquela data vai tá ali, aí eu posso comprar fiado.

PESQUISADOR: E o que você compra, normalmente?

E: Pão, compro açúcar, arroz, feijão que sempre falta, óleo. Sempre esses negócio assim.

PESQUISADOR: É mais alimentação, então.

E: É, uma bolacha salgada pra eles tomar café de manhã. Que não é sempre que tem o dinheiro pra comprar o pão, né? Daí a gente compra a bolacha salgada.

PESQUISADOR: E aqui, nessa casa, moram você,...

E: É, e as quatro criança.

PESQUISADOR: E o...

E: Não conta.

PESQUISADOR: Não, não conta?

E: Não. É porque ele mora ali na, aqui nessa casa aqui de esquina. Aí uma hora vai, uma hora volta. Então, com ele eu nunca conto, entendeu?

PESQUISADOR: Entendi. Então a sua renda mesmo é o Bolsa, né?

E: É o Bolsa!

PESQUISADOR: E houve alguma mudança que você consiga perceber? Você consegue perceber que houve uma mudança, né? Mas você consegue falar onde, mais ou menos? Em que aspecto, assim? Saúde, educação,... Não sei. De fato houve financeira, né? Como você falou. Porque entra uma renda, você consegue comprar alimento pras suas crianças, você consegue ter o controle, né? Porque tal data vai cair, então eu já posso...

E: É, então vai ter que pagar aquilo. Exatamente.

PESQUISADOR: Deixa eu ver... Que que você consegue, não, é de boa. Mas houve mudança, né? Você conseguiu perceber isso, né?

E: Uhum.

PESQUISADOR: O que você acha das regras do Programa? Aquelas que você falou, que tem que cumprir, o que você acha?

E: São justas. Elas são justas, porque quando as coisa vem fácil tem que ter alguma coisa pra ajudar, né? Então, eu acho certo o acordo que eles pedem. As coisa, as regras, tudinho. Tá levando pra pesar, as vacina em dia, as aulas também em dia, porque muita criança tava em falta na escola, entendeu? Então, isso já vai fazer o quê? Pra mãe também. Às vezes incentiva a mãe a mandar os filho pra escola, porque. Que nem no meu caso: Meus filhos não me escutam, dão muito trabalho. Daí eu falo "ó, vocês quer dinheiro, daí chega na data e eu não tenho dinheiro, porque vocês não tão indo pra escola, então tem que estudar pra ter aquele dinheiro pra mim dar pra vocês. Se vocês não ir não vai ter". Porque o pai não paga pensão, então é o jeito de manter eles na escola, é assim.

PESQUISADOR: Entendi. Você fala pra eles...

E: É, já incentivo eles já nesse interesse, porque é uma parte do interesse deles.

PESQUISADOR: Você tá falando dos dois mais velhos, né?

E: Isso. Porque eles quer dinheiro, então pra isso eles tem que estudar pra poder ter.

PESQUISADOR: Entendi, entendi. E a questão da saúde, da vacina, como que você...

E: A deles tá em dia, só a dos dois pequenos que eu tô correndo atrás ainda porque, da menina eu perdi a carteirinha, e eles não tinha feito o espelho, daí teve que tomar tudo de novo. Aí, um tempo desses, eu levei ela, só que deu uma reação muito forte porque ela tomou muitas vacina, então eu não corri atrás de

novo. Daí, vou levar pra pedir pra eles dar de acordo com a idade dela, e não pegar o que ela tomou antigamente, entendeu?

PESQUISADOR: Sim, sim, sim. Tamires, você acha que existe alguma diferença entre ser beneficiária e não ser beneficiária?

E: Não.

PESQUISADOR: Você acha que tem alguma diferença entre quem é e quem não é?

E: Não, porque a maioria das pessoas que eu conheço é. A maioria é tudo beneficiária, então já não tem mais como eu ver um sentido entre um e o outro.

PESQUISADOR: Sim. Você conhece alguém que não é beneficiária?

E: A minha cunhada. Mas é porque ela trabalhava fichado, recebia mais que o valor permitido.

PESQUISADOR: Ah, então ela era beneficiária só que...

E: Não, ela não era. Só que ela tentou correr atrás quando ela tava trabalhando pra receber, só que o salário dela era maior que o permitido.

PESQUISADOR: Ah, entendi. Então você conhece as beneficiárias, então não tem como você fazer uma comparação, é isso?

E: É. Quem não é e quem é.

PESQUISADOR: Mas você tem alguma ideia de como...

E: Ai, não sei, porque já tem muitos anos que eu recebo. Então já...

PESQUISADOR: É, tem quantos anos, mais ou menos, que você recebe?

E: De 2007... Quase 9 anos.

PESQUISADOR: 9 anos. Bastante tempo mesmo. E você consegue... Tem um antes e depois, Tamires? Assim, no início, desde quando você recebe o benefício, porque você já tem há um bom tempo, né? Você consegue ver uma evolução ou não?

E: Ah, com certeza. Porque no começo, antes de eu entrar no benefício, eu não tinha condições de dar roupa todo ano pros meus filhos no final do ano. E agora já tem uma diferença, que agora eu posso. Entendeu? Daí já ajuda bastante. Daí eu compro uma roupa, compro um sapato. Daí no ano novo, a roupa do ano novo, minha mãe me ajuda. Aí, por um lado mudou bastante.

PESQUISADOR: Que legal. E você consegue lembrar de mais alguma coisa que tenha mudado?

E: Não. Já é muitos anos.

PESQUISADOR: É, verdade. 9 anos você tá me dizendo.

E: 9 anos. Já é uma vida, né?

PESQUISADOR: Houve alguma diferença na saúde da sua família após ter se tornado beneficiária? Você acha que teve diferença na saúde?

E: Ah, com certeza, porque no começo eu deixava atrasar muito as vacinas das crianças. As vezes até por preguiça de ir até o Pamos, porque é uma caminhada daqui até lá. Mas agora eu preciso levar. Porque se eu não levar eu não vou receber. E se cair lá no sistema, já era. Daí é bloqueado, né? Então, tem uma diferença nisso.

PESQUISADOR: Você se sente no dever de ir lá pra continuar com o benefício, né?

E: Exatamente.

PESQUISADOR: Então, voltando àquela pergunta: como é ser beneficiária. Você falou que tem a... Você consegue comprar alimento pros seus filhos, tem essa questão mais material, né? Você consegue comprar alguma coisa...

E: Ah, esse jogo mesmo eu comprei com a metade do dinheiro. O mês que ficou bloqueado...

PESQUISADOR: O que você comprou com isso? Eu não entendi.

E: O jogo. Porque, antes de eu comprar esse jogo não tinha guarda-roupa. Eu tinha bem anos atrás, antes de eu começar a receber. Só que como começa a criar cupim tem que jogar fora, porque não presta mais. Daí agora eu consegui, porque como o Bolsa foi bloqueado ele acumulou. Aí com esse valor eu fui lá e comprei. Entendeu?

PESQUISADOR: Ah, entendi. Então, acumulou os meses que ficou bloqueado?

E: É, daí eu peguei dois meses. Entendeu? Tipo, um mês ficou bloqueado e quando foi no outro mês já saiu os dois.

PESQUISADOR: Entendi. Legal, né? Pelo menos você...

E: É, já tem onde guardar as roupas deles.

PESQUISADOR: Onde guardar as roupas das crianças, pelo menos...

E: Porque antigamente ficava muito jogado, quando... Eu tenho problema ainda com o Conselho. Já tem um tempo que eles não vêm aqui, porque o povo gosta de brigar, né? É... daí eles sempre falam "ah, você tem que dar um jeito nessas roupa, que fica jogada". Mas eu vou fazer o que? Eu não tenho guarda-roupa. É

o único jeito. É deixar dentro do balde, jogar em cima da cama. Não tem onde guardar. Agora sim, agora eles podem vir que eles vão notar também a diferença, né? Dá muita diferença nisso. Porque daí eles não vão ver mais aquela bagunça de roupa e tal.

PESQUISADOR: Sim, e vai tá acondicionado no guarda-roupa, né? E você consegue, Pires, a nível interno, não mais de coisa, de como você se sente, de como é pra você ser beneficiária, no fundo...

E: Pra mim é bom. Pra mim é bom. Não me atrapalha, me ajuda bastante, em relação a tudo. Então, pra mim, o Bolsa Família foi a melhor coisa que tem acontecido, né? É isso.

PESQUISADOR: E, se tivesse alguma emoção pra falar, algum sentimento.

E: Ah, o que eu tenho pra falar sobre isso é que as pessoas que tentam me atrapalhar, pensando que ia me prejudicar, acabam fazendo um bem, porque através deles que o pessoal veio ver a minha situação e me colocou no Programa.

PESQUISADOR: No Programa Bolsa Família, né?

E: Isso.

PESQUISADOR: Então, de certa forma ajudou...

E: Ajudou e muito!

PESQUISADOR: Bom, eu tenho uma última pergunta aqui que seria: qual o papel do postinho na sua vida de beneficiária?

E: Eu não passo muito por ali. Eu quando vou resolver alguma coisa do Bolsa eu vou direto na Central, que é lá em Cubatão. Entendeu? Porque aqui sempre o horário do pessoal da assistência social sai de manhã, e é um horário que pra mim não dá. Muito corrido. Entendeu? Então, daí eu vou direto lá e já resolvo o que tenho que resolver.

PESQUISADOR: Sim. E você leva as crianças pra vacinar lá?

E: É, a vacina é aqui mesmo.

PESQUISADOR: Pesagem, né? Eles pesam...

E: Também, é. De três em três meses.

PESQUISADOR: De três em três meses. Então, você acaba indo lá, né?

E: É.

PESQUISADOR: Você costuma passar por médico lá? Por equipe lá? As crianças costumam fazer consulta lá?

E: Ah, diariamente, assim, todo mês não. É mais de três ou então de seis em seis meses que eu passo pra fazer check-up, pra ver se tá tudo bem, e é isso.

PESQUISADOR: Entendi. Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre o Bolsa, sobre como que é pra você o Bolsa? Você gostaria de falar alguma coisa assim, da Tamires no Bolsa?

E: Acho que não. Acho que é isso mesmo.

PESQUISADOR: É, se já falou até que bastante, né? Você falou aí que você compra alimentos, né? Antes do Bolsa, como você fazia pra comprar alimentos?

E: Ah, tinha um rapaz que é pai de uma colega minha, só que hoje em dia ele não mora mais aqui. Ele que me ajudava... Ele que me ajudava, o Seu Osmar. Agora ele tá lá pro lado de Pernambuco.

PESQUISADOR: Ele se mudou.

E: É. Se mudou, foi embora.

PESQUISADOR: Entendi. Então antes era com ele, e aí depois do Bolsa, é com o Bolsa, né?

E: É, exatamente.

PESQUISADOR: E como você se vê no futuro? As suas crianças e você?

E: Ah, eu pretendo dar uma vida melhor pra eles, né? Fazer o melhor, ajudar mais a casa. Eu pretendo, mais pra frente, levantar ali de bloco. Por que, qual é a mãe que não sonha em dar um lar melhor pro filho, né? Então eu pretendo, aos poucos, comprando os material aos poucos, com o dinheiro do Bolsa, e levantar. Então, pra mim, pra frente ainda tem muita coisa pra mim fazer por eles. Muita coisa.

PESQUISADOR: Sim, sim. E você falou que com o dinheiro do Bolsa você pensa em levantar a casa de tijolo, né?

E: É. De bloco.

PESQUISADOR: Entendi. E perante a educação e a saúde das suas crianças? O que você espera no futuro, assim?

E: Ah, da saúde eles tão bem, agora mais educação... Eu espero mais de meus filhos. Na parte de educação. Porque eu falo que é assim e eles acham que é de outra forma. Entendeu? Então, eu espero que um dia eles amadureçam, vai

crescendo, vai passando os anos e eles vão amadurecer. Mas um dia eles vão aprender.

PESQUISADOR: Um dia você acha que eles vão amadurecer e...

E: Ah, com certeza. Com certeza. Eu também já fui uma filha rebelde. Eu entendo. Mas hoje, que eu tenho filho, eu entendo como que é ser mãe, sofrer pelo filho, né? Um dia eu tenho certeza que eles vão amadurecer. E ser mais educados com qualquer pessoa, pode ser de fora ou de dentro, em geral.

PESQUISADOR: Legal isso. Uma mãe que já foi filha, né? (risos) E ainda é, né? Já foi não...

E: Verdade.

PESQUISADOR: Ainda é, né? Ah, então acho que é isso, Pires. Assim, se você quisesse falar mais alguma coisa, mas...

E: Não, só isso.

PESQUISADOR: Já foi, né? Já consegui ter a noção da importância do Bolsa Família na sua vida. Tá ok, Pires. Posso encerrar aqui?

E: Pode.

PESQUISADOR: Vou encerrar, tá?

[Fim]

Tabela I
Categoria Empírica: Planejamento doméstico.
Trecho: “Porque quando eu não tenho da onde tirar, eu sei que no final do mês, naquela data, sempre vai tá aquele dinheiro ali, certo” [Pires – ET-4 – PG02].
Resumo: Possibilidade de prever os gastos.

Tabela II
Categoria Empírica: Condicionalidades.
Trecho: <p>“São justas. Elas são justas, porque quando as coisa vem fácil tem que ter alguma coisa pra ajudar, né? Então, eu acho certo o acordo que eles pedem. As coisa, as regras, tudinho. Tá levando pra pesar, as vacina em dia, as aulas também em dia, porque muita criança tava em falta na escola, entendeu? Então, isso já vai fazer o quê? Pra mãe também. Às vezes incentiva a mãe a mandar os filho pra escola, porque. Que nem no meu caso: Meus filhos não me escutam, dão muito trabalho. Daí eu falo "ó, vocês quer dinheiro, daí chega na data e eu não tenho dinheiro, porque vocês não tão indo pra escola, então tem que estudar pra ter aquele dinheiro pra mim dar pra vocês. Se vocês não ir não vai ter". Porque o pai não paga pensão, então é o jeito de manter eles na escola, é assim” [Pires – ET-4 – PG03]</p> <p>“[...] no começo eu deixava atrasar muito as vacinas das crianças. As vezes até por preguiça de ir até o Pamos, porque é uma caminhada daqui até lá. Mas agora eu preciso levar. Porque se eu não levar eu não vou receber. E se cair lá no sistema, já era. Daí é bloqueado, né? Então, tem uma diferença nisso” [Pires – ET-4 – PG05].</p>
Resumo: Condicionalidades vistas como algo positivo.

Tabela III
Categoria Empírica: Gastos com o benefício.
Trecho: <p>“Pão, compro açúcar, arroz, feijão que sempre falta, óleo. Sempre esses negócio assim” [Pires – ET-4 – PG02]</p> <p>“[...] Daí eu compro uma roupa, compro um sapato” [Pires – ET-4 – PG04]</p> <p>“[...] Eu pretendo, mais pra frente, levantar ali de bloco. Por que, qual é a mãe que não sonha em dar um lar melhor pro filho, né? Então eu pretendo, aos poucos, comprando os material aos poucos, com o dinheiro do Bolsa, e levantar” [Pires – ET-4 – PG07].</p>
Resumo: Os gastos referem-se à alimentação, vestimenta, educação e moradia.

5 - Transcrição Entrevista Aneli – 18/08/16.

[Início]

PESQUISADOR: Como e por que você se tornou beneficiária do Programa Bolsa Família?

E: Eu me tornei beneficiária quando eu tive o meu filho, o Brandon, né? Aí a moça lá do Pamos, lá de Cubatão, pegou meus dados e tal e falou que eu tinha direito de receber o Bolsa Família.

PESQUISADOR: Isso foi há quanto tempo atrás?

E: Ele tá com dez anos.

PESQUISADOR: Ah, então já tem dez anos, praticamente.

E: É, não. Eu comecei receber depois de um tempo. Foi assim, depois que ele... Um ano, dois anos depois.

PESQUISADOR: Entendi. Então, uns oito, nove, dez.

E: Uns oito, nove. É.

PESQUISADOR: Quando eu falo em ser beneficiária do Programa Bolsa Família, qual o sentido disso pra você?

E: É bom por causa das criança, né? Porque, mantém eles na escola, é um dinheirinho pra ajudar em casa, né? Quem passa necessidade tem o Bolsa, pode ajudar dentro de casa, né? Igual eu no momento, tô desempregada, e é só eu e eles, né? Pra mim tá sendo bom.

PESQUISADOR: E como que é se sentir beneficiária?

E: Me sinto alegre, feliz, né? Porque é uma ajuda mais. Entendeu?

PESQUISADOR: Sim. E como foi virar beneficiária? No sentimento, na emoção,

E: É, eu fiquei emocionada, porque eu falei, pô, não tô trabalhando, né? É minha mãe que me ajuda e tal. Então tem que arrumar alguma coisa. Aí foi o que me falaram, que veio, a fazer a inscrição pra poder tá recebendo esse benefício.

PESQUISADOR: E hoje em dia? Passados oito, nove anos, como você se sente sendo beneficiária?

E: Melhor ainda, porque muita coisa mudou.

PESQUISADOR: Aé? O que, por exemplo?

E: Eu não tinha onde morar, entendeu? Eu consegui essa casa aqui através do pai do meu filho que me ajudou com uma quantia, minha mãe ajudou com outra, e com mais a ajuda do Bolsa eu fui ajuntando dinheiro e pagando com quem nós pegou emprestado pra poder comprar a casa, entendeu?

PESQUISADOR: Então através do dinheiro do Bolsa você conseguiu...

E: Consegui a minha casa.

PESQUISADOR: Então teve uma mudança aí. Agora você tem uma casa...

E: Muito. É, tenho uma casa, não pago mais aluguel, né? Tenho onde morar com os meus filhos. E agradeço.

PESQUISADOR: E você compra o que com o dinheiro do Bolsa hoje em dia? O que você faz com o dinheiro do Bolsa?

E: Compro alimentação, roupa, sapato, né? Nós se vira como pode.

PESQUISADOR: E emocionalmente, como você se sente sendo beneficiária?

E: Me sinto tranquila. Bom, pra mim foi muito bom. Tem um dinheirinho ali do que eu faço, que eu faço algumas coisa dentro de casa pra revender, né? Pra ajudar mais. E tem um dinheirinho do Bolsa que já incrementa junto.

PESQUISADOR: E a nível de sentimento?

E: Como assim?

PESQUISADOR: A nível de sentimento no Programa. Você falou que é bom porque você construiu a sua casa, você compra alimento pros seus filhos, se quer uma roupa, compra uma roupa, né? Mas, assim, como você se sente, por dentro?

E: Ah, eu me sinto feliz. Muito feliz. Demais.

PESQUISADOR: Tá, acho que você já falou essa daqui, né? Houve alguma mudança na sua vida após entrar no Programa?

E: Ah, a mudança que houve foi a da casa, né? E aos poucos eu vou conseguindo, reformando a minha casa né, que eu comprei. Ela não tava praticamente do jeito que tá hoje, né? Então, agora eu vou começar a mexer nela.

PESQUISADOR: Sim, você vai começar a mexer na sua casa a partir de agora, né?

E: É, fazer uma reforma melhor, um quarto melhor pros meus filhos, né? Que, a sala tá dividida entre quartos, né? Aí eu tenho que fazer uma melhoria pra cada

um ter o seu cantinho, né? E agradeço a Deus também por tudo isso que tem acontecido na minha vida.

PESQUISADOR: E o que você acha, Aneli, sobre as regras do Programa. Saúde, educação, o que eles chamam de condicionalidades, né?

E: Corretamente perfeito. É muito bom porque, é bom que tenha um acompanhamento na escola. A gente já sabe se a criança faltar, se não levar ao pediatra, na pesagem, e tal, você é bloqueado, entendeu? Então é muito bom isso porque tem muitas mães que não tem a noção desse sentido, então pega e deixa o acontecer, aí depois que é bloqueada aí pega e fica, "ah, mas porque eu fui bloqueada? Porque aconteceu isso?". Falta a criança na escola, no médico não leva, não leva na pesagem. Então, cada uma tem que ter a sua consciência, né? Tá recebendo o benefício, então tem que fazer por onde, continuar a merecer a receber, né?

PESQUISADOR: Sim. Pra continuar sendo beneficiária, né. E, você acha que existe alguma diferença entre ser beneficiária e não ser beneficiária?

E: Eu acho que não. Não sei te explicar.

PESQUISADOR: Por exemplo, você acha que existe alguma diferença pra quem tá numa situação difícil, recebe o benefício porque tá numa situação difícil, e pra quem tá numa situação e não recebe nada?

E: É, aí é complicado nessa parte. Porque, igual eu disse, tem muitos que não precisam e tá ali. E tem outros que já precisa e não tá ali, entendeu? Igual, meu caso, eu tenho quatro filhos, né? Então eu recebo uma quantia, uns 200 e pouco, e tem umas pessoa que tem um filho só e recebe 180, 200 reais, entendeu? Então, tipo, tem pessoas que realmente não precisa, que tem casa, tem marido, tem seu comércio. Não precisa. E tem outras que realmente precisa e não tá tendo o benefício.

PESQUISADOR: Sim, sim. Houve alguma diferença na saúde da sua família após ter se tornado beneficiária?

E: Não, porque, graças a Deus, a saúde tudo bem, graças a Deus ninguém tem problema de saúde. Tá tudo perfeitamente, né? Graças a Deus, questão de saúde estamos todos bem.

PESQUISADOR: É, então você me trouxe um pouco da mudança que teve na sua vida com o Bolsa, né? Então, antes você tava de aluguel, então você construiu a sua casinha aqui, com as suas coisas, né? Você acabou de falar de saúde, né? Então, mesmo antes do Bolsa, seus filhos nunca teve nenhum problema, né?

E: Graças a Deus. Não. Problema de saúde não.

PESQUISADOR: E na educação? Você conseguiu ver alguma diferença na educação das crianças, por exemplo? Antes e depois do Bolsa?

E: É, a educação que eu passo pros meus filhos antes e depois pra mim tá igual, porque eles sempre teve a educação deles, são educado, entendeu? Não responde pessoas mais velhas. Eles têm a educação. O antes e o depois. Então na educação continua perfeitamente. Ao meu critério tá tranquilo.

PESQUISADOR: Sim. É, qual o papel da UBS, do postinho, na sua vida de beneficiária? O que você acha?

E: O postinho de saúde é bom, porque eu levo as criança, passa ao pediatra, médico, né? A pesagem, tudo mais.

PESQUISADOR: A pesagem do Bolsa, né?

E: É, aí tem que tá levando, entendeu? Mas é bom também. Eu gosto.

PESQUISADOR: E eles costumam ir pra consulta, né, e fazem o acompanhamento do Bolsa, né?

E: Vai, todo mês. Exame de rotina, as pesagens.

PESQUISADOR: Você falou que com o Bolsa, atualmente, você compra comida, alimentação. Que mais? Roupas. Depois que você já construiu a sua casa, né, você tem algum outro investimento? Outra coisa que você pensa em fazer?

E: É, o investimento é na casa né? Que eu vou reconstruir ela.

PESQUISADOR: Aneli, então, você já me contou um pouco sobre a renda, que faz diferença, mudou, tem o antes e depois, né? E aí eu retorno naquela pergunta: você falou que se sente feliz, e como é se sentir feliz com o Bolsa?

E: É, eu me sinto feliz por não estar trabalhando e o dinheirinho que eu pego eu ajunto com mais um pouco que eu tenho pra poder comprar as coisa pro meus filho. Então, a felicidade pra mim é meus filho tando bem. Eles tando bem pra mim é o importante. Pra mim mesma eu não compro nada, é tudo pra eles (seus filhos), entendeu? E pra dentro de casa, né? E me sinto feliz por ver meus filhos bem.

PESQUISADOR: Sim, e você tem ideia de como veio esse benefício? O Bolsa Família, que é um direito. Você tem essa ideia?

E: Não. Não tenho ideia.

PESQUISADOR: É um direito, né? Do cidadão de ter essa renda pra poder viver, comprar suas coisas, né? Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre o Bolsa Família, sobre essa felicidade sua,...

E: Ah, sobre o Bolsa eu queria mesmo agradecer, primeiramente a Deus, que foi uma porta aberta, né, que veio o Governo pra poder ajudar. E agradeço, pela saúde, né, tá todo mundo bem, graças a Deus. E ao Bolsa que tá sendo um benefício pros meus filhos, pro uso de casa. E a felicidade é essa. Saber que tem ali, todo mês, uma quantia ali pra você poder ir no mercado comprar as coisa pros seus filho comer, não deixar faltar nada, né? Esse é o importante.

PESQUISADOR: Então, você traz que o Bolsa tem uma função até pros seus filhos, né?

E: Com certeza.

PESQUISADOR: Principalmente, né?

E: Principalmente a eles.

PESQUISADOR: E o que se espera do futuro? Estando como beneficiária, o que se espera do futuro? Pros seus filhos, pra sua família.

E: Ah, pros meus filhos, né, família toda, que eles estudem, né, vão até o final, completem seus estudos, terminem, e sejam umas criança que vão ser uns adolescente do bem, né? Não caia no mundo da maldade, entendeu? E siga o caminho certo. E o futuro que eu desejo pra eles é a felicidade.

PESQUISADOR: Lembrando da saúde e da educação, o que você pensa no futuro? Por exemplo, de educação deles? Sendo beneficiária você acha que tem alguma diferença pro futuro deles?

E: É, possa ter, né, uma oportunidade lá na frente pra eles. Seja o que Deus proponha ali, né, pra eles seguir o caminho.

PESQUISADOR: Sim. Ah, então eu acho que é isso Liliane. Você falou aqui de bastante coisa, né? Você falou como você se tornou beneficiária, né? Você fala que se sente feliz sendo beneficiária do Programa Bolsa Família, né? Que teve mudanças na sua vida, né, você construiu a sua casa, você alimenta os seus filhos, né? Você cumpre com as condicionalidades, com as regras do Programa, né? Vacinação, as coisas. Eles tão na escola, né? Você acha que ser beneficiário tem essa diferença, né, de poder dar alguma coisa melhor pros seus filhos, né? É isso, então. Você quer falar mais alguma coisa?

E: Não.

PESQUISADOR: Encerra, né?

E: Encerra.

PESQUISADOR: Tá bom, então. Vou encerrar, pera aí.

[Fim]

Tabela I
Categoria Empírica:
Importância do programa bolsa família na composição da renda e na vida da família.
Trechos:
“É bom por causa das criança, né? Porque, mantém eles na escola, é um dinheirinho pra ajudar em casa, né? Quem passa necessidade tem o Bolsa, pode ajudar dentro de casa, né? Igual eu no momento, tô desempregada, e é só eu e eles, né? Pra mim tá sendo bom” [Aneli – ET-5 – PG01] “[...] Me sinto alegre, feliz, né? Porque é uma ajuda mais. Entendeu?” [Aneli – ET-5 – PG01].
Resumo:
O programa bolsa família de alguma forma possui importância, citando principalmente eixos centrais do programa como a renda e a família.

Tabela II
Categoria Empírica:
Gastos com o benefício.
Trecho:
“Eu não tinha onde morar, entendeu? Eu consegui essa casa aqui através do pai do meu filho que me ajudou com uma quantia, minha mãe ajudou com outra, e com mais a ajuda do Bolsa [...]” [Aneli – ET-5 – PG02]. “Compro alimentação, roupa, sapato, né?” [Aneli – ET-5 – PG02]; “[...]Pra mim mesma eu não compro nada, é tudo pra eles (seus filhos), entendeu? E pra dentro de casa, né? [...]” [Aneli – ET-5 – PG04].
Resumo:
Os gastos referem-se à alimentação, vestimenta, educação e moradia.

Tabela III
Categoria Empírica:
Condicionalidades.
Trecho:
“Corretamente perfeito. É muito bom porque, é bom que tenha um acompanhamento na escola. A gente já sabe se a criança faltar, se não levar ao pediatra, na pesagem, e tal, você é bloqueado, entendeu? Então é muito bom isso porque tem muitas mães que não tem a noção desse sentido, então pega e deixa o acontecer, aí depois que é bloqueada aí pega e fica, "ah, mas porque eu fui bloqueada? Porque aconteceu isso?". Falta a criança na escola, no médico não leva, não leva na pesagem. Então, cada uma tem que ter a sua consciência, né? Tá recebendo o benefício, então tem que fazer por onde, continuar a merecer a receber, né?” [Aneli – ET-5 – PG03].
Resumo:
Condicionalidades vistas como algo positivo.

Tabela IV
Categoria Empírica:
Funcionamento do programa
Trecho:
“[...] tem muitos que não precisam e tá ali. E tem outros que já precisa e não tá ali, entendeu? [...] Então, tipo, tem pessoas que realmente não precisa, que tem casa, tem marido, tem seu comércio. Não precisa. E tem outras que realmente precisa e não tá tendo o benefício” [Aneli – ET-5 – PG03].
Resumo:
Não apropriação sobre o funcionamento do programa.

6 - Transcrição Entrevista Beta – 19/08/16.

[Início]

PESQUISADOR: Bom, Beta, gostaria de saber como e por que você se tornou beneficiária do Programa Bolsa Família?

E: Olha só, na época meu marido não tinha trabalho, a gente, no pouco tempo que tava morando junto, meu filho tava bebê, ele não conseguia arrumar trabalho, aí tinha um amigo lá do interior que ele viu nossa situação. Aí ele procurou saber se a gente tinha o Bolsa, eu disse que não. Mas a gente também ia lá procurava saber... O lugar que eu morava era muito precário. E aí elas disseram que ia ver o que ia fazer comigo, né? Aí, teve uma... É tipo assim, tipo cadastramento. Na época. Aí, quem não tinha o Bolsa podia ir fazer o cadastramento pra ver se conseguia. Aí eu fui, levou um ano, um ano e pouco pra chegar. Aí teve um outro cadastramento de novo. Aí eu fui, tornei a fazer. Eu sei que eu fiz umas três vezes.

PESQUISADOR: Você fez umas três vezes?

E: Foi. Pra chegar.

PESQUISADOR: Mas você se cadastrou no CadÚnico, Cadastro Único, né?

E: Acho que foi. Na época. Não me lembro.

PESQUISADOR: Aí demorou um ano e meio pra você começar, pra você estar no Bolsa Família. É isso?

E: Foi.

PESQUISADOR: E nesse um ano e meio, você fez três...

E: Três.

PESQUISADOR: Na assistência social.

E: Isso. Pra chegar. Aí chegou. Chegou numa hora mesmo que eu tava muito precisando. Porque lá na minha cidade, no interior, é um lugar, assim, muito complicado pra trabalhar. E na época meu marido tava desempregado, já tinha mais de seis meses. Tava desempregado. A gente tava vivendo de doação e... Eu sei que foi muito bom. O horário que chegou. Foi muito bom mesmo.

PESQUISADOR: Isso foi há quanto tempo atrás?

E: Isso, 11 anos, acho. Ou 10. Ele tava pequeno, tava com 1 e pouco.

PESQUISADOR: E ele tá com quantos anos agora?

E: E agora ele tá com 12.

PESQUISADOR: Ah, então ele era pequeno. Então, você tem uns 10, 11 anos no Programa.

E: É. Essa conta.

PESQUISADOR: Então você falou, né, que o Programa acabou chegando numa boa hora, o seu marido tava desempregado, né? Você ainda é casada? Mora quem em casa, assim?

E: Não entendi.

PESQUISADOR: Mora quem com você? Você, seu filho.

E: É. E meu marido.

PESQUISADOR: E seu marido. Os três, né?

E: É.

PESQUISADOR: Quando em ser beneficiária do Programa Bolsa Família, qual o sentido disso pra você?

E: Ai... Não tem nem como explicar. Eu acho que sem o Bolsa eu não sei, porque eu dependo muito dele. Eu não consigo, não posso trabalhar, por causa do problema de saúde que eu tenho. Eu tenho um problema sério de saúde, de coluna. Não posso tá trabalhando. Misericórdia! Bolsa Família pra mim é tudo! É tudo! Esses dias teve uma conversa que ia cortar, que ia tirar, eu entrei em desespero. Aí meus primo: "Beta, para com isso". Eu disse: "Não, é o que eu tenho". Eu não posso trabalhar, o único dinheiro que eu posso contar, realmente, é esse dinheiro do Bolsa. Porque, eu não vou confiar no meu pai, na minha mãe que já morreu, não vou confiar nos meus irmãos, no meu marido. Não, não vou confiar, não posso confiar.

PESQUISADOR: Seu marido ainda continua desempregado?

E: Não. Não. Ele tá fazendo bico, botou o currículo essa semana pra ver se consegue. A gente tá esperando ver se realmente vai chamar ele. Ele tá fazendo bico. Tá de bico. Ele trabalhou de carteira assinada tem o que... Acho que tem seis meses, né filho? Tem uns seis meses. Tá sendo uma luta pra entregar nos tempos que ele ficou trabalhando. Aí agora ele tá de bico. Trabalhando de bico. E diz um cara que vai assinar a carteira dele, ninguém sabe se é verdade, ninguém sabe se vai assinar mesmo ou não.

PESQUISADOR: Complicada essa situação, né?

E: Muito complicada.

PESQUISADOR: E você falou que sem o Bolsa.

E: Ai... Sem o Bolsa minha vida mudaria completamente. Pra pior. Porque eu dependo muito, muito, muito mesmo do Bolsa. Eu e ele, né? Porque a maioria das coisas que eu compro a maioria vem tudo do Bolsa. Sapato, roupa pra ele, roupa pra mim também. Coisa assim, básica, que a gente precisa mesmo. E eu dependo muito do Bolsa pra isso.

PESQUISADOR: Você costuma comprar o que com o Bolsa, assim?

E: Eu compro sapato, compro roupa, se precisar de algum material, assim, que o governo não pode dar na escola, elas manda comprar aí eu vou lá e compro. Quando chega dia das mães ou algum dia assim de homenagem, eles manda pedir dinheiro pra comprar alguma coisa. E eu já cheguei a tirar desse Bolsa e mandar. Entendeu? E alimento, às vezes, eu já comprei. Que nem eu te falei, que já matou a minha fome, a fome dele, a fome do meu esposo. Na época eu pagava R\$60,00, a gente vivia de aluguel, era R\$30,00 de aluguel, fora água, energia, a gente não pagava porque tava cortado. E aí eu pagava R\$30,00 de aluguel e os outros R\$30,00 a gente se alimentava. Comprava de alimento. Dividia. Foi a época mais difícil na minha vida. Foi essa época que ele não conseguia arrumar trabalho de jeito nenhum, a gente tava com pouco tempo que tava morando junto. Tava com um ano e pouco. Ainda vivendo de aluguel. Foi muito complicado.

PESQUISADOR: Imagino. Agora você tá ganhando em torno de quanto?

E: Quer dizer, quando eu tava lá na Bahia, eu ganhava R\$125,00. Aí depois que eu vim pra aqui eu coloquei ele no Mais Educação. E aí com três meses que eu tinha colocado ele no Mais Educação... Eu acho que foi isso, né, eu também não sei. Depois que eu coloquei ele no Mais Educação, depois de três meses que eu tinha colocado, aumentou pra R\$232,00. Aumentou. Aí hoje em dia eu pego R\$232,00.

PESQUISADOR: E houve alguma mudança na sua vida após entrar no Programa?

E: Demais! Demais! Houve. Muito.

PESQUISADOR: Em que sentido, assim, em que aspecto?

E: Em tudo. Em tudo. Em tudo que você falar. Porque aqui mesmo meu marido ficou mesmo desempregado aqui. Nem bico não achava aqui dentro. E aí era desse dinheiro que a gente se alimentou também. Nessa época. A gente vinha, eles davam a cesta básica, uma moça lá na frente tava dando, a gente pegou essa cesta básica. E foi R\$200,00, eu só fiquei só com R\$30,00. E os R\$200,00 a gente foi lá no Atacadão e fez uma compra, e comprou de comida. Em tudo, tudo que você falar. Em tudo a gente depende do Bolsa.

PESQUISADOR: Principalmente alimentação, como você tá falando, né?

E: É. Principalmente na alimentação.

PESQUISADOR: Parece que o Bolsa foi necessário, né?

E: Muito. Demais. Demais.

PESQUISADOR: É... Você falou de sentido, né? Você falou da função do Bolsa na sua vida, né? E qual o sentido emocional, sentimental, praticamente, do Bolsa pra você?

E: Ai... Eu não sei nem como explicar. Não sei, não sei nem como explicar mas... É que nem eu te falei, sem o Bolsa eu não sei o que seria da minha vida.

PESQUISADOR: E como você se sente sendo beneficiária?

E: Ai, eu me sinto muito bem. Me sinto, sei lá.. É muito bom. Eu não sei nem como explicar, não encontro palavra. Não sei mesmo, mas é muito bom.

PESQUISADOR: Você conseguiria falar um sentimento perante o Bolsa? Assim, de como você se sente mesmo. Você falou que se sente bem, né, que sem o Bolsa seria difícil, né, você não tem nem palavras pra explicar como você se sente, o que é o Programa, assim. Mas você consegue pensar em alguma explicação, alguma razão, pra esse sentimento de ser beneficiária de tá sendo...

E: Sei lá, me sinto um pouquinho importante assim, sabe? E me sinto assim... Alguém (disse Beta com certa timidez e acompanhada logo de sorriso de empolgação). Porque, como eu te falei, eu não posso trabalhar porque eu tenho problema de coluna. Dentro da minha casa mesmo eu sou limitada pra fazer as coisas. E, assim, quando vai chegando a data de pegar eu agradeço a Deus tanto por isso. Porque eu... Sei lá. Você vê que é algo que você tá precisando, que você tá necessitando, e saber que você pode contar com o Bolsa pra você chegar lá e comprar aquilo que você tá precisando é muito bom. Entendeu?

PESQUISADOR: Então você se sente alguém. Você se sente... Alguma palavra, assim... Você se sente...

E: Essa palavrinha eu nunca vou conseguir.

PESQUISADOR: Tá, então o sentido é esse, né? Você se sente alguém, né? O que você acha das regras do Programa? Das condicionalidades. Saúde e educação.

E: Ah, eu acho muito bom. Eu acho legal.

PESQUISADOR: E o que você acha de ter que cumprir as condicionalidades?

E: Eu acho certo. Eu acho certo, porque se eles tão doando isso pra gente, por que a gente também não pode doar algo também? Eu acho certo isso. Às vezes tem dia que eu não aguento levar meu menino na escola porque é muito longe, cria essa disciplina. Aí tem dia que eu não aguento levar nem buscar, e eu fico preocupada com isso. Porque isso tudo consta, né? Aí às vezes eu explico pra professora, "Ó, professora, não deu pra mim trazer ele porque eu não me senti bem". Às vezes eu não aguento nem levantar de cima da cama. Aí não tem como levar ele. Se meu marido for perder o dia de trabalho já vai ser difícil também pra gente, pra levar ele. A minha irmã tem o menino dela que é especial. Ela não pode tá deixando ele sozinho pra ela levar. E aí fica um pouco complicado. Aí eu fico preocupada quando eu não posso levar ele, que ele falta no colégio. Entendeu? Porque eu acho que é muito importante, tanto pro Bolsa como pro desempenho dele, né? Eu acho isso justo e muito certo.

PESQUISADOR: E perante a saúde? Saúde, é, estar com a vacinação em dia.

E: Tá.

PESQUISADOR: Fazer a pesagem, normalmente eles tiram a altura... Isso assim, o que você acha disso?

E: Eu acho bom também, eu acho legal. Essa semana mesmo eu vou ter que vir fazer a pesagem também dele. Eu já vou passar aí pra marcar e pra mim vir fazer a pesagem dele. A vacina dele também tá em dia. Graças a Deus. Lá na Bahia eles me enrolaram. Dizendo que tava em dia as que tavam em dia e aí eu na minha, né? Aí, quando eu cheguei aqui, que eu vim pesar ele, elas disseram "Não, falta três vacina dele, tá atrasadíssima". Que era a de 10 anos. Não me lembro se era a de 10 ou a de 8. Aí ele tomou. Só tem uma coisa que... Na saúde que eu acho ruim, porque as agente não entra na nossa casa, não vai. Pra você saber de alguma coisa ou tem que anunciar pra todo mundo saber ou você tem que vir aqui no posto.

PESQUISADOR: Se informar, né?

E: É. Elas não vão. Lá mesmo na vila, no corredor que eu moro, é escolhido as casa, assim, de ponta de dedo que elas têm bastante amizade, que elas entra. Ou, aliás, passa na porta, não entra, não pergunta nada. A gente sabe que é... Eu fico só observando, né? Que, se é paga pra isso... Sei que é o trabalho delas, né, e elas não vão, não entra, não pergunta. Então pra mim pra saber de alguma coisa tem que vir aqui. Procurar saber. Às vezes elas vai até o meio do beco e volta. Não passa... Isso aí. É só isso aí que eu tenho assim, sabe, que eu fico observando e acho errado. Entendeu? Que eu achava assim, se é o trabalho delas, elas têm que ir em todas as casas. É o trabalho delas.

PESQUISADOR: De fato.

E: Entendeu? E elas não faz isso. Às vezes não tá tendo problema nenhum no beco, porque quando tem dá pra todo mundo saber, porque quando tá tendo problema no beco dá pra todo mundo ver isso aí. Então eu acho isso errado aí. Mas na maioria das vezes não tem nada, tá tudo certo, tá tudo normal e elas não entra.

PESQUISADOR: Que pena.

E: Na outra semana teve uma que foi na casa da minha vizinha, do lado, a que eu te falei que precisa da assistência do Bolsa, que o marido dela tá desempregado, tá com um bebezinho novinho. O bebê dela tá, acho que tá com quatro meses. Ela não trabalha, o marido tá desempregado. Eu já falei com ela, "Menina, vai lá, procura o rapaz que tem". Ele passou aqui procurando. Tão te procurando.

PESQUISADOR: É sua vizinha, é isso?

E: É minha vizinha. É minha vizinha do lado.

PESQUISADOR: E ela veio pra falar com a assistente social e...

E: Eu mandei ela vir, mandei ela procurar o Seu Wilson lá em cima e tudo, mas eu acho que ela não veio procurar não. Porque ela não comentou mais nada, não falou mais nada.

PESQUISADOR: Difícil assim, né?

E: Muito difícil. (Beta transpassando muita segurança em seu olhar fixo no pesquisador, afirmou) Mas eu disse a ela: "Quando tu fizer esse cadastramento e o Bolsa Família vir, tu vai ver como vai melhorar tua vida aqui. Porque a minha melhorou muito!". Ela disse: "É, não". Eu disse: "É, menina. Tu fica tão dependente do teu marido, das coisa, e quando tu tem teu dinheiro na mão tu pode comprar as coisas que tu precisa (Terminou a fala de maneira efusiva)". Eu não sei qual é o motivo dela. Até agora. Tá precisando de mais. Às vezes ela me diz, "Beta, tô sem leite pra criança, o que é que eu faço?", eu digo: "Eu não posso fazer nada". Porque ela tem que se tocar, né, que ela tá precisando, não trabalha, o bebê novinho, o marido tá desempregado.

PESQUISADOR: Você acha, então que, ela recebendo o Bolsa ela seria menos dependente do marido?

E: Com certeza.

PESQUISADOR: Você também percebe isso em você? Ou não?

E: Percebo.

PESQUISADOR: Percebe. E o que você acha disso?

E: Ah, do Bolsa?

PESQUISADOR: Não, de ser mais independente em relação a...

E: Ah, eu acho isso muito legal. Eu acho legal isso. Porque nem sempre eu quero tá assim, sabe? Às vezes também ele tem as coisa dele lá que ele tem que pagar. Aí eu não quero tá assim, "Ó, tô precisando disso, ó tô precisando". Não quero. Entendeu? Eu já ando inconformada porque eu não posso trabalhar. Ainda ficar dependendo de tudo, pedindo... Ai, não. Não.

PESQUISADOR: Sim. Imagino. Imagino. É, você acha que existe alguma diferença entre ser beneficiária e não ser beneficiária?

E: Muito. Diferença muito. É muito diferente. Demais.

PESQUISADOR: É, você falou da questão da independência, né? Que mais que você consegue trazer assim de diferença entre estar beneficiária e não estar?

E: Ah, em tudo. Em tudo que se falou. Porque homem, sabe como é né, às vezes você vê uma roupa, um sapato, você quer comprar. Eu digo por mim mesmo, "Ó filho, eu quero comprar tal isso, né?", "mas agora não dá". E você, com o seu dinheiro na mão, não. Não precisa você tá dependendo dele pra querer comprar aquilo. Você vai lá e tira e pronto, acabou. Entendeu? Ah, eu não sei nem como explicar. Eu disse a ele isso esses dias, "ah, eu acho que", que eu tava conversando que vai entrar o outro presidente que vai cortar o Bolsa, eu disse a ele "ah, o que vai ser da minha vida sem o Bolsa se chegar a cortar?", aí ele "Pode parar com isso". Eu disse "Não, não vou parar. Eu não consigo viver mais sem ele". É útil, eu não consigo viver sem mais o Bolsa. Eu já imagino o tempo que chegar que ele vai ter que sair, eu já imagino isso. A vida de duas irmãs que precisam também do Bolsa, cortaram, e aí até hoje... A daqui é porque o filho dela por ser especial ele tem o benefício dele. Aí ela não pode trabalhar, tem outro menino também dele. Aí tem dias que eu fico assim observando e fico, "Ai, que pena que não tem o Bolsa!". Às vezes o menino precisa de um sapato, uma coisa. Às vezes o filho dela, por ser especial, ele quer que ela dá o dinheiro todinho pra ele. Aí ela fica, "não, vai precisar disso, vai precisar daquilo", aí ela fica cativa a ele. Entendeu? Às vezes ela cozinha um... Por ele saber que aquela comida que tem dentro de casa é pelo dinheiro que é dele... Aí ela cozinha um feijão, coloca lá, aí ele vai lá, come o feijão todinho de uma vez só. Aí fica ela e o outro menino com fome. Ela não pode trabalhar porque se ela for trabalhar, o povo saber que ela deixou ele sozinho dentro de casa, é capaz de cortar o benefício dele. Aí ela fica sujeita a ele. Eu digo: "Vai lá, conversa com ele. O benefício é do menino, não é teu, que tu tem outra criança", ela "Não, Bete, não dá". Ai, sei lá. Eu acho complicado isso. Entendeu? A minha outra irmã, ela mora na Bahia, ela tem duas crianças, trabalha pela Prefeitura. A Prefeitura, às vezes, o que paga durante um mês as vezes dá R\$30,00. Ela tem que se sustentar com

esses R\$30,00 o mês todinho. E com dois adolescentes de 14 anos. Aí fica complicado. Entendeu?

PESQUISADOR: Imagino.

E: Aí eu fico pensando nisso tudo. Eu fico "Meu Deus do céu", "Beta, paga pra mim", "Não, não". Não aceito, não quero [...] não deixa que o Bolsa seja cortado, porque e o pessoal que precisa, que necessita, que depende do Bolsa. Entendeu? Porque hoje a gente sabe como é que tá nossa vida, amanhã a gente não sabe. Amanhã a gente não sabe. Entendeu? Aí eu fico muito preocupada com isso. Mas, assim, sei lá, se algum tempo chegar assim, e eles disserem assim "Não vai mais existir Bolsa Família", eu não sei o que seria da minha vida e de muitas pessoas que precisa. Entendeu? Porque é muito, muito, muito dependente. Por mais que o meu marido trabalhe, assim, eu dependendo disso. Eu dependo do Bolsa. Muito.

PESQUISADOR: É, você falou, então, qual é a diferença, né? Houve alguma diferença na saúde da sua família após ter se tornado beneficiária?

E: Teve. Teve. Às vezes a agente não tem... Agente vem, não tem remédio no postinho pra ceder, a gente tem que ir pra farmácia comprar. Às vezes meu marido tá sem dinheiro. É desse dinheiro que eu tiro. Às vezes.

PESQUISADOR: Ah, entendi.

E: Tem um mesmo, meu, que ele não é doado. Ibuprofeno. Ele não é doado pelo Estado. Eu tenho que comprar. E eu compro desse dinheiro!

PESQUISADOR: Do dinheiro do Bolsa.

E: Do Bolsa. Eu não posso ficar sem ele. Não posso. Quando meu marido tá com dinheiro, que pode comprar, tudo bem. Mas quando ele não pode.

PESQUISADOR: Aí tem que recorrer ao Bolsa Família.

E: É, tenho que recorrer ao Bolsa.

PESQUISADOR: É, a última, né? Qual é o papel do postinho na sua vida, assim? Acho que isso você já falou de certa forma né?

E: (consentiu que sim).

PESQUISADOR: Mas qual que é o papel da unidade na sua vida?

E: Mais ou menos. Esse daqui é mais ou menos. Difícil eu vir aqui. É como eu te falei, né, eu achava que ela deveria mais procurar, se informar mais. A agente, ela não faz esse papel.

PESQUISADOR: Você já falou sobre isso, né? Verdade.

E: E elas não fazem esse papel. Às vezes elas ficam como se fosse passeando. Vai pra lá e pra cá, pra lá e pra cá. Ninguém entra na casa de ninguém. É errado isso acontecer.

PESQUISADOR: De fato.

E: Entendeu? Que nem eu te falei, a minha vizinha, por ela ter a menina que foi prematura. Essa que eu te falei que precisa do Bolsa, o bebê dela nasceu prematuro. Ela teve oito filho, só conseguiu ficar 2 ou foi 3. Ela tem um problema sério que não consegue segurar o bebê. O bebê nasce de 7, 8 meses, fica na UTI, depois... Essa agora mesmo foi prematura, foi de 6 meses. Foi de 6 meses, ficou um tempo na UTI, aí levou acho que 2 meses na UTI, se não me engano. Aí, agora ela tá com esse bebê. Por esse motivo às vezes ela não vem no postinho, eles vão lá saber. Aí passa direto, não vem na minha casa procurar saber de nada, nem me informar, "ó, hoje vai ter vacina, ó, hoje vai ter alguma coisa, seu menino já tomou vacina? Me mostra aqui o cartão de vacina dele". Não. Ontem, dia 07 agora fez dois anos que eu tô aqui. Elas só foram na minha casa uma vez. Uma vez só.

PESQUISADOR: Faz dois anos que você tá aqui?

E: Dois anos.

PESQUISADOR: Caramba.

E: Só foi uma vez só na minha casa. E isso foi logo que eu cheguei pra saber se eu tinha o Bolsa. Eu disse que eu tinha, pronto, acabou aí. Só isso. E eu achava que ela deveria ir mais, procurar saber, me informar. As vezes as meninas fala, "Ah, Beta, tem exame pra marcar, fala com a menina". Eu não, ela não vem na minha casa, não fala comigo, como é que eu vou pedir uma coisa que ela não faz? Porque eu sei que uma agente de saúde a gente pode marcar uma fisio, só que ela não fala, não vai na minha casa.

PESQUISADOR: Acaba não se colocando, né? Acaba não exercendo.

E: É. É, aí não adianta. Aí as vezes eu venho me arrastando pra aqui, as vezes eu chego atrasada, as vezes não acho mais nem ficha mais, nem encaixe. Aí eu volto pra casa, vou embora pra casa, tudo bem.

PESQUISADOR: Isso é um... é bem relevante isso.

E: Com certeza.

PESQUISADOR: Se continuar assim, né? Então você falou, né, como que é ser beneficiária, você trouxe as necessidades, né, alimentação, a independência, a sua autonomia perante esse benefício, né, certa independência familiar, né, até na educação e na saúde do seu filho, né?

E: Com certeza.

PESQUISADOR: Então acho que é isso, né? Você gostaria de falar mais alguma coisa?

E: Não, acho que eu falei já tudo.

PESQUISADOR: Você acha que já... (risos)... Deixa eu ver aqui. Pausar.

[Fim]

Tabela I
Categoria Empírica:
Programa Bolsa Família é importante para as famílias da Vila dos Pescadores.
Trecho:
“Eu tenho um problema sério de saúde, de coluna. Não posso tá trabalhando. Misericórdia! Bolsa Família pra mim é tudo! É tudo!” [Beta – ET-6 – PG02];
Resumo:
O programa é essencial na vida do beneficiário.

Tabela II
Categoria Empírica:
Mudança de governo refletir no programa bolsa família.
Trechos:
“Esses dias teve uma conversa que ia cortar, que ia tirar, eu entrei em desespero. Aí meus primo, "Beta, para com isso". Eu disse "Não, é o que eu tenho". Eu não posso trabalhar, o único dinheiro que eu posso contar, realmente, é esse dinheiro do Bolsa” [Beta – ET-6 – PG02].
Resumo:
Provável mudança de governo implicaria em possível corte do programa.

Tabela III
Categoria Empírica:
Gastos com o benefício.
Trecho:
“Eu compro sapato, compro roupa, se precisar de algum material, assim, que o governo não pode dar na escola, elas manda comprar aí eu vou lá e compro. [...] E alimento, às vezes, eu já comprei. Que nem eu te falei, que já matou a minha fome, a fome dele, a fome do meu esposo” [Beta – ET-6 – PG03]
“[...] Ibuprofeno. Ele não é doado pelo Estado. Eu tenho que comprar. E eu compro desse dinheiro!” [Beta – ET-6 – PG08].
Resumo:
Os gastos referem-se à alimentação, vestimenta, educação e moradia.

Tabela IV
Categoria Empírica: Ser visto pelo governo como algo positivo
Trecho: “Sei lá, me sinto um pouquinho importante assim, sabe? E me sinto assim... Alguém! (disse Beta com certa timidez e acompanhada logo de sorriso de empolgação)” [Beta – ET-06– PG04].
Resumo: O sofrimento de invisibilidade em contraponto à positividade de ser visto por alguém, no caso aqui o governo.

Tabela V
Categoria Empírica: Condicionalidades.
Trecho: “Eu acho certo. Eu acho certo, porque se eles tão doando isso pra gente, por que a gente também não pode doar algo também? Eu acho certo isso” [Beta – ET-6 – PG04].
Resumo: Condicionalidades vistas como algo positivo.

Tabela VI
Categoria Empírica: Independência financeira do marido.
Trecho: “(Beta transpassando muita segurança em seu olhar fixo no pesquisador, afirmou) Mas eu disse a ela: "Quando tu fizer esse cadastramento e o Bolsa Família vir, tu vai ver como vai melhorar tua vida aqui. Porque a minha melhorou muito!". Ela disse: "É, não". Eu disse: "É, menina. Tu fica tão dependente do teu marido, das coisa, e quando tu tem teu dinheiro na mão tu pode comprar as coisas que tu precisa (Terminou a fala de maneira efusiva)"" [Beta – ET-6 – PG06].
Resumo: Independência financeira e do marido como algo positivo.

Tabela VII
Categoria Empírica: Unidade de Saúde da Família.
Trecho: “Na saúde que eu acho ruim, porque as agente não entra na nossa casa, não vai. Pra você saber de alguma coisa ou tem que anunciar pra todo mundo saber ou você tem que vir aqui no posto”. [...] “É. Elas não vão. Lá mesmo na vila, no corredor que eu moro, é escolhido as casa, assim, de ponta de dedo que elas têm bastante amizade, que elas entra. Ou, aliás, passa na porta, não entra, não pergunta nada” [Beta – ET-6 – PG05].
Resumo: Insatisfação com a unidade de saúde.

8 - Transcrição Entrevista Mérci – 19/08/16.

[Início]

PESQUISADOR: Mérci, como e por que você se tornou beneficiária do Programa Bolsa Família?

E: Quando começou? Quando eu vim morar aqui, meu barraco tinha caído. Aí uma moça foi lá... Eu participei primeiro do Renda Cidadão, depois a assistente social foi lá em casa e mandou eu ir pra fazer o Bolsa Família. Aí eu consegui fazer.

PESQUISADOR: E isso há quanto tempo?

E: Foi 2000... 2017.

PESQUISADOR: 2007.

E: É, 2007.

PESQUISADOR: você já colocou pra frente, né? ((risos))

E: É. 2007. É isso mesmo.

PESQUISADOR: Então já tem já um tempinho, né? A gente já tá em 2016

E: É, eu joguei 10 anos.

PESQUISADOR: Sim, sim. E... Então você ficou sabendo através da assistente social, né?

E: É, porque antigamente eu não sabia. Aí o povo perguntava "por que", aí eu falava assim "não, porque eu não sei esse negócio de Bolsa Família". Aí eles vieram lá em casa aí eles mandaram fazer. Urgente. Aí eles fizeram, não demorou uns 2 meses aí eu comecei a pegar. Receber.

PESQUISADOR: Entendi. E o que te chamou atenção no Bolsa Família pra você se tornar beneficiária? O que te... você falou "olha, interessante participar desse Programa". O que te chamou atenção no Programa pra você participar?

E: Ah... Eu gostei mais por causa que é uma ajuda, né? É uma ajuda, porque as vezes, quando eu morava com o pai dela e ficava desempregada, esse dinheiro que me ajudava a comprar uma mistura, um leite, um remédio. Me ajudava.

PESQUISADOR: Sim. E você morava com o pai dela até quando assim? Você falou que em 2007 você se tornou beneficiária do Programa...

E: Ainda fiquei morando. Aí depois de um ano que meu filho faleceu aí eu separei. Mas depois de um ano.

PESQUISADOR: Entendi. Então depois de um ano de Programa veio o falecimento do seu filho, né, e aí você se separou do seu marido...

E: É, aí depois de um ano... Antes de um ano aí eu recebia o benefício do meu filho, depois eles cortaram. Aí depois, aí eu não tava sabendo, sei lá o que que aconteceu, porque eles cortaram daí depois voltaram tudo de novo. Nem tava sabendo. Quando pensa que não, tava lá na minha conta: R\$1.000,00. Eu falei "oxi! nem tava sabendo". Tinha cortado até o cartão, joguei fora. Aí quando eu fui lá, uma surpresa lá, tava R\$1.000,00. Eu falei "oxi! É uma ajuda!".

PESQUISADOR: Ah, entendi. Do Bolsa Família ou...

E: Do Bolsa Família!

PESQUISADOR: Do Bolsa Família? Tudo isso?

E: Tudo isso.

PESQUISADOR: Caramba!

E: É, eu me admirei. Falei "quê?". Tava pensando em comprar um celular, fui lá na loja Casas Bahia, comprei. É uma ajuda. E muito!

PESQUISADOR: E aí você ficou recebendo esse benefício durante quanto tempo? De R\$1.000,00.

E: Não. Aí eu acho que foi ajuntando, né? Todo mês. Eu acho que tava indo, só que pra mim tinha acabado, entendeu? Aí ficou todo mês. Acho que era R\$415,00. Eu acho que era esse valor que eles tavam depositando, porque pra tá R\$1.000,00 é esse valor, né?

PESQUISADOR: Sim.

E: R\$415,00 lá, R\$415,00. Aí eu acho que ajuntou isso tudo aí, aí deu mil e pouco.

PESQUISADOR: Sim, sim, entendi. E atualmente você recebe R\$415,00, né? Que você tinha me falado quando a gente conversou aqui na rua, né? Você tinha me falado isso, né? Então você recebe pelos quatro filhos que você tem, né? É um direito seu, né? Então você falou que se tornou beneficiária com a assistente social vindo até você, apresentando o Programa, né, esse direito, e você achou interessante participar, né? Até pela, como você disse, pela ajuda.

E: Eu achei assim que foi mais por precisão, porque... Marido desempregado, eu não podia trabalhar porque eu tinha um filho especial. Pra mim foi precisão mesmo. Não tô lá que é pra pegar o dinheiro e "nossa, vou pegar meu dinheiro que é pra gastar à toa, vou gastar com roupa". Não! Não foi por causa disso. Foi porque precisa mesmo. Precisei mesmo. E agora, mais do que nunca, eu tô precisando. Desempregada. Com quatro filho. Aí eu falei "não, é uma boa!".

PESQUISADOR: E, Mérci, você costuma gastar com o que, assim, com esse dinheiro? Mais ou menos.

E: É, no começo quando eu pegava, era pro alimento. Aí depois eu separei do pai delas, agora, aí eu tava trabalhando, aí eu arrumei o meu barraco. Com o dinheiro do Bolsa Família ajudava. Aí juntava com o meu que eu trabalhava, aí depois eu saí do emprego, fiquei com ele pagando pensão pra fazer o barraco. Foi assim, arrumando as coisa. Madeira, comprar comida, essas coisa. Misturando tudo, porque senão.

PESQUISADOR: É verdade. E você recebe a pensão dele?

E: Não. Não recebo nada.

PESQUISADOR: Não? É só mesmo esse...

E: Só mesmo esse valor aí. R\$415,00. Que eu tô sobrevivendo.

PESQUISADOR: Mérci, quando eu falo em ser beneficiária do Programa Bolsa Família, que sentido tem pra você? Na sua vida. O que representa o Bolsa Família nesse instante pra você?

E: Nesse instante? Na minha vida? Eu vejo assim, como uma coisa boa, sei lá, um presente que Deus deu. Porque, tem gente que reclama, né, que é pouco. Mas, quando tiraram a parte do meu filho, eu falei assim "Senhor, dinheiro não vai trazer meu filho de volta, se Deus quiser me dar de volta ele me dá. E o Senhor é meu Pastor e nada me faltará". E eu creio que foi um presente de Deus. Pra mim deu de volta. E até hoje eu falo: primeiramente Deus e segundo esse Bolsa Família, porque se não fosse, eu não sei o que seria de mim, não. Desempregada... Aí o povo reclama: "ai, eu tenho vergonha de ir lá tirar tanto". Porque antigamente o valor não era esse que eu recebia. Eu recebia cento e pouco. Mas eu não reclamava, não reclamava.

PESQUISADOR: Antigamente, quando? Mais ou menos.

E: Logo no começo. Era cento e pouco. R\$415,00 veio depois desses anos pra cá. Depois de dois mil e... Nem lembro. Depois de 2000 e não sei que mais lá. Aí veio esse Bolsa Família aumentando. Mas eu recebia pouco, mas eu não reclamava não.

PESQUISADOR: Entendi. Então aumentou, e você atualiza, né, o seu cadastro?

E: Quando tem. Às vezes falam assim "ó, tem que levar a criança pra pesar". Trago pra pesar. Tiro da escola. Se uma estuda de manhã e pode pesar de tarde, aí eu peso de tarde. Se pode pesar de manhã a que estudou de tarde, pesa de manhã. Entendeu? Pra não faltar na escola, entendeu?

PESQUISADOR: Sim, sim. Acho que as perguntas assim, meio que a gente já tá falando de tudo. Mas tem uma aqui que é, a três, é: houve alguma mudança em sua vida após entrar no Programa Bolsa Família?

E: Mudança? Como assim mudança?

PESQUISADOR: Mudança num geral. Assim, o antes e o depois do Bolsa Família, de você receber o benefício.

E: Ah, eu acho que não teve muita mudança não. Eu acho que não. Não, mudança, mudança assim...

PESQUISADOR: Mesmo que for pequena, teve alguma assim? Algum tipo de mudança.

E: Como assim mudança? De quê assim, mais ou menos?

PESQUISADOR: Digo o antes e o depois se você compara. Antes, sem o Bolsa Família era assim, agora com o Bolsa Família. Acho que você já falou...

E: É, mudou, porque você tem mais condições pra fazer alguma coisa. Eu creio que sim, mas não sei muito informar não. Mas mudou, que às vezes você vai fazer uma coisa, se você não tiver trabalhando você não tem de onde tirar. Aí você já sabe que você tem o Bolsa, aí você fala "não, eu vou pegar tal dia", aí eu vou lá e compro e tal dia eu pago. Entendeu? Eu creio assim. A mudança foi assim. Que nem um serviço. Você vai trabalhar, se você não trabalhar como é que você vai comprar alguma coisa? Vai pagar como? Eu acho que é dessa forma, acho que mudou assim.

PESQUISADOR: Entendi. O que você acha sobre as condicionalidades, as regras do Programa? Saúde, educação, né. Pra continuar recebendo, né, você tem que cumprir com a questão escolar e aqui no postinho, né. O que você acha disso?

E: Eu acho que é bom, né. Pelo menos cria essa, essa área fica sabendo das coisa, e tá bem, o peso, né? Eu acho normal. Tem gente que reclama disso, mas eu acho normal. É o certo. Tudo tem o seu preço, né? Você não quer nada de graça. Tudo tem o seu preço. Então eu acho normal. Que nem, tem gente que eu conheço que perde por causa de não deixar filho ir pra escola. Entendeu? Perde o Bolsa Família porque não deixa o filho ir pra escola, vai quando quer, vai o dia que quer. Eu vejo muito. Os meus vizinho mesmo a maioria não tem Bolsa Família por causa disso aí. Porque não deixa o filho ir pra escola. Quer dizer, não deixa não, às vezes acorda atrasado, as vezes o filho fala "hoje eu não quero ir", aí faz a vontade. Aí perde. E, graças a Deus, se um dia eu perder o Bolsa Família não foi por causa de escola não, porque eu mando todos os dias pra escola. Todos os dias. Se eu trabalhar, todo dia tem que ir pra escola. Entendeu?

PESQUISADOR: E sobre o postinho, sobre a saúde? Você falou da educação, né, da escola. Você falou, né, que quando tem a pesagem você comparece, né?

E: É, quando tem a pesagem eu compareço. Que falam assim "ó, teu nome tá lá, o nome das criança". Aí eu venho, eu trago.

PESQUISADOR: Você acha... é, eu acho que a gente já falou um pouco sobre isso. Você acha que existe alguma diferença entre ser beneficiária e não ser beneficiária?

E: Diferença? Quem não é e quem é?

PESQUISADOR: Isso.

E: A diferença eu acho que não. Mas eu acho que a diferença, assim, a pessoa... porque as vezes tem gente que vira pra mim e fala "você tem Bolsa Família?", eu falo "eu tenho", aí "nossa, eu queria tanto conseguir, mas eu não consigo, não sei o quê". As pessoas é diferente, né? "Por que ela consegue e eu não?", é assim. Porque tem muita gente que já se inscreveu e não conseguiu. Tem uns quase lá, mas nunca que chega, entendeu? Tem essa diferença, eu acho assim. Eu não sei. Porque a gente não é melhor nem pior que ninguém, né? Mas aí, eu acho que é essa diferença. Só. Mas aí eu não fico alegre, "nossa eu tenho, ela não tem". Não, entendeu. Eu fico triste, porque se é pra todos, por que um tem e outro não? Não é verdade? Então a única diferença é essa. Porque as vezes tá desempregado, aí quer comprar alguma coisa e não tem. Entendeu? Que nem agora que eu tô desempregada, se não fosse isso aí o que seria de mim? Eu penso assim.

PESQUISADOR: É, houve alguma diferença na saúde da sua família após ter entrado no Programa? Você percebeu alguma diferença na saúde das crianças, principalmente, após ter entrado no Bolsa?

E: Diferença? Como assim? Se eles dá mais atenção, essas coisa, é isso? Não?

PESQUISADOR: Eu não entendi a sua pergunta, desculpa.

E: É que eles do posto de saúde dá mais atenção porque tem o Bolsa, é isso? Não?

PESQUISADOR: Você entendeu isso? Você quer falar sobre isso, você pode falar.

E: Eu entendi isso. Porque pra mim não, não mudou não, porque é o mesmo. Porque esse postinho só Jesus na causa, viu? Eu não vou nem falar o resto.

PESQUISADOR: (risos). E me fala uma coisa, então, a pergunta seria se houve diferença na saúde das crianças após ter entrado no Bolsa.

E: Não. Não houve diferença não. A única diferença que tem é que a gente tem que levar pra pesar, as vacina isso eu sempre fiz, as vacina todos em dia, sempre fiz. Independente de Bolsa Família ou não, minhas filhas sempre foi vacinada. Sempre. Desde pequena até grande. Sempre foi vacinada.

PESQUISADOR: As quatro, né?

E: É. Sempre. A carteirinha delas todas em dia. Nunca. Essas diferença assim, não.

PESQUISADOR: Entendi. E até que, saúde física, assim de doença, alguma coisa relacionada a isso?

E: Não, doença assim não.

PESQUISADOR: É. A gente vai entrar naquela questão: qual o papel do postinho em sua vida?

E: Do postinho?

PESQUISADOR: É. Do postinho de saúde.

E: Vou falar do postinho... Misericórdia! É uma briga pra conseguir um médico aí. É uma briga. De postinho assim, falar assim eu nem sei, porque aqui, pelo amor de Deus, é uma briga pra conseguir um médico, um ginecologista. Pelo amor de... Acho que nem tem aí, né? Deus me livre.

PESQUISADOR: E você costuma utilizar qual serviço aqui no postinho?

E: Aqui no postinho eu acho que só quando vem pesar, ou quando eles vão lá em casa pra assinar. Porque não sei o que que a gente assina... E pra pegar remédio. Geralmente é só essas coisa assim, porque é difícil elas ficar doente. Quando fica doente aqui a gente vai pro Pronto Socorro. Mas é bem difícil, porque assim, se você for passar com uma criança doente aqui você tem que fazer exame de rotina. É exame de rotina.

PESQUISADOR: E, Mérci, eu gostaria de fazer mais uma pergunta, assim, uma pergunta mais a nível de emocional, a nível das suas emoções dos seus sentimentos, algo mais interno, assim. Como você se sente, perante as emoções, sendo beneficiária do Programa? Você falou que te ajuda, né, mas e lá dentro assim?

E: Lá dentro? Como assim?

PESQUISADOR: Assim, do ponto de vista emocional. De como você se sente mesmo.

E: (acelerando o ritmo de sua fala Mérci diz) Eu me sinto assim, eu acho assim, que se tem esse papel aí é sinal que alguém tá reconhecendo a gente. Sei lá, um homem, alguma coisa assim. Porque geralmente esses papel aí vai tudo pra lá, pro Governo, né? Aí é alguém, pelo menos é alguém na vida, né? Sei lá, eu acho. Pelo menos você tá sendo reconhecida! Todo mês cai um negócio na sua conta, que nem te conhece. Eu acho que é isso. Eu acho. Pelo menos tem assim "nossa, alguém tá me reconhecendo". Não me vê, mas pelo menos sabe meu nome, sabe meu endereço, sabe minha conta. Assim, eu acho. Eu, pelo menos, eu me sinto assim. Eu não sei as pessoas.

PESQUISADOR: E como é se sentir assim? Reconhecida, né.

E: É, porque... É, é isso aí. A gente se sente reconhecida, porque as vezes a gente... Que nem, a gente mora num lugar pobre, mais humilde, né, as pessoas não dá valor. Entendeu? Aí pelo menos isso aí, você é reconhecida que... todo mês cai um dinheirinho lá na sua conta, tá lá. Não por causa de dinheiro. Né, porque quando a gente morre fica tudo aí, né? Não é por causa de dinheiro, mas pelo menos o nome. Tem o nome das tuas filha tá reconhecida, sei lá, porque vai tudo pra lá, não é? Eles não pega tudo os documento, papelada. Então quando é de ano em ano eles pede documento dos filho, documento não sei de quê. É assim, eu acho.

PESQUISADOR: Então você se sente reconhecida.

E: É, reconhecida, né? É.

PESQUISADOR: Não porque você falou "não pelo dinheiro", mas assim por tá sendo vista, né?

E: É. Todo mês cai um dinheirinho lá na sua conta. Nossa, ó, quem é que faz isso? Todo mês tá lá na sua conta. Eu acho assim, porque nem o pai delas, que é pai delas, não deposita nem um real na conta delas. Eu creio assim. Que é sangue. E as pessoas que nem é nada, nem te conhece, só coloca o papel, o nome e tá, né. Eu me sinto assim.

PESQUISADOR: E é bom se sentir reconhecida?

E: É bom. Geralmente é bom. Eu acho que é bom, porque antigamente não era assim, não reconhecia, não tinha nada, nem com sociedade, nada, papel nenhum. Eu acho, é bom (disse Mérci suspirando e demonstrando certo alívio).

PESQUISADOR: E agora tem um papel, é isso?

E: É. Tem um papel um nome lá escrito. Eu... Pelo menos se isso é bobeira, pra lei eu acho que não é. Ainda dou graças a Deus por isso. Eu oro a Deus e agradeço muito a Deus.

PESQUISADOR: E por que você acha que não é bobeira? O que te faz acreditar nisso?

E: Não, porque tem gente que acha assim "nossa, sabe o que é isso? É o Governo, é obrigação de dar". Dizendo que ele tem obrigação de dar, entendeu? Que o povo que tem isso aí fala essas coisa, "nossa, tem mais é que obrigação de dar", não sei o quê. Eu falei "oxe, eu creio, assim, que não". Que ninguém tem obrigação de ajudar ninguém. Ajuda porque quer, não porque tem obrigação. Não é verdade?

PESQUISADOR: É... Merci, você gostaria de falar mais alguma coisa? Alguma coisa sobre o Programa, sobre ser beneficiária.

E: Não. Eu só tenho que falar assim, que se um dia chegar a cortar eu não vou condenar a pessoa que fez isso, porque me ajudou tanto. Por que quando quiser cortar, eu vou xingar? Vou lá brigar pra querer o direito de novo? Não, faço isso não! Jamais! Vou agradecer a Deus, falar "foi bom, durou, graças a Deus, agora a gente tem que seguir a nossa vida, trabalhar". Porque eu mesmo, mesmo com Bolsa Família eu gosto de trabalhar. Sempre gostei.

PESQUISADOR: E, me fala uma coisa, você procura fazer algum curso que eles... Eles oferecem pelo menos algum curso? Algum curso profissionalizante...

E: Não, não. Porque eu nem sei ler. Pra mim fazer um curso eu tinha que acho que estudar primeiro, né? Então eu não sei ler, não tive essa oportunidade. Minhas filha teve, tá tendo, né? Se um dia eu for colocar, eu coloco elas. Mas eu mesmo, não.

PESQUISADOR: E o que você espera do futuro? Você falou que o investimento é nelas, né?

E: É, se algum dia... É que agora tá cedo ainda... Que quando um dia elas quiser estudar algum curso e eu ainda tiver com ele, ou tiver trabalhando, dou opção pra elas. Ai eu falo "não, vou pagar o curso, tô recebendo isso aqui, tô trabalhando, o que custa tirar R\$100,00, R\$200,00? Eu pago". Se for precisão, eu pago. Eu pago se precisar algum dia assim, eu pago. Agora no momento eu não posso chegar "não, faz um curso ali que eu vou te dar o dinheiro". Não vou porque eu não tô trabalhando. Entendeu? Porque até hoje eu agradeço a Deus. Se não fosse primeiramente Deus e segundo o Bolsa, eu não sei o que seria de mim. Porque sem trabalhar é difícil. Essa crise aí que tá tendo, tá difícil.

PESQUISADOR: Entendi. E você costuma trabalhar de quê, assim?

E: É, já que não tem opção de trabalho, eu trabalho de faxina. Se aparecer uma faxina eu vou, essas coisa assim. Entendeu? Se não tem opção, não dá pra trabalhar em firma.

PESQUISADOR: E ultimamente não tá aparecendo nenhum?

E: Na crise, tá brabo. Quem tem o seu serviço que segure, porque tá difícil. Tá difícil.

PESQUISADOR: Entendi, Mérci. Você quer falar mais alguma coisa?

E: Não, é só isso mesmo. Porque eu nem sei falar direito mesmo...

PESQUISADOR: Não, que isso.

E: Só isso mesmo.

PESQUISADOR: Bom, então eu vou encerrar a gravação, tá?

[Fim]

Tabela I
Categoria Empírica:
Gastos com o benefício.
Trecho:
“[...] no começo quando eu pegava, era pro alimento [...] Com o dinheiro do Bolsa Família ajudava. Aí juntava com o meu que eu trabalhava, aí depois eu saí do emprego, fiquei com ele pagando pensão pra fazer o barraco. Foi assim, arrumando as coisa. Madeira, comprar comida, essas coisa. Misturando tudo, porque senão” [Mérci – ET-8 – PG03].
Resumo:
Os gastos referem-se à alimentação, vestimenta, educação e moradia.

Tabela II
Categoria Empírica:
Funcionamento do programa
Trecho:
“[...]Eu vejo assim, como uma coisa boa, sei lá, um presente que Deus deu” [Mérci – ET-8 – PG03] “[...] Eu fico triste, porque se é pra todos, por que um tem e outro não? Não é verdade?” [Mérci – ET-8 – PG05].
Resumo:
Não apropriação sobre o funcionamento do programa.

Tabela III
Categoria Empírica: Planejamento doméstico.
Trecho: “Aí você já sabe que você tem o Bolsa, aí você fala "não, eu vou pegar tal dia", aí eu vou lá e compro e tal dia eu pago. Entendeu? Eu creio assim. A mudança foi assim. Que nem um serviço. Você vai trabalhar, se você não trabalhar como é que você vai comprar alguma coisa? Vai pagar como? Eu acho que é dessa forma, acho que mudou assim” [Mérci – ET-8 – PG04].
Resumo: Possibilidade de prever os gastos.

Tabela IV
Categoria Empírica: Condicionalidades.
Trecho: “Eu acho que é bom, né. Pelo menos cria essa, essa área fica sabendo das coisa, e tá bem, o peso, né? Eu acho normal. Tem gente que reclama disso, mas eu acho normal. É o certo. Tudo tem o seu preço, né? Você não quer nada de graça” [Mérci – ET-8 – PG04].
Resumo: Condicionalidades vistas como algo positivo.

Tabela V
Categoria Empírica: Unidade de Saúde da Família.
Trecho: “Porque esse postinho só Jesus na causa, viu? Eu não vou nem falar o resto” [Mérci – ET-8 – PG05] “[...] Aqui no postinho eu acho que só quando vem pesar, ou quando eles vão lá em casa pra assinar. Porque não sei o que que a gente assina. E pra pegar remédio. Geralmente é só essas coisa assim” [Mérci – ET-8 – PG06].
Resumo: Insatisfação com a unidade de saúde da família.

Tabela VI
Categoria Empírica:
Ser visto pelo governo como algo positivo
Trecho:
“(acelerando o ritmo de sua fala Mérci diz) Eu me sinto assim, eu acho assim, que se tem esse papel aí é sinal que alguém tá reconhecendo a gente. [...] Aí é alguém, pelo menos é alguém na vida, né? Sei lá, eu acho. Pelo menos você tá sendo reconhecida! Todo mês cai um negócio na sua conta, que nem te conhece. Eu acho que é isso. Eu acho. Pelo menos tem assim "nossa, alguém tá me reconhecendo". Não me vê, mas pelo menos sabe meu nome, sabe meu endereço, sabe minha conta. Assim, eu acho. Eu, pelo menos, eu me sinto assim” [Mérci – ET-08– PG 07]
“[...] Eu acho que é bom, porque antigamente não era assim, não reconhecia, não tinha nada, nem com sociedade, nada, papel nenhum. Eu acho, é bom (disse Mérci suspirando e demonstrando certo alívio) [...]” [Mérci – ET-08– PG 07].
Resumo:
O sofrimento de invisibilidade em contraponto à positividade de ser visto por alguém, no caso aqui o governo.

7- Transcrição Entrevista Maria – 19/08/16.

[Início]

PESQUISADOR: Maria, primeiramente eu gostaria de saber qual é a tua visão do programa Bolsa Família aqui na Vila dos Pescadores?

E: O meu olhar em relação ao Bolsa Família na comunidade, eu vejo de uma forma positiva porque a carência social é muito grande a gente tem muitos problemas sociais aqui dentro comunidade. E o bolsa família, ele vem acrescentar principalmente pela exigência que fazem que é feita em relação ao benefício de que as pessoas têm que estar com seus filhos na escola, tem que ter um procedimento que eu acho muito válido que eu acho que faz com que as pessoas reflitam, até sem perceber naturalmente elas vão se reeducando e tendo um comportamento positivo pra essas famílias. A gente observa o antes do bolsa família e depois do Bolsa Família. Então antes do Bolsa Família o comportamento das pessoas é um comportamento um tanto quanto irresponsável em relação à disciplina dos filhos e depois do Bolsa Família agente observa os cuidados que os pais têm, os responsáveis têm com essas crianças pertencentes a esses grupos que participa no modo geral desses programas sociais. Então o bolsa família, no meu ponto de vista, é um programa muito válido, mesmo que seja uma quantia que seja financeiramente não dá suporte pras famílias, mas o suporte maior do Bolsa Família é exatamente a educação. A educação, a reflexão do comportamento, que a mudança é positiva em todos os aspectos, então o valor se torna irrisório assim, se torna um complemento que não é o principal. O principal é a mudança de comportamento, e isso a gente vê claro nas famílias assistidas pelo programa.

PESQUISADOR: Você percebe isso então?

E: Percebe isso na comunidade com muita clareza! É bem distinto! Uma cena que me chamou atenção, da mãe, cuidando, penteando o cabelo da filha antes de ir pra escola, tava limpando porque a criança tinha pegado piolho, e ela com aquele cuidado, pra criança não ir pra escola com piolho pra não faltar na escola. Porque se ela fosse com piolho a professora iria suspender, e a mãe teve aquele cuidado, olhando a cabeça da criança, pra ir pra escola de uma forma tranquila. Então isso eu fiquei muito impressionada, de ver isso bem claramente! Então isso é só um exemplo em relação a outros comportamentos. A gente vê as mães aprendendo, algumas participando de outro programas sociais para aprender alguma coisa, pra não ficar só na geração de renda.

E: Uma outra situação, que me chamou atenção também, foi uma mãe ir lá e pedir pra tirar o nome dela, entregar o benefício, porque outra mãe podia tá precisando, porque ela não se sentia mais precisando daquele auxílio, do Bolsa Família, e não queria, ninguém cortou ela, ela foi sozinha, e pediu pra sair do programa. Ela foi voluntariamente, e pediu pra ser eliminada do programa porque

ela entendia que outra mãe podia tá precisando do programa, e o programa foi muito útil pra ela, e ela queria que fosse o útil pra outra mãe, e era uma mãe solteira que criava seus filhos sozinha e conseguiu fazer alguns cursos dentro da fábrica da comunidade, e que já tava com uma renda suficiente, e ela foi voluntariamente pedir pra sair do programa e ela podia continuar no programa, e ela abriu mão pra que outra mãe fosse beneficiada. Então isso foi outro fato aqui na comunidade que agente observa, assim, eu posso citar inúmeros fatos pra você, mas esses dois fatos me chamou atenção, principalmente a mudança da reflexão que é feita em termo do comportamento social. Então aqui esse bairro, como já falei, é muito carente de serviço social. Aqui a gente tem uma faltura muito grande, falta tudo! Tudo aqui falta! Muito bom o programa! Deve continuar, com certeza.

PESQUISADOR: Maria, então você falou da diferença que o programa faz aqui na comunidade. Agora vou te fazer uma pergunta mais subjetiva, que eu costumo fazer para as beneficiárias, que seria, como você acha que seja, o que você vê, o que você percebe que seja o sentido de ser beneficiária para essas pessoas, o sentido na vida delas?

E: O que traz de benefício, é isso?

PESQUISADOR: Pra pessoa mesmo, subjetivo, nos seus sentimentos, na sua percepção de vida.

E: Como você falou, essa pergunta é subjetiva, porque cada um que recebe o benefício tem um olhar né. Eu não recebo, lógico, o benefício. O meu olhar de ver o benefício nas pessoas, eu vejo também de uma forma diferenciada. Para cada grupo de pessoas o benefício é atingido de uma forma, é alcançado de uma forma. Por exemplo, no nordeste, que eu tive o prazer de ir no Nordeste a pouco tempo e ver algumas famílias que é beneficiária do bolsa família hoje, que não eram antes, eu observei também esse comportamento lá e observo aqui nas pessoas que eu convivo mais perto. Então, indo no Nordeste a gente vê que o nível educacional, cultural das pessoas é muito diferente das que vivem aqui. Então o que a gente chama de miserável aqui, lá tá abaixo do abaixo do miserável, então é uma situação assim, que eu não sei nem classificar de que pobreza que é, se seria de extrema pobreza ou miserabilidade, é o pobre do pobre. E ao mesmo tempo que a gente vê pessoas lá de extrema pobreza, mas de uma extrema riqueza, então é um contraste muito grande, porque a gente vê a alegria das pessoas a felicidade por ter aquele benefício. Que, com aquele benefício, como mudou a concepção de vida. Eles já eram, e já são, porque o nordestino por natureza tem essa característica de ser alegre, ser um povo alegre e tal, mesmo com a dificuldade financeira, mas depois do Bolsa Família, eles se sentiram importantes, que até que enfim alguém olhou por nós, é como se aquelas orações fossem atendidas, de vê que agora eles tinha.

E: Agora, no final do mês, eu ouvi uma avó falar que ela já podia comprar um presente no aniversário do neto com aquele benefício, porque ela queria. Muitas vezes ela dizia quando o neto fazia aniversário, datas como dia das crianças, ela queria dar um presentinho pro neto e não tinha. E aquilo pra ela, ela poder ir lá

com dinheiro dela, ir lá, aquele benefício, ela podia ir lá comprar o que ela quisesse, então ela podia dar um presente pro Neto, um carrinho, um brinquedo, uma coisa simples, no valor pequeno, que o valor que ela recebia não era tão grande. Mas dar alegria, que ela podia, e ao mesmo tempo também da alegria, como ela falou: nunca mais o meu neto ficou sem ter um pão pra comer! Mas como? Que é tão pouco! Como que dava pra alimentar? Mas, quer dizer, ela tirava o sustento dela de outra forma mas, aquele dinheiro, era como se fosse assim, o pão pra eles, é como se fosse, aqui na comunidade, fosse um danone, um hambúrguer, e levar a criança no Mc Donald's. É como se fosse uma coisa diferente. (Ela comeu um pão, que não é comum?) Pra ele, e ela podia dar. Então mostrando essa satisfação, dessa alegria de poder fazer, então essa coisa de eu poder, eu posso, isso, aconteceu depois.

E: Ver também mães solteiras, mais jovens, de se sentirem rejeitada porque engravidou, teve uma gravidez indesejada ou que foi subjugada pela família, mas graças ao bolsa família ela podia ajudar o seu filho, o mínimo que fosse, mas ela já não ia ser tão, assim, uma intrusa, uma boca a mais, e ela ia poder tá colaborando e poder participar de outros programas, enfim, de outros programas sociais.

E: Então a gente vê os benefícios pra essas pessoas, que são beneficiárias. Eu só vejo coisa positiva e não vejo que traga coisa negativa, porque o programa Bolsa Família faz com que as pessoas pensem na sua condição, e aqui na comunidade que a gente imagina assim que é uma comunidade muito miserável, porque a carência social é muito grande, a gente também vê.

E: Tem muita gente que fala que o bolsa família acomoda as mães, pelo contrário, a gente não vê como acomodação, porque as pessoas pensam, as pessoas param, as pessoas refletem, então mesmo que muita gente não percebe porque não convive com essas pessoas pra ver a mudança de comportamento das pessoas que recebem o bolsa família, então elas se sentem importante, se sentem mais gente, elas não se sentem um resto na sociedade, ela faz parte de um todo.

E: Eu vi uma mãe dizer: eu recebo bolsa família, eu não preciso do seu dinheiro! Quando alguém quis questionar. Porque ela tava comprando uma coisa que a pessoa achava supérfluo pro seu filho, e ela falou não, não é, meu filho precisa, ele quer, e eu vou comprar. Então a gente vê mães assim juntar um dinheirinho.

E: Eu vi também um caso, que esse caso foi fantástico pra mim, porque a menina adolescente, e ela fazia trabalho de escola, trazia as colegas pra casa pra fazer trabalho de escola. E ela queria uma televisão pra poder assistir, mas ela queria uma televisão que ficasse na parede porque ela ia na casa das amigas e via uma televisão de LED. E a mãe não podia comprar aquelas televisões. E por mais que a mãe dissesse, ela queria uma televisão daquela. E a mãe juntou o dinheiro do Bolsa Família para comprar essa televisão pra filha e comprou no aniversário de 15 anos da menina, o presente foi uma televisão, que era o sonho da menina era ter uma televisão. Essa mãe foi muito criticada, mas ela disse, que se pudesse, todos os sonhos, a gente que mãe a gente sabe disso, todos os sonhos

da filha ela realizaria. Ela não podia dar uma festa de debutante, de gastar milhões, ela não podia comprar um vestido de princesa, mas ela pôde através do Bolsa Família realizar o sonho da filha de ter uma televisão pra quando que trouxesse as amigas pra fazer o trabalho da escola, se sentir melhor, porque era o que a menina queria. Era o sonho da menina! Então, isso me chamou muita atenção, porque eu observei que ela morava no barraco e a parede do barraco quase não aguentava aquele peso da televisão. Então muita gente essa mãe foi muito criticada: como é que ela não comprou a madeirite pra arrumar as paredes do barraco? E comprou uma televisão que não aguentava. Então muita gente não entendeu. E eu entendi aquela mãe, como mãe, de fazer aquele sacrifício e realizar o sonho da filha. Então pra essa filha, esse aniversário de 15 anos, vai marcar pro resto da vida dela.

E: Então, tem muita história que o bolsa família contribui para as famílias, e contribui no benefício, no empoderamento não só financeiro, mas de você se sentir gente, de você sentir importante, você ser um ser humano, de você ser valorizada como tal, e você saber que você tem direitos e deveres.

E: Então eu acho que essa parte da cidadania que é mais importante. Eu vejo isso como mais importante do que o valor financeiramente falando. Porque a gente vê na prática dentro dessas comunidades carente que o dinheiro é muito bom, mas o dinheiro não é tudo, porque se o dinheiro fosse realmente tudo essas pessoas não eram tão felizes. Porque a gente vê a felicidade das pessoas, a gente vê a alegria das pessoas e são miseráveis, são pobres, da extrema pobreza e às vezes não tem nem uma água gelada, porque não tem nem uma geladeira pra oferecer uma água gelada pra você. E são pessoas felizes, e são pessoas que estão de bem com a vida, não são pessoas mal-humoradas, depressivas, não. São pessoas de bem, de alto astral. Que chega, você tá triste, te dá uma palavra, que te levanta o teu alto astral. Então eu vejo dessa forma o bolsa família. O meu olhar é sempre positivo.

PESQUISADOR: Então você já falou então da mudança né, mudança comportamental, da mudança de olhar, de se sentir gente.

E: É. De se sentir importante.

PESQUISADOR: Maria, agora a outra pergunta, o que que você acha, você já falou um pouco isso, da educação, da saúde, das condicionalidades do programa, da importância que os pais se tornam mais responsáveis perante isso. A educação, e perante a saúde Maria?

E: Como assim?

PESQUISADOR: Da condicionalidade de crianças de 0 a 7, tá ali com a carteirinha de vacinação em dia.

E: Com certeza.

PESQUISADOR: Esse compromisso com a saúde né.

E: Olha, eu acho que esse programa, ele só veio somar no sentido de acrescentar tudo de bom para as famílias carentes, então desde a educação como eu já falei antes, até a mudança de hábitos ambientais e na saúde também, porque a saúde você vê desde o bebê até uma certa idade a mãe é obrigada, mesmo que ela não seja muito responsável, mas ela é obrigada a ser responsável, porque ela tem que tá com a carteirinha de vacina da criança em ordem, então com isso o que que faz? Ao mesmo tempo que ela já sabe que ela tem que tá com a vacinação da criança em dia, então ela passa a observar o seu filho melhor, então já que vai passar no posto para vacinar, ela já marca uma consulta pra uma outra situação que a criança tá se queixando, uma outra queixa que a criança está fazendo, então ela já aproveita e já passa a criança também. A gente vê no posto médico isso. Já passa a criança porque tá com uma mancha na pele, porque tá com algum outro problema que ela não consegue identificar, que às vezes pode até ser uma coisa que na continuidade poderia ser agravado, então como ela já tá passando, ela já tá fazendo a prevenção de alguma doença, principalmente, doenças de pele, porque aqui as crianças brincam muito no chão, muito na rua, fica muito exposto a muita coisa dentro do mangue, então tem muito fungo, muita bactéria, é muita exposição que a criança fica, então a gente vê muito isso. A mãe já vai passar com a criança pra vacinar ou pra pesagem, então ela já aproveita e já deixa consulta pré-agendada e já passa pelo médico, então ela já faz uma parte preventiva de saúde. Aí com isso, o estado ganha, porque vai evitar de exames desnecessários, vai evitar de até uma futura cirurgia pra aquela criança ou uma complicação maior. Já tem uma redução da taxa de mortalidade, enfim, só tem benefícios, o bolsa família só traz benefícios num todo. Se a gente for observar o programa nos detalhes mínimos, a gente vê que só tem benefício. Mesmo que muita gente crítica, porque acha que é o Bolsa miséria, é o bolsa não sei o quê, porque o olhar das pessoas é um olhar superficial, eles não olham no profundo, e não olha o comportamento das famílias, porque as pessoas que criticam elas vivem num outro momento, elas vivem numa outra fase de vida, que não tá nessa linha de extrema pobreza. E você vê pessoas que tem uma vida, vamos dizer assim, financeiramente melhor, que não precisam desse programa, tem problemas de saúde, que se tivesse fazendo as mesmas coisas que as pessoas que participam do programa, no sentido de prevenção das doenças, não estariam tendo aquele problema de saúde, porque já se preveniu, já estava fazendo uma coisa preventiva, já tava fazendo uma saúde preventiva, que não é um hábito das pessoas que não participam.

E: Então a família que participa do programa, ela tem esse hábito de prevenção desde pequitinho, desde cedo, então como ela já vem amamentando seu filho, então já vem com o bebê com aquela amamentação correta, com a alimentação correta. De 0 a 6 meses com a amamentação, difícil você ver uma mãe do bolsa família que não esteja no programa do aleitamento materno, ela tá ali participando, então já tem o hábito saudável, já vem com toda uma estrutura, então quando a criança chega na parte da infância, da segunda infância, já chega com a infância mais fortalecida, com menos doenças ocasionais, que não teria se tivesse esse programa.

E: Então na saúde a gente vê, mesmo que consegue. A gente consegue ver. a gente consegue ter esse olhar. Não sei se o meu olhar é um olhar mais atento do que outras pessoas, mas eu vejo isso com muita clareza, com muita tranquilidade. Essa diferença principalmente das crianças que são atendidas pelo Bolsa Família e as que não são. As mães que são atendidas pelo Bolsa Família tranquilamente elas aderem ao programa de aleitamento materno, as outras não, acha que não tem leite, acha que tem dificuldade, a criança com 2, 3 meses ela já tá dando mamadeira, já tá dando outro alimento, e a gente sabe que o aleitamento materno é fundamental para as crianças. Então, até a chupeta a gente vê crianças que participam do programa, elas não têm nem problema da arcada dentária, porque não usam chupeta, então a criança não pega a chupeta, por quê? Por causa do aleitamento materno. Aí a outra que não participa, ela já bota uma chupeta na boca da criança, que já fica com os dentes, a arcada dentária deformada, aí vai ter problemas respiratórios, vai ter uma série de situações, que as mães não têm essa orientação. Mesmo que as do bolsa família, não é que elas tenham né, mas elas já vão na prevenção naturalmente, então a gente já observa essa diferença também.

PESQUISADOR: Bom, a gente acabou falando da saúde, e você acabou falando da parte cultural, e uma parte mais ampla. Tem uma pergunta aqui que eu não sei se você já respondeu, que é: qual o papel da unidade de saúde da família, do posto, na vida dessas pessoas.

E: O posto eu tenho minhas críticas.

PESQUISADOR: Você utiliza qual serviço da UBS. Seria, na verdade, acho que você meio que já falou da saúde, do acompanhamento.

E: Eu posso fazer uma crítica agora?

E: Olha a minha crítica não é nem o programa não. É pra as pessoas que são responsável pelo programa. Porque o programa, assim como outros programas sociais, como programa de saúde da família, que é o PSF, assim como o mais médicos, enfim, outros programas que o governo tem sociais.

E: Eu acho que é programas, assim, de primeiro mundo, fundamentais pra quem vive na extrema pobreza, como nós vivemos aqui. Agora, a minha parte de crítica disso tudo, somos nós profissionais, que estamos do outro lado do programa, porque os profissionais, acho que a gente tem que ter muita cautela quando se fala dos programas, porque nós temos que observar com a razão, com o olho da razão, o racional, não é nem com o emocional, nem com o coração, e nem porque eu não gosto nem do preto, nem branco e nem do azul, mas com o lado racional do que é bom. Então pra mim não importa se foi o colorido ou preto, branco ou vermelho que trouxe esse programa.

E: Eu vejo o benefício que ele faz pra comunidade e pras pessoas que são assistidos. Então cabe aos profissionais de saúde, assim como os médicos no programa Mais Médicos; a gente vê a diferença dos médicos do programa Mais Médicos, que não é do programa Bolsa Família, mas que está inserido nos atendimentos. Os médicos do programa Mais Médicos eles têm um atendimento

diferenciado, eles atendem muito melhor, eles são mais, não digo mais profundo, mas eles são mais comprometidos com a saúde e comprometido com a atenção que é dada ao paciente.

E: Já os médicos que não pertencem, que alias, que talvez pertença ao programa mas que não são médicos que vieram, mas que são médicos do PSF, a gente vê um atendimento, os procedimento diferenciado. Ele quer se livrar do paciente, ele não quer o paciente na sala dele, então ele não orienta devidamente, ele não dá aquela atenção como o outro dá. Ele mal olha no olho do paciente. Quer se livrar – o que é que você quer? Que é? exame? O paciente é que faz a sua consulta, o paciente é que chega e diz: olha eu quero um exame disso, um exame daquilo, eu quero um encaminhamento pra essa ou para aquela especialidade. O médico não esclarece, o médico não diz: olha, você não precisa desse médico, desse remédios, desse exame, por essa ou aquela razão. Então ele simplesmente faz o que o paciente pede, quando faz, mas de uma forma muito, sabe, muito ruim. Não é bom pro programa.

E: Assim, como também, os outros profissionais da Saúde. Então tanto do programa mais médicos, como os profissionais no modo geral. Então, os assistentes sociais, a gente vê que os assistentes sociais dentro do programa, ao invés deles serem os agentes facilitadores, de esclarecimento, não. Eles são agentes burocráticos demais, que a pessoa não tem como saber, porque se você é um profissional, você tem obrigação de saber esclarecer. Agora se você não sabe, não esclarece. Como é que o usuário daquele problema vai saber? O município?

E: Enfim, a pessoa que está usando não tem como saber a informação, a falta de informação ou a informação da forma correta. Então tem que ter um compromisso e o comprometimento desses profissionais.

E: Eu acho que o governo tinha que ter ou alguém, uma fiscalização, não digo o programa do programa, mas tinha que ter uma capacitação para essas pessoas. Essas pessoas tinham que ter, sabe, essa responsabilidade social, de saber que é gente cuidando de gente, que são vidas que estão ali, e que precisa, e que a informação é a base de tudo! Às vezes, a pessoa só precisa de uma informação correta. Deu a informação correta, a pessoa vai sozinha, e a gente vê muito isso.

E: Muito dinheiro do governo desperdiçado por falta de informação. As pessoas ficam, é muito gasto de papel, de tempo com profissionais, com exames, com coisas desnecessárias, se tivessem pessoas realmente capacitada, habilitadas realmente, e comprometidas. Essa é minha crítica!

Pesquisador: E você gostaria de falar mais alguma coisa?

E: Não (risos)

E: Só se você quiser saber mais alguma coisa. Acho que em relação ao bolsa família.

E: O que eu gostaria era de ver se o programa sendo extenso, ele sendo mais amplo, sabe, tivesse um programa pra, por exemplo, como tem que assiste as

crianças, porque esse programa assiste mais a criança, do que o cuidador da criança. Então acho que esse programa tinha que ser mais extenso, porque a gente tem, socialmente falando, uma população de rua que precisa de ter uma programação, não tem um Bolsa Família, não tem um dinheiro, mas um programa social que fizesse com que essas pessoas fossem assistidas de uma forma mais firme, de uma forma mais consistente, e mais direta.

E: Além da população de rua. O idoso, enfim, a gente vê muita carência das pessoas, que o governo não precisa investir muitos milhões em programas sociais pra dar assistência a essas pessoas. Que têm muita gente precisando de assistência. Não que o governo fosse um governo assistencialista, mas que a gente tivesse, não que precisa ser patriarcal, mas que a gente tivesse um programa funcionando e que as pessoas que trabalhassem não fossem lá só receber o seu salário, realmente fosse desempenhar sua função. A gente vê no serviço público, as pessoas não são públicas, elas são privadas delas mesmas elas, são pessoas que trabalham pra si próprias. Não trabalham pro público! Então, o governo, acho que tinha que ter uma fiscalização a maior com essas pessoas e tivesse uma exigência, uma cobrança maior na execução.

PESQUISADOR: Na execução.

PESQUISADOR: Bom Maria, acho que, agradeço a sua

E: Eu que agradeço a oportunidade.

PESQUISADOR: Agradeço sua compreensão e a sua entrevista (risos)

PESQUISADOR: Vou encerrar, tá?

E: tudo bem.

[Fim]

Tabela I
Categoria Empírica:
Programa Bolsa Família é importante para as famílias da Vila dos Pescadores.
Trecho:
“O meu olhar em relação ao Bolsa Família na comunidade, eu vejo de uma forma positiva porque a carência social é muito grande a gente tem muitos problemas sociais aqui dentro comunidade.” Maria – ET-7 – PG01];
Resumo:
O programa é essencial na vida do beneficiário.

Tabela II
Categoria Empírica: Condicionalidades.
Trecho: <p>“Então antes do Bolsa Família o comportamento das pessoas é um comportamento um tanto quanto irresponsável em relação à disciplina dos filhos e depois do Bolsa Família agente observa os cuidados que os pais têm, os responsáveis têm com essas crianças pertencentes a esses grupos que participa no modo geral desses programas sociais. Então o bolsa família, no meu ponto de vista, é um programa muito válido, mesmo que seja uma quantia que seja financeiramente não dá suporte pras famílias, mas o suporte maior do Bolsa Família é exatamente a educação” [Maria – ET-7 – PG01];</p> <p>“[...]então desde a educação como eu já falei antes, até a mudança de hábitos ambientais e na saúde também, porque a saúde você vê desde o bebê até uma certa idade a mãe é obrigada, mesmo que ela não seja muito responsável, mas ela é obrigada a ser responsável[...]” [Maria – ET-7 – PG05];</p> <p>“[...]Essa diferença principalmente das crianças que são atendidas pelo Bolsa Família e as que não são. As mães que são atendidas pelo Bolsa Família tranquilamente elas aderem ao programa de aleitamento materno, as outras não, acha que não tem leite, acha que tem dificuldade, a criança com 2, 3 meses ela já tá dando mamadeira, já tá dando outro alimento, e a gente sabe que o aleitamento materno é fundamental para as crianças. Então, até a chupeta a gente vê crianças que participam do programa, elas não têm nem problema da arcada dentária, porque não usam chupeta, então a criança não pega a chupeta, por quê? Por causa do aleitamento materno. Aí a outra que não participa, ela já bota uma chupeta na boca da criança, que já fica com os dentes, a arcada dentária deformada, aí vai ter problemas respiratórios, vai ter uma série de situações, que as mães não têm essa orientação[...]” [Maria – ET-7 – PG06].</p>
Resumo: Condicionalidades vistas como algo positivo.

Tabela III
Categoria Empírica: Ser visto pelo governo como algo positivo
Trecho: <p>“Então, tem muita história que o bolsa família contribui para as famílias, e contribui no benefício, no empoderamento não só financeiro, mas de você se sentir gente, de você sentir importante, você ser um ser humano, de você ser</p>

valorizada como tal, e você saber que você tem direitos e deveres” [Maria – ET-07– PG 04].

Resumo:

O sofrimento de invisibilidade em contraponto à positividade de ser visto por alguém, no caso aqui o governo.

Tabela IV

Categoria Empírica:

Unidade de Saúde da Família.

Trecho:

“[...]Então, os assistentes sociais, a gente vê que os assistentes sociais dentro do programa, ao invés deles serem os agentes facilitadores, de esclarecimento, não. Eles são agentes burocráticos demais[...]” [Maria – ET-7 – PG07].

Resumo:

Insatisfação com a unidade de saúde.

2 - Transcrição Entrevista Bela – 19/08/16.

[Início]

PESQUISADOR: Então a primeira pergunta é o que você acha sobre o Programa Bolsa Família?

E: Na minha opinião, eu acho que é um benefício que traz um pouco de alívio pra essas famílias carentes, que passam... Às vezes é uma coisa pontual na vida delas, mas acontece do chefe da casa estar desempregado, da mãe não ser uma pessoa do mercado de trabalho, de ser uma prole muito grande e por outro lado às vezes insuficiente com o que o provedor ganha, ou uma mãe que não tem marido, que é a provedora da casa. Eu acho que serve como incentivo. Portanto, eu acho que ela não deve ser muito alta já pra não desmotivar a pessoa a não ir pro mercado de trabalho, e viver só desse benefício. Esse lado eu gosto. Então eu acho assim, a maioria da população não tem uma ciência do valor que pago, eles acham que é uma coisa muito alta, não sei o que, e não é. É quase simbólico o valor. Mas é um jeito de você chegar ao conhecimento da população pra que eles não pensem que quem vive de Bolsa Família não precisa trabalhar. Gosto do Programa, eu acho que é necessário, ajudou muito, porque eu conheço muitas famílias que estavam em extrema miséria e com esse pouco que o Bolsa Família deu elas conseguiram decolar e sair desse perfil de miséria. Então, pra mim, funciona.

PESQUISADOR: E o papel do Programa pra comunidade? O que você acha?

E: Ele tem muita procura, ele é muito querido. O pessoal quer, quer, quer. Mas muitas pessoas ainda não sabem do direito. Eu acho que falta interesse dessas pessoas, que às vezes são muito carentes, procurar o serviço. A gente tenta oferecer. Eles têm um pouco de restrição, porque não querem ser considerados miseráveis, não sei o que, mas são. Entendeu? Então eles acham às vezes que até ter o Bolsa Família é uma situação humilhante, constrangedora pra eles. E, por outro lado, tem outros que fazem questão de vir, participar, de participar das consultas que a gente tem que promover pra manter o Bolsa Família, pra manter os dados atualizados, eles vêm até demais.

PESQUISADOR: Entendi. Você observou alguma mudança na... Deixa eu fazer uma pergunta mais completa... Qual o papel da Unidade Saúde da Família para os beneficiários? O que você acha?

E: O papel da Unidade, além de ser o setor que leva a informação para o Serviço Social a fim de manter atualizados os dados desse beneficiário, ela proporciona o contato com essas famílias, que muitas vezes não procuram o serviço de saúde a não ser por conta da Bolsa Família. Porque eles precisam fazer as medições, tá em dia com os dados aqui. Então eu acho que é quase compulsório. Tem Bolsa Família, passa no médico. Tem Bolsa Família, a pessoa procura

manter aqueles dados sempre atualizados. Por consequência ela se cuida mais. Em termos de saúde, ela se cuida mais. Porque, já que ela está na unidade, ela passa no médico, o filho, todos os demais da família que fazem parte do Programa, eles passam a frequentar a unidade com mais assiduidade e fazer um acompanhamento, a prevenção de saúde. Não só nós, acredito também que isso ocorra nas escolas. A criança é frequentadora mais assídua por conta do Bolsa, porque a mãe tem medo de perder o benefício e passa a questionar mais e a exigir mais o comparecimento da criança na escola, acompanhar mais o lado da educação da criança como da saúde. Isso daí é básico.

PESQUISADOR: Isso você percebe, assim, isso você mesmo vê isso?!

E: As crianças do Bolsa Família parecem mais cuidadas. Antes a gente observava um perfil, hoje a gente nota que são crianças mais bem cuidadas. As mães fazem as crianças com vacinas em dia, porque é obrigatório, elas passam em consultas de rotina, já nem é obrigatório, às vezes elas passam até porque já tomaram o hábito de acompanhar a saúde da criança. Eu acho que trouxe benefícios assim. Educou um pouco no sentido saúde e educação. Pra não correr aleatório, assim. Como às vezes a pobreza é um pouco desmotivante pra essas mães, elas abrem mão de certos cuidados, de atenções que por conta desse benefício elas têm que ficar atentas. Elas têm que ficar, porque não indo pra escola, não trouxe no posto, não tá com a vacina em dia, o benefício é cortado. E elas sempre têm isso na conta dos cuidados. E a gente também aproveita o ensejo pra dar uma bronca. Se a gente perceber que tem alguma coisa errada, "ó, não faça mais isso, porque se o seu assistente social pegar a sua ficha e ver que isso aqui não tá de acordo ele vai cortar o benefício. Fica atenta! Agora tá tudo certo, mantenha a vacinação a frequência da criança na escola". A gente sempre orienta no sentido até de fazer a cabeça deles pra eles terem mais cuidado. Quando acontece algum problema com um desses beneficiários do Bolsa, a primeira coisa que eles referem, "olha, mas eu tive um problema, minha mãe ficou doente, eu tive que viajar, por isso que a vacina do Júnior não tá em dia". Eles se justificam, entendeu? Então eles procuram ter sempre um cuidado especial.

PESQUISADOR: Sim, sim. Dar uma resposta, né?

E: É, se justificar de porquê não tá de acordo. Pra gente esse benefício traz uma luz pra pessoas que estavam completamente desmotivadas. A trabalhar, a melhorar. A gente orienta, no sentido de fazerem cursos. O município tem muitos cursos gratuitos que pelo serviço social mesmo eles conseguem capacitação pra começar a vida. Porque, na verdade, muitas vezes essas famílias elas são desestruturadas desde a base, desde o começo. Então é alcoólatra, é um drogado, é uma pessoa que vem de um outro relacionamento e já traz uma família pro relacionamento. Uma prole de 2, 3 filhos. Aí fica aquela história "ah, não são meus filhos". Então, eles tendo o Bolsa Família o padrasto, no caso, ou a madrasta, já não veem com tão maus olhos essa prole que não é dele. Porque eles têm uma renda, entendeu? Porque isso infelizmente...

PESQUISADOR: Já tem o benefício que vale a pena

E: É. Não vai viver às custas do padrasto ou da madrasta. Entendeu? Infelizmente a gente tem que ver todos esses ângulos, pela extrema pobreza que alguns têm. Então a gente...

PESQUISADOR: Aqui na vila, né?!

E: É, principalmente aqui. A gente sempre procura orientar pra manter os serviços em dia, o médico e o escolar.

PESQUISADOR: Interessante a sua visão. Acho que você falou, né, sobre a diferença entre... um pouco da saúde, né, da beneficiária vim, tá em dia com a condicionalidade, de vir aqui no posto, né? Você falou também da diferença da criança, né, uma criança...

E: Uma melhora sensível. Há uma melhora sensível. Por menor que seja o benefício, você nota que a criança já tem outra aparência. Ela vem com outra aparência. Ela vem melhor vestida, melhor alimentada. Parece que o Bolsa desperta esse cuidado.

PESQUISADOR: Sim, sim. Você meio que já respondeu, mas não sei, a pergunta seria: você acha que existe alguma diferença entre ser beneficiário e não ser beneficiário? É uma pergunta geral, né, mas acho que você já respondeu...

E: Eu acho que, tipo, essa está naquela discussão. Eu acho que ninguém gosta de ser dependente, por princípio. Eu acho que a gente nasce e um direito nosso é a liberdade. Então, a criança, a mulher que depende de um benefício ela sempre vai se sentir inferiorizada. Mesmo porque às vezes existem pessoas de muito mal gosto que fazem piadas a respeito do Bolsa Família. Se existem aproveitadores... Em tudo existe. Não existe um perfil reto de uma... Que defina todo mundo naquela categoria. Lógico, porque há gente que não precisa e continua recebendo. Entendeu? Mas eu acho que a grande maioria que recebe... Aqui na vila nem tanto, eles não ficam muito constrangidos porque existe muita pobreza. Eu trabalhei em outras unidades, eu trabalhei lá na do Casqueiro. O Casqueiro é um bairro nobre de Cubatão. É considerado classe média alta. As pessoas que eram beneficiárias lá, que eram do conjunto São Judas Tadeu na época porque não existia o Rubens Lara, elas chegavam lá muito acanhadas. Pelo contato com aquelas pessoas de maior poder aquisitivo. Eu percebia que elas se sentiam constrangidas de... Quando a gente chamava pra fazer a medição, tudo, a gente chamava assim quase eu em off. Elas estavam do lado de fora da sala e a gente chamava "Maria". Aí quando ela entrava a gente se declarava, "ó Maria, o Bolsa Família é teu?" "É" "Você tem, teu filho é assim?" "É". Aí a gente abria a condição dela. Mas normalmente a gente ligava. Ligava e agendava. Pra elas não chegarem lá em horário de pico. Porque quando entram em contato com outros da população eles ficam constrangidos.

PESQUISADOR: Ah! Então...

E: A pergunta é de acordo com a classe social do bairro que é aplicado. Pode ter certeza. Em bairros mais nobres as pessoas que tem esse benefício tem

muita vergonha. Talvez pelo vizinho, porque as crianças deles frequentam a mesma escola do classe média alta e eles não querem passar essa ideia de pobreza, de carência a ponto de ter que receber isso daí. Então eles tentam se controlar. Mas eu tenho uma... Tinha uma senhora em especial que eu tinha muito cuidado pra falar com ela. Ela tinha três meninas. Uma mais linda que a outra. Ela levava essas meninas engomadas. Cabelinho, roupa, tudo, pra mostrar que o benefício do Bolsa estava sendo usado nelas. E ela era toda tímida. E as meninas também, bem contidas, assim, bem durinhas. Dava dó.

PESQUISADOR: Então você acha que há um certo pudor, assim.

E: Existe. Existe. Deles em relação às pessoas e das pessoas em relação a eles.

PESQUISADOR: Interessante isso. Essa diferença do Casqueiro, que você falou, um bairro mais nobre, né, diferente assim de classe social

E: E naquela época, em especial, no Casqueiro o único conjunto habitacional popular que a gente tinha era o São Judas.

PESQUISADOR: Então era concentrada, é isso que você tá querendo dizer?

E: Toda a pobreza era concentrada ali. Não existiam outros moradores carentes. Todos eram proprietários de suas casas. Casas enormes, como até hoje estão lá. E isso não tem muito tempo não, olha, isso é coisa de 5, 6 anos atrás.

PESQUISADOR: Sim, sim, sim.

E: Não é uma coisa assim "ah, em 1930". Não. Agora. Dois mil e alguma coisa.

PESQUISADOR: Recente.

E: É. Antes do Rubens Lara vir. Hoje o Rubens Lara representa, assim, uma degradação no bairro. Porque trouxe cotas, água fria, não sei o que não sei que lá. Tudo desceu pra lá. Então, ele se tornou mais pobre. Tanto que hoje existe o PSF lá por conta disso. Porque mudou o perfil da população do bairro. E antes não, era só aquele grupinho... Era um gueto, né?! O São Judas Tadeu era o gueto da pobreza. Porque é CDHU. Entendeu?

PESQUISADOR: É... Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre o Bolsa aqui, alguma alteração dele, alguma característica do Bolsa aqui, alguma dificuldade, que tem que melhorar...

E: A dificuldade é o que eu refiro, né?! A atualização do cadastro. Essa atualização do cadastro nos está matando. Porque eu tenho famílias que constam naquela relação que nunca receberam benefício. E quando a gente convoca pra vir aqui pesar o menino eles falam assim "Eu não vou, eu nunca recebo". Entendeu? Eu não sei aonde pega o sistema, mas isso aí tinha que ser feito uma atualização mais ágil de incluir e excluir. Entendeu? Uma coisa mais moderna, mais focada nisso, pra gente também ter noção do que tá acontecendo. Porque eu tenho uma planilha enorme e dessa planilha enorme eu tô com um grupo bem reduzido. Quer dizer, não tem lógica. Eu acho que peca esse programa nesse sentido: na atualização dos dados. Atualizar, incluir, excluir

com mais agilidade. Pra gente ter noção e saber a proporção do que a gente precisa, até. Até pra projetar alguma coisa no município, você precisa ter uma projeção de quantas famílias você vai beneficiar. Ou quantas estão perdendo. Como é uma população que vive de empregos temporários, isso tem que ser mais ágil. Porque hoje um chefe de família ganha um big de um salário. Aí ele faz a famosa parada, ele trabalha 3, 6 meses numa empresa, ele é demitido. Aí ele entra no perfil do Bolsa. Ele tá dentro do perfil. Daqui três meses ele arruma outro emprego, ele sai do Bolsa. Mas o nome dele continua lá. É complicado você lidar com uma população grande, que oscila o tempo todo de condição social.

PESQUISADOR: De condição socioeconômica, né?!

E: É. A minha grande queixa é essa. Agilizar o processo de cadastro, de credenciamento e descredenciamento. Eu acho que isso é um pecado muito grande, que tira a noção do gestor e do Programa também porque, se olhar a listagem da nossa agenda aqui, é enorme. Aí quando você vê o número de beneficiários é pequena. Isso é uma coisa que pode ser procurada. Tem solução.

PESQUISADOR: Tem. De fato tem, né?! E estar no descontrole é um pouco aberto demais, né, você não sabe...

E: É. Os critérios do Bolsa, também, eu acho às vezes que peca pelo pouco que eles... Vamos supor, pela divisão da renda. Se a gente analisar o juro, o valor da alimentação, da habitação, de não sei o que não sei que lá, a gente vê que o que é pago ou o valor que é necessário pra ter direito, per capita, não sei, não se aplica à região sudeste. Ele deveria ser regional.

PESQUISADOR: Ah, entendi. Olha, que interessante essa tua visão, heim.

E: Não se aplica a região sudeste. Talvez na região norte, nordeste, em outras regiões mais carentes, 120, 140 reais, 80 reais... Nossa, é um dinheirão. Aqui não. Aqui o nosso custo de vida é alto. Não é uma coisa simples. A pessoa vai numa feira, vai no mercado e... Você entendeu? As necessidades daqui são outras e maiores. Não é outras não.

PESQUISADOR: Você se refere à região sudeste?

E: É, a região sudeste. O salário mínimo deveria ser regional. A região sudeste é cara de viver. Ponto.

PESQUISADOR: É, fazer um cálculo proporcional, né?!

E: Proporcional. Como aqui é a região que mais leva tributos pro governo, o governo deveria devolver mais benefícios. Ou proporcionais ao que arrecada aqui. Não é assim "ah, mas a gente tem que ajudar quem precisa". Sim, mas aqui tem muita pobreza. E é mais encoberta pelo volume de pessoas que são. Porque nós somos milhões. Olha, a grande, a grande... a maioria da nossa população é sudeste. Então, pelo fato de ser um lugar densamente de população...

PESQUISADOR: Densidade, né?! A densidade alta.

E: Densidade demográfica alta, muita coisa some. O que aconteceu agora com a vacina é um exemplo típico. Se anteciparam as vacinações das cidades de São Paulo e outros municípios de grande porte pro dia 11. A nossa região ficou pro dia 30. Desabasteceu a Central de frio, aí ficou desabastecida. A vacina é gordura. Ela tem um prazo pra ser usada. Quando chegou o dia, não havia doses suficientes. Então se estabelecem prioridades, às vezes, que não dá pra entender. São Paulo teve um surto? Teve. Então, o que eles teriam que ter feito? Prorrogar o nosso prazo ou dar um jeito de importar. Não sei. E a mesma coisa o Bolsa Família. O Bolsa Família, o que eles pagam aqui na região sudeste, na minha concepção, é insuficiente pelo custo de vida.

PESQUISADOR: E você acha que por ser insuficiente o impacto não seja... O que você acha do impacto na vida dessas pessoas? Que você já falou que tem um certo impacto, assim.

E: Eu acho que ainda é mais humilhante. "Ai, eu tenho que ir lá no posto me pesar, medir, levar minhas crianças, fazer tudo direitinho, pra poder pegar R\$80,00", "Ai, eu tenho que fazer um monte de coisas pra pegar R\$120,00 que não dá pra eu ir na feira o mês inteiro ou não dá comprar um par de sapato pro meu filho que tem que ir pra escola e precisa". O município dá material, dá uniforme. Tá, mas a criança, independente disso, a criança precisa de outras coisas.

PESQUISADOR: Aí vem o que você falou, né, dessa renda ser proporcional à região, né?! Interessante isso, porque é nacional, né?!

E: É. É ruim separar? É. Fazer uma divisão escalonada? É ruim. Pra todos, né?! Vamos combinar. Mas aqui na região sudeste, eu acho, tá muito errado esse valor. O salário mínimo dividido por poucos números de pessoas não pode ultrapassar aquilo lá. Todos vão receber? Não. Os critérios eu acho que deveriam mudar nesse sentido, porque hoje a nossa população está velha também. Essas pessoas têm direito? Tem direito gestante, tem direito criança. Um idoso, se chegar lá, que gasta às vezes uma fortuna com remédios, poderia receber o Bolsa Família, só ele? Não. Então, sabe, às vezes uma pessoa sozinha passa muita necessidade. Mas a renda dela não permite. Ela ganha um salário mínimo de aposentadoria, de benefício, e a partir daí ela tem que fazer o mundo com aquele dinheiro. E não dá. O salário mínimo já é pouco.

PESQUISADOR: É, já não é o...

E: O ideal. Bom, de acordo com o cálculo deveria ser pra lá de R\$2000,00.

PESQUISADOR: Sim, sim.

E: É isso.

PESQUISADOR: É isso, agradeço a sua participação. Eu vou aqui, vou colocar aqui...

[Fim]

Tabela I
Categoria Empírica:
Programa Bolsa Família é importante para as famílias da Vila dos Pescadores.
Trecho:
“Na minha opinião, eu acho que é um benefício que traz um pouco de alívio pra essas famílias carentes” [Bela – ET-2 – PG01];
“Gosto do Programa, eu acho que é necessário, ajudou muito, porque eu conheço muitas famílias que estavam em extrema miséria e com esse pouco que o Bolsa Família deu elas conseguiram decolar e sair desse perfil de miséria. Então, pra mim, funciona” [Bela – ET-2 – PG01];
Resumo:
O programa é essencial na vida do beneficiário.

Tabela II
Categoria Empírica:
Condicionalidades.
Trecho:
“O papel da Unidade, além de ser o setor que leva a informação para o Serviço Social a fim de manter atualizados os dados desse beneficiário, ela proporciona o contato com essas famílias, que muitas vezes não procuram o serviço de saúde a não ser por conta da Bolsa Família” [Bela – ET-2 – PG01];
“Tem Bolsa Família, a pessoa procura manter aqueles dados sempre atualizados. Por consequência ela se cuida mais. Em termos de saúde, ela se cuida mais. Porque, já que ela está na unidade, ela passa no médico, o filho, todos os demais da família que fazem parte do Programa, eles passam a frequentar a unidade com mais assiduidade e fazer um acompanhamento, a prevenção de saúde” [Bela – ET-2 – PG01].
Resumo:
Condicionalidades vistas como algo positivo.